

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

RAFAELLE FLAIMAN LAUFF

ÚTIL E AGRADÁVEL: A REVISTA DE EDUCAÇÃO (1934-1937)

**REMODELIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO E DIVULGAÇÃO DA POLÍTICA
REFORMISTA EDUCACIONAL DO GOVERNO DE JOÃO PUNARO BLEY NO
ESPÍRITO SANTO**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

**SÃO PAULO
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

RAFAELLE FLAIMAN LAUFF

ÚTIL E AGRADÁVEL: A REVISTA DE EDUCAÇÃO (1934-1937)

**REMODELIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO E DIVULGAÇÃO DA POLÍTICA
REFORMISTA EDUCACIONAL DO GOVERNO DE JOÃO PUNARO BLEY NO
ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sob orientação da Professora Doutora Maria Rita de Almeida Toledo.

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

**SÃO PAULO
2007**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Rita de Almeida Toledo

Prof^a. Dr^a. Marta Maria Chagas de Carvalho

Prof. Dr. Bruno Bontempi Júnior

Para meu Mestre:

*Pai querido, obrigada pelos planos;
Grandes sonhos especiais pra mim.
Tu me guias nos caminhos desta vida.
Ao Teu lado, nada faltará.
Eu Te amo mais que tudo;
Quando forte quando fraco,
Ao meu lado estás.
Agradeço, Pai querido
Por ligar nossa a vida
Num só coração*

Para minha família

Orlando, Papai, Mamãe, Flávia, Alex, Peinha
Tia Irma, Tia Erna, Vovô Rodolpho
Georgelita, Elídio, Aninha, Geórgia, Thiago

AGRADECIMENTOS

À DEUS, Criador e Mantenedor, Refúgio e Fortaleza. Antes de qualquer pessoa, foi pela Sua vontade que tudo aconteceu. Planeja, executa, guia, protege, ensina, incentiva, anima, corrige, aquece, alimenta, alegra. Em tudo me supre. Sem Ele não teria compreendido os complexos raciocínios das ciências humanas e não teria escrito uma única linha desse texto.

À professora Maria Rita de Almeida Toledo, quem mais contribuiu para a construção do texto. Suas orientações e esforço em relação às opções teóricas e ao melhor caminho que o estudo poderia seguir ampliaram horizontes e foram fundamentais. Seu incentivo para que se melhorasse o máximo possível até o último minuto foi um grande estímulo para que eu continuasse firme no trabalho.

Ao professor Amarílio Ferreira Neto, que me abriu o caminho para uma carreira acadêmica pela sugestão do projeto de pesquisa, pelo suporte material (fontes de pesquisa) e apoio intelectual para que o estudo fosse efetivado. Suas relevantes observações também foram essenciais.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação: História Política e Sociedade, José Geraldo Silveira Bueno, Bruno Bontempi Júnior, Marta Maria Chagas de Carvalho, Maria das Mercês Ferreira Sampaio, Maria Rita de Almeida Toledo, e à professora do Programa de Pós-Graduação em História, Heloísa de Faria Cruz, pelas interessantes discussões durante o curso das disciplinas: profissionais sérios, competentes e exigentes com os quais aprendi muito.

À professora Marta Maria Chagas de Carvalho e ao professor Bruno Bontempi Júnior por terem aceitado participar da minha Banca de Qualificação, pelos elogios, sugestões e críticas que deram novos rumos para o estudo e que também me ensinaram pontos cruciais para a pesquisa científica em história da educação. Foram contribuições importantes para o resultado final deste trabalho.

Ao meu pai, Walter Krüger Lauff, que trabalhou muito para me manter em São Paulo e custear meus estudos e à minha querida tia, Irma Krüger Lauff, a primeira pessoa

a dizer que eu faria esse mestrado de qualquer jeito e a se dispor a me ajudar financeiramente. Agradeço por acreditarem em mim e se esforçarem para que o sonho se tornasse realidade.

Ao Orlando, meu amor querido, pelo incentivo e compreensão, por abrir mão da minha presença e suportar a distância que nos separava, para que eu pudesse empenhar-me nos estudos e pelo apoio em todos os momentos.

À minha família, base de sustentação, que não me deixou esmorecer.

Aos amigos que fiz durante o curso em São Paulo, que preencheram o vazio deixado pela distância da família, absolutamente necessário para não desistir, entre os quais destaco Ana Flávia Sofiste, grande amiga na vida acadêmica, e Graciela Érica Rodrigues, minha irmã paulista.

Aos amigos do PROTEORIA, companheiros de pesquisa.

À simpática e atenciosa Glaucia Moulin Coelho, da Academia Cachoeirense de Letras, pelas informações sobre Claudionor Ribeiro, personagem chave do estudo.

À Adriana Loureiro pela correção de português e empenho para me ajudar a entregar o texto a tempo.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em especial ao corpo docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, pela receptividade e oportunidade de realizar meu mestrado.

Ao CNPQ, pela concessão da bolsa de estudos.

HISTORIADOR

*Lê tanto
Que vive o sentimento da palavra
Tonteia.
Lê tanto
Que a vida se estende
Pelos confins da história.
Mergulha.
Quase se acha o outro: Jerônimo, Punaro, Grimaldi, Ortiz (a Maria).
Também vive o vulgo,
O anônimo:
É paranaubi catequizado em Reis Magos;
(pode ser um quilombola do Rio Cricaré);
tem dia que tem semelhança grande com a rendeira de Guarapari;
já foi confundido com um agricultor do Rio Santa Maria
(porém, outro dia, transeuntes afirmaram tê-lo visto como carnavalesco do boi em Muqui)
Historiador...
Prova prova quer provas (vive provando!) quer esses outros
todos, muitos,
somos
nós.
(Baronesa de Araras)*

RESUMO

A pesquisa tem a Revista de Educação (do Espírito Santo) (REES) como objeto do estudo. Esse periódico foi publicado na cidade de Vitória, entre os anos de 1934 a 1937. Nesse período o estado estava sob Intervenção Federal do Capitão João Punaro Bley, que assumiu em 1930 e governou até 1943. A produção, a circulação e a distribuição da REES foram responsabilidades do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural, vinculado ao Departamento de Ensino Público do Espírito Santo. Essa pesquisa privilegiará as estratégias editoriais e as prescrições educacionais da REES. A revista será analisada em sua *materialidade*, com base nos pressupostos teóricos de Roger Chartier, a fim de elucidar as *representações* veiculadas, constituidoras dessa materialidade. Para tanto, toma o conceito de *estratégia* postulado por Michel de Certeau como fundamental para compreender a produção e circulação da Revista de Educação no Espírito Santo.

Palavras-chave: história da educação; Revista de Educação do Espírito Santo; estratégias editoriais; prescrições educacionais.

ABSTRACT

The research has *Revista de Educação* (from Espírito Santo) (REES) as the object of study. This periodical was published in Vitória between 1934 and 1937. During this period, the state was under federal intervention of Captain João Punaro Bley, who took over in 1930 and commanded until 1943. The production, circulation and distribution of REES were Service of Cooperation and Cultural Extension's responsibilities, which was related to Public Teaching Department of Espírito Santo. This research will favour the editorial strategies and educational prescriptions of REES. The periodical will be analyzed under Roger Chartier's theoretical assumptions, so as to elucidate the representations that were diffused in order to constitute it. For doing this, it takes the concept of strategy postulated by Michel de Certeau as fundamental to understand the production and circulation of *Revista de Educação* in Espírito Santo.

Key-words: history of education; *Revista de Educação* from Espírito Santo; editorial strategies; educational prescriptions

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa 1 - Revista de Educação n. 1, 1934.....	118
Figura 2	Capa 2 - Revista de Educação n. 2, 1934.....	118
Figura 3	Capa 6 - Revista de Educação n. 6, 1934.....	118
Figura 4	Capa 7-8 - Revista de Educação n. 7-8, 1934.....	118
Figura 5	Capa 9 - Revista de Educação n. 9, 1934.....	119
Figura 6	Capa 10-11 - Revista de Educação n. 10-11, 1935.....	119
Figura 7	Capa 12 - Revista de Educação n. 12, 1935.....	119
Figura 8	Capa 13 - Revista de Educação n. 13, 1935.....	119
Figura 9	Capa 14 - Revista de Educação n. 14, 1935.....	120
Figura 10	Capa 15-16 - Revista de Educação n. 15-16, 1935.....	120
Figura 11	Capa 17-18-19 - Revista de Educação n. 17-18-19, 1935...	120
Figura 12	Capa 22 - Revista de Educação n. 22, 1936.....	120
Figura 13	Capa 23-24 - Revista de Educação n. 23-24, 1936.....	121
Figura 14	Capa 25 a 28 - Revista de Educação n. 25 a 28, 1936.....	121
Figura 15	Capa 29 - Revista de Educação n. 29, 1937.....	121
Figura 16	Capa 30-31 - Revista de Educação n. 31, 1937.....	121
Figura 17	Sumario 1 - Revista de Educação, n. 1, 1934.....	122
Figura 18	Sumario 6 - Revista de Educação, n. 6, 1934.....	122
Figura 19	Sumario 12 - Revista de Educação, n. 12, 1935.....	122
Figura 20	Sumario 13 - Revista de Educação, n. 13, 1935.....	122
Figura 21	Sumario 14 - Revista de Educação, n. 14, 1935.....	123
Figura 22	Sumario 17 - Revista de Educação, n. 17-18-19, 1935.....	123
Figura 23	Sumario 22 - Revista de Educação, n. 22, 1936.....	123
Figura 24	Sumario 23 - Revista de Educação, n. 23-24, 1936.....	124

LISTA DE FIGURAS

Figura 25	Sumario 25 - Revista de Educação, n. 25 a 28, 1936.....	124
Figura 26	Sumario 29 - Revista de Educação, n. 29, 1937.....	124
Figura 27	Anúncio 1 - REES n. 6, capa, 1935.....	125
Figura 28	Anúncio 2 - REES n. 7-8, quarta-capa, 1934.....	125
Figura 29	Anúncio 3 - REES n. 10, quarta-capa, 1935.....	125
Figura 30	Anúncio 4 - REES n. 13, p. 30, 1935.....	125
Figura 31	Anúncio 5 - REES n. 13, quarta-capa, 1937.....	126
Figura 32	Anúncio 6 - REES n. 25-26-27-28, quarta-capa, 1936.....	126
Figura 33	Anúncio 7 - REES n. 30, p. 47, 1937.....	126
Figura 34	Anúncio 8 - REES n. 30, quarta-capa, 1937.....	126
Figura 35	Foto 1 - REES n. 3, p. 1, 1934.....	127
Figura 36	Foto 2 - REES n. 3, p. 3, 1934.....	127
Figura 37	Foto 3 - REES n. 17-18-19, p. 3, 1935.....	127
Figura 38	Foto 4 - REES n. 17-18-19, p. 4-5, 1935.....	128
Figura 39	Foto 5 - REES n. 17-18-19, p. 6-7, 1935.....	128
Figura 40	Foto 6 - REES n. 17-18-19, p. 8-9, 1935.....	129
Figura 41	Foto 7 - REES n. 17-18-19, p. 87, 1935.....	129
Figura 42	Foto 8 - REES n. 17-18-19, p. 88-89, 1935.....	130
Figura 43	Foto 9 - REES n. 17-18-19, p. 90-91, 1935.....	130
Figura 44	Foto 10 - REES n. 17-18-19, p. 101, 1935.....	131
Figura 45	Foto 11 - REES n. 17-18-19, p. 108, 1935.....	131

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Secretaria do Interior e Justiça (1934).....	42
Quadro 2	Secretaria do Interior e Justiça (1935).....	42
Quadro 3	Secretaria Educação e Saúde (1936/1937).....	43
Quadro 4	Produção da REES.....	59
Quadro 5	Elementos do Projeto REES.....	65
Quadro 6	Periodização da REES.....	66
Quadro 7	Redatores Correspondentes da REES.....	72
Quadro 8	Hierarquia da Secretaria de Educação e dos Editores.....	72
Quadro 9	Seções da REES.....	89
Quadro 10	Títulos dos Artigos de Abertura.....	99
Quadro 11	Autores que publicaram mais de uma vez na REES.....	112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Ritmo de Produção de Números da REES.....	62
Gráfico 2	Ritmo de Produção de Exemplares da REES.....	62
Gráfico 3	N. de artigos, páginas, fotografias, anúncios.....	66
Gráfico 4	N. de anúncios na REES.....	87
Gráfico 5	Temário da Rees I.....	93
Gráfico 6	Temário da Rees III.....	93
Gráfico 7	Temário da Rees II.....	94
Gráfico 8	Temário da seção CEC I.....	97
Gráfico 9	Temário da seção CEC III.....	97
Gráfico 10	Temário da seção CEC II.....	98

LISTA DE SIGLAS

REES	Revista de Educação
SCEC	Serviço de Cooperação e Extensão Cultural
SERCE	Serviço de Educação pelo Radio e Cinema Escolares
CEC	Cooperação e Extensão Cultural

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: Por que a Revista de Educação.....	15
1. INTRODUÇÃO: Projeto de Pesquisa.....	17
2. CAPÍTULO: Condições para a produção da Revista de Educação.....	25
2.1 Reformas no sistema de ensino do espírito santo.....	25
2.2 As forças político-partidárias.....	31
2.3 Políticas para educação.....	34
2.3.1 O Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.....	38
2.3.2 Educação Física, Educação Sanitária e Escotismo.....	48
2.3.3 O Serviço de Educação pelo Rádio e Cinema.....	53
2.3.4 A REES como difusora das ações políticas de Bley.....	55
3. CAPÍTULO: Produção e circulação.....	58
3.1 Periodicidade.....	58
3.2 Responsáveis pela produção e difusão da Revista de Educação.....	68
3.3 Circulação da Revista de Educação.....	74
4. CAPÍTULO: Elementos do Projeto <i>Revista de Educação</i>.....	80
4.1 Capa.....	81
4.2 Sumário.....	83
4.3 Propagandas.....	86
4.4 Seções.....	88
4.5 Temário.....	91
4.6. Artigos de Abertura.....	99
4.7 Artigos de Fundo.....	111
4.8 Apropriações das teorias da educação.....	114
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
6. REFERÊNCIAS.....	136
▪ Revista de Educação.....	138
▪ Relatórios de Governo.....	141
▪ Outras Fontes Primárias.....	142
APÊNDICE.....	143
▪ Apêndice A: Catálogo da Revista de Educação (1934-1937).....	144
▪ Apêndice B: Catálogo das seções da Revista de Educação (1934-1937).....	161
▪ Apêndice C: Dados sobre os autores em cada edição da REES.....	174

- Apêndice D: Classificação temática dos artigos de abertura e artigos de fundo veiculados na Revista de Educação (1934-1937).....183
- Apêndice E: Classificação temática dos textos da seção Cooperação e Extensão Cultural (1934-1937).....187

APRESENTAÇÃO: POR QUE A REVISTA DE EDUCAÇÃO

No último ano do curso de Educação Física, na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2004, ingressei no grupo PROTEORIA – Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física – que desenvolve pesquisas nas áreas de Educação, Teoria da Educação Física Brasileira e História da Educação Física e do Esporte. O Professor Dr. Amarílio Ferreira Neto, coordenador do grupo, sugeriu-me, como trabalho de monografia, o estudo da Revista de Educação (do Espírito Santo) (REES), a fim de buscar contribuições nesse impresso para a história da Educação Física no Espírito Santo.

Para localizar a Revista de Educação, visitei os arquivos e bibliotecas locais da cidade de Vitória.¹ Apenas na Biblioteca Central da UFES encontrei quinze exemplares do periódico,² na seção de “Coleções Especiais”. A partir deles, iniciei os trabalhos de digitalização e análise de seus artigos.

O interesse por esse impresso deveu-se ao fato do mesmo ser ainda inexplorado e, também, por ter publicado os trabalhos de encerramento do curso de Educação Física, na época, recém criado em Vitória.³

Na monografia, estudei a Educação Física, a Educação Sanitária e o Escotismo: saberes escolares veiculados na REES, com o foco nas suas prescrições ao professorado. A escolha desses temas deveu-se, primeiramente, ao intuito de contribuir com a história da Educação Física do Espírito Santo, e concomitante a isso, discutir sobre possíveis relações da Educação Física com a Educação Sanitária e com o Escotismo.

Pude concluir que a Educação Física, a Educação Sanitária e o Escotismo, conforme foram apresentados nos textos da REES, participavam de um projeto de educação integral – desenvolvimento físico, moral e intelectual do ser humano – que almejava a regeneração da raça brasileira. Esse projeto tinha a escola como

¹ Arquivo Público, Biblioteca Estadual, Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, Biblioteca da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo, Biblioteca do Palácio Anchieta, Biblioteca da Faculdade Salesiana de Vitória.

² Foram os números: 1, 2, 3, 6, 7-8, 9 (1934); 10-11, 12, 13, 14, 17-18-19 (1935); 22, 23-24, 25-26-27-28 (1936); 30-31 (1937). Na fase de elaboração do projeto (2006), encontrei mais dois números da REES ao voltar ao Arquivo Público do Espírito Santo, guiada por um catálogo de fontes produzido por SIMÕES e FRANCO (2004), intitulado *História da Educação no Espírito Santo: catálogo de fontes*. Os números encontrados foram 15-16 (de 1935) e 29 (de 1937).

³ O *Curso Especial de Educação Física* foi criado pelo decreto n. 1.366, de 26 de junho de 1931, que instituiu o *Departamento de Educação Physica*.

importante propulsora. Cada uma dessas disciplinas era essencial para o currículo escolar, pois capacitariam os jovens que desenvolveriam a Nação Brasileira.⁴

Contudo, esse primeiro estudo na REES abriu caminho para outras questões, entre as quais, as que dizem respeito à política educacional do Interventor Federal João Punaro Bley. Pude verificar que muitos dos textos publicados na revista traziam as medidas tomadas pelo Interventor para a educação espírito-santense e sempre de forma positiva.

Em 2005, ingressei no *Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade*, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no curso de mestrado, e passei a fazer parte do projeto de pesquisa intitulado *A constituição da “forma escolar” no Brasil: produção, circulação e apropriação de modelos pedagógicos*. Ao me articular na frente de pesquisa que se interessa pelas estratégias textuais e editoriais de difusão e imposição dos saberes pedagógicos e práticas de apropriação desses saberes (Carvalho & Toledo, 2005), passei a considerar a revista como um objeto material que guarda as marcas de sua produção, assim como as estratégias que presidiram sua elaboração. Esse deslocamento no modo de tratar a revista abriu a possibilidade de problematizar o mesmo impresso sob outra perspectiva. Passei a me perguntar sobre as razões que teriam levado o interventor e sua equipe de governo a produzir esse impresso, que missão depositariam nesse tipo de revista, para que público a produziram, quem eram os autores e que perfil teriam os artigos nele publicados. Portanto, se esse impresso seria uma estratégia explícita de formação do professorado do Espírito Santo, e se assim se configurasse, que programa de formação estaria contido na revista e que representação do público leitor a mesma imprimiu em suas páginas.

⁴ A Educação Física aplicada na escola conscientizaria a aquisição do hábito de se praticar exercícios e atividades físicas, importantes ao desenvolvimento intelectual e moral, para prevenção de doenças e formação estética. A Educação Sanitária possuía o objetivo de vulgarizar à população os conhecimentos básicos de higiene e prevenção de doenças, higiene da mente e do caráter, e ainda preocupava-se com a higiene da estrutura escolar (prédio, terreno, etc.) Conforme os autores que escreveram sobre esse tema na revista, ambas disciplinas seriam fundamentais para a eugenia do povo brasileiro. O Escotismo, conforme foi apresentado na REES, possuía uma teoria própria de educação integral, formada a partir de apropriações de teorias educacionais existentes. Tinha o objetivo de proporcionar às crianças um maior contato com a natureza e a vida campestre, com preocupações também voltadas para o desenvolvimento físico, moral e intelectual (Lauff, 2005).

1 INTRODUÇÃO: PROJETO DE PESQUISA

A Revista de Educação foi um impresso publicado pelo Serviço de Cooperação e Extensão Cultural do Departamento de Ensino Público do Espírito Santo, entre 1934 e 1937, na cidade de Vitória. Possuía o objetivo, conforme os editores, *de vulgarizar os processos e métodos de ensino considerados mais modernos ao professorado capixaba*.

Consta na *Mensagem de 1937* – do Governo do Estado do Espírito Santo – que a Imprensa Oficial imprimiu grande parte dos volumes. Alguns outros exemplares foram impressos pela *Vida Capichaba*, oficina que produzia um periódico com esse nome desde 1916.⁵ De acordo com esse relatório de governo, a Imprensa Oficial abrangia duas seções: a do Jornal e a de obras. A primeira imprimia o Diário da Manhã⁶ que circulava junto com o Diário Oficial, mas em edições distintas. Na seção de obras eram feitos impressos dos quais se serviam as repartições públicas estaduais (Espírito Santo, 1937).

Nesse texto, encontrado na *Mensagem de 1937*, percebe-se que a REES fazia parte de uma política de produzir e de fazer circular uma rede de impressos maior. O Governo Bley parece ter privilegiado uma política de impressos que deveria inundar a sociedade espírito-santense reorganizando sua dinâmica cultural.

A política educacional de Bley foi apresentada nos artigos da REES sempre de forma positiva e “progressista”, quer dizer, atitudes modernizadoras que levariam o Espírito Santo ao progresso social, econômico, intelectual, etc.⁷ Isso não é de se estranhar em um impresso oficial. Mas é o que nos leva a pensar na hipótese de que a REES pode ser encarada como uma estratégia de afirmação das políticas educacionais do governo Bley, além de estratégia de conformação das práticas dos

⁵ Sezefredo Garcia de Rezende foi quem pôs a circular a revista *Vida Capichaba*, que depois foi chefiada por Elpídio Pimentel e Manoel Lopes Pimenta. Essa revista circulou por 35 anos e tratava de vários temas referentes ao Espírito Santo (Derenzi, 1995).

⁶ O Diário da Manhã era considerado o único grande jornal do Espírito Santo, de acordo com o texto da *Mensagem de 1937*, porque circulava em todas as localidades do estado e também em outros estados brasileiros. Veiculava informações das atividades administrativas e possibilidades econômicas.

⁷ Concluí na monografia que o estudo apresentou-se limitado na análise da política educacional de Punaro Bley. O fato de se constatar em outro periódico – a Revista de Educação Física, uma publicação da Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro – que o Escotismo anexo à escola não era tão positivo assim como era apresentado na Revista de Educação. Gerou certas dúvidas sobre tantos elogios às medidas do governo capixaba referentes ao Escotismo, por exemplo.

professores no Espírito Santo, porquanto a revista, conforme seus editores afirmavam, destinava-se a vulgarizar os métodos de ensino contemporâneos ao professorado capixaba.

Outro ponto importante é que, além de valorizar as medidas políticas do interventor no Espírito Santo, João Punaro Bley tem seu nome veiculado na REES como referência à reforma educacional, ofuscando sua equipe de governo. Bley é apresentado como um educador engajado no aperfeiçoamento do ensino capixaba.

Logo no primeiro número, a Revista parece preparar o leitor para uma visão positiva da ação governamental. O texto, cujo título é *Breve relato do problema pedagógico no E. Santo*, não sugere nenhum problema, muito pelo contrário, apresenta inúmeros elogios aos feitos do governo na área da educação. A primeira frase indica: “No que concerne às questões educacionais é nitidamente estupendo o progresso do Espírito Santo” (Ribeiro, 1934a, p. 1). Foram citados vários decretos e iniciativas para afirmar que Punaro Bley dava atenção especial ao ensino capixaba. O Secretário da Educação aparece em segundo plano, como um cooperador:

“Ultimamente, graças ao alto descortino do Capitão João Punaro Bley, que tem sido um timoneiro arguto e habilíssimo, conduzindo a náó do Estado a porto de salvação e prosperidade, e a cooperação de seu secretario dr. Fernando Duarte Rabello [...]” (Ribeiro, 1934a, p. 3)

Diante dessas considerações, algumas questões foram levantadas:

- Qual a importância depositada na Revista de Educação para a política cultural desenvolvida no Governo Bley?
- Que representações da reforma da cultura, da educação e da escola presidiram o projeto de organização, a produção e as estratégias de circulação da Revista da Educação?
- Quem foram os principais produtores da REES?
- Que políticas de circulação da revista foram adotadas?

Entre as várias formas de difusão dos princípios de educação no período republicano, a publicação de impressos destinados aos professores tem interessado aos historiadores da educação brasileira. Carvalho e Toledo (2000) estudaram as estratégias de intervenção remodeladoras das práticas escolares nas reformas de Fernando de Azevedo (Rio de Janeiro – 1927), Lourenço Filho (São Paulo – 1930) e

Anísio Teixeira (Rio de Janeiro – 1931), por meio das revistas pedagógicas *Boletim de Educação Pública e Escola Nova*.⁸

Entre os estudos nesse campo da história da educação, destacam-se também Toledo (2001), Biccas (2001) e Schneider (2003), que estudaram as estratégias editoriais e as prescrições educacionais para professores, respectivamente, na *Coleção Atualidades Pedagógicas*, na *Revista de Ensino* de Minas Gerais (1925-1940) e na *Revista Educação Physica* (1932-1945).

Esses estudos mostram um caminho por onde a análise da REES deve seguir. Biccas (2001) buscou compreender de que modo a imprensa pedagógica oficial foi utilizada como estratégia de formação de professores que integravam o sistema de ensino de Minas Gerais, por meio das práticas e representações postas em circulação, o que lhe possibilitaria entender a constituição do campo educacional mineiro. Para isso, analisou a *materialidade* da Revista do Ensino na perspectiva da *arqueologia dos objetos* (Chartier, 1990). De acordo com Biccas (2001: p. 13, grifo da autora): “Tomou-se como perspectiva de análise a *arqueologia dos objetos*, de Roger Chartier (1990), buscando na materialidade da *Revista do Ensino* compreender as práticas de que foi produto e de que hoje é resíduo. Dessa forma, a *Revista* constitui-se, por um lado, em fonte de informação historiográfica e, por outro, como objeto material de investigação [...]”.

Optando pela mesma perspectiva de Biccas, Schneider (2003) fez uma análise da materialidade de um impresso sobre Educação Física, a Revista Educação Physica (1932 –1945) com o objetivo de compreender as estratégias editoriais e as prescrições educacionais para professores. Para a análise da Revista Educação Physica, articulou os conceitos de *representação* (Chartier, 1990) e de *estratégia* (Certeau, 1994).⁹

⁸ Consta nesse estudo que esses três personagens escreveram, traduziram e organizaram coleções para professores, e nas décadas de 1920 e 1930, como dirigentes dos sistemas de ensino público, participaram de iniciativas na produção e na circulação de impressos. As autoras afirmam que suas estratégias editoriais, de intervenção do impresso na remodelação das práticas docentes, almejavam a mudança na mentalidade do professorado, condição *sine qua non* para esse fim. Como reformadores do ensino buscaram o sucesso de suas reformas coordenando, incentivando, subsidiando, informando e atualizando (Carvalho & Toledo, 2000).

⁹ Schneider (2003) constatou que os editores da Revista Educação Physica se colocavam em posição de “decisores”, utilizando-a para deliberar quem deveria ser conhecido e reconhecido como líder da Educação Física no Brasil, o que projetava a revista como *lugar de fala autorizado* (Schneider, 2003). Schneider (2003: p. 163) pode concluir, por meio do estudo da Revista Educação Physica como “[...] estratégia de conformação de práticas e dispositivo de produção de sentidos [...]”, que o Estado estava colocado no posto de “[...] grande agente das modificações que se processaram a respeito da educação e da Educação Física no Brasil [...]”.

Deste modo, para analisar a REES como objeto de estudo, mobilizaram-se os conceitos de *representação*, *estratégia* e *materialidade*, com a finalidade de dar a ver as estratégias empregadas pelos responsáveis que possibilitaram a circulação da REES entre os anos de 1934 e 1937.

A noção de *representação coletiva* (Chartier, 1991) examina a maneira como os atores educacionais em questão organizaram e produziram sentido para suas ações no jogo das representações. Segundo Chartier (1991: p. 177), são pelas representações que os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo, e são pelo confronto e contradição dessas representações que são produzidas práticas e estruturas. Assim, a construção das representações do mundo social ocorre por:

“[...] classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real, variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” Chartier (1990, p. 17).

As representações, “[...] são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam [...]” (Chartier, 1990: p. 17), portanto é necessário, segundo o autor, relacionar os “[...] discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”. Para Chartier (1990, p. 17), “[...] as representações encontram-se num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação [...]”, tendo em vista que as percepções do social produzem estratégias e práticas “[...] que tendem a impor autoridade aos outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, suas escolhas e condutas [...]”.

Três pólos organizam a reflexão metodológica: estudo crítico dos textos decifrados nos seus agenciamentos e estratégias, a história dos livros e de objetos que contêm a comunicação por escrito, a análise de práticas que se apreendem diversamente dos bens simbólicos e produzem usos e significações diferenciadas. Logo, a operação entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”, torna-se necessária (Chartier, 1991).

De acordo com Barzotto (1998, p. 108):

O procedimento de mobilização de sentidos decorre dos procedimentos de textualização e de composição que atuam sobre a materialidade do texto e

do veículo, cuja materialidade atua sobre a produção de sentidos no ato da leitura.

A respeito da materialidade, Chartier (2001, p. 30, grifo do autor) escreveu:

[...] geralmente é um objeto, um manuscrito ou um impresso, ou um impresso, mas também pode ser uma forma de representação do texto sobre o palco, uma forma de transmissão vinculada às práticas de oralidade: recitar um texto, lê-lo em voz alta, etc. todos esses elementos materiais, corporais ou físicos, pertencem ao processo de produção de sentido[...].

Materialidade então, pelo conceito de Chartier (1991), é a forma como se organiza um texto para orientar sua leitura, apreensão e compreensão. É assim que seu sentido e suas significações são produzidos. Estudar por essa perspectiva permite altear as representações inscritas nos textos e produzidas pelos indivíduos, pelas quais certos grupos se fazem reconhecer e que por elas são geradas certas práticas.

Conforme Michel de Certeau (2004), que define estratégia como o cálculo ou a manipulação das relações de força, possibilitado pelo isolamento de um sujeito de querer ou de poder – empresa, exército, cidade, instituição científica, conforme o autor – que: “[...] postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.) [...]” (Certeau, 2004, p. 99, grifo do autor).

Carvalho (1998) afirma que o conceito de estratégia proposto por Certeau, aplicado na história dos impressos de destinação escolar, evidencia “[...] dispositivos de imposição de saberes e normatização de práticas, referidos a lugares de poder determinados [...]” assim como “[...] Fornecem indícios sobre as práticas escolares que se formalizam nos seus usos, mas têm o seu peso documental fortemente demarcado por sua relação com as estratégias de que são produto [...]” (Carvalho, 1998, p. 35).

De acordo com Carvalho (2001), na análise do impresso de uso escolar, por um lado, devem-se situar os conceitos pedagógicos que presidiram sua produção e distribuição e, por outro, deve-se considerar que o impresso pode ganhar vida autônoma, abrindo um hiato entre os usos prescritos e os usos efetivos. É necessário atentar-se para as pedagogias como sistemas de regras que regulam os processos de produção, difusão e apropriação dos saberes veiculados no impresso,

assim como relevar também regras culturalmente enraizadas nos conceitos pedagógicos que configuram situações e modalidades de apropriação:

As regras, inscritas nos sistemas de pedagogia que regulam as práticas de representação das práticas escolares e sua normatização regulam, também, a pluralidade dos dispositivos materiais de produção, circulação e apropriação dos saberes pedagógicos. Assim, na materialidade do impresso posto em circulação, é o próprio campo dos saberes pedagógicos que é diferencialmente constituído (Carvalho, 2001, p. 138).

A tendência que a pesquisa histórica em educação segue, ao analisar impressos pedagógicos para compreender lutas de representações e estratégias impressas modelares das práticas escolares, resulta da reconfiguração do campo¹⁰ que, segundo Carvalho (1998), articula investigações que enfatizam a materialidade das práticas, dos objetos e de seus usos, o que produz novas maneiras de olhar e interrogar as fontes disponíveis. Os pesquisadores trilham pelo caminho das representações (Chartier, 1990). Novas considerações permeiam as instituições educacionais:

A escola passa a ser concebida como produto histórico da interação entre dispositivos de normatização pedagógica e práticas dos agentes que se apropriam deles. Com os conceitos de *forma* e *cultura* escolares, são postas em foco as *práticas* constitutivas de uma sociabilidade escolar e de um modo, também escolar, de transmissão cultural. Mas também são focalizados, a partir desses conceitos, os dispositivos que normatizam tais práticas: dispositivos de organização do tempo e do espaço escolar; dispositivos de normatização dos saberes a ensinar e a inculcar (Carvalho, 1998, p. 33, grifo do autor).

Na história cultural, o estudo da imprensa periódica especializada tem-se mostrado notável na compreensão do itinerário de constituição dos saberes pedagógicos. A análise de um impresso possibilita conhecer concepções e aspectos das lutas de representações, sejam elas políticas, sociais ou culturais, os seus sentidos e os seus significados, bem como as normas e as práticas escolares que construíram um sistema educacional. Segundo Carvalho (1998, p. 35) “[...] Essa modalidade de história cultural toma o impresso como objeto de investigação, em duplo sentido: como dispositivo de normatização pedagógica, mas também como suporte material das práticas escolares”.

¹⁰ Cf., Marta Maria Chagas de Carvalho. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: Congresso Luso-brasileiro de Educação, 2, 1998, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 1998, pp. 31-39.

Como afirmou Barzotto (1998, p. 48), a imprensa periódica possui a vantagem de “[...] uma aproximação maior, mais rápida e ao mesmo tempo mais efêmera que o livro, entre os leitores e a equipe que faz a revista [e também] aproxima-se do leitor pelo tempo vivido: a revista é contemporânea ao tempo vivido pelos leitores [...]”. Isso permite visualizar aspectos que estavam sendo atuais durante o período de circulação do impresso.

Deste modo, com o propósito de compreender como a Revista de Educação (do Espírito Santo) foi constituída como estratégia editorial de intervenção cultural, dentro de uma ampla política de reforma da cultura e da escola, na gestão de Punaro Bley, a proposta do estudo é analisar:

1. A REES como uma estratégia de imposição de saberes e conformação de práticas culturais dos reformadores do período em que o impresso foi produzido e posto em circulação;
2. A revista em sua materialidade, tomada como objeto material que guarda as marcas das práticas culturais que a colocaram e circulação, considerando suas condições de produção, distribuição e utilização;
3. Os dispositivos tipográficos adotados na produção da REES que constituíram sua forma, que produziram as representações da reforma da cultura, da educação e da escola e que buscavam legitimar uma importância da Revista de Educação na política cultural desenvolvida no Governo Bley, bem como os critérios que selecionaram autores e artigos, saberes e informações.

A hipótese aqui aventada é a de que a produção e circulação da Revista de Educação atendiam a um projeto de modernização da cultura e do ensino capixaba, de maneira a acompanhar o movimento educacional brasileiro no período de sua publicação e conformar as práticas de ensino no Espírito Santo.

O mapeamento da REES foi feito por meio de descrições e análises referentes a produtores da revista, dispositivos textuais e tipográficos, autores e temário dos artigos. Para organizar e visualizar esses dados foram produzidos quadros, tabelas, gráficos, catálogos. Propôs-se uma possível periodização da REES – para determinar o seu ritmo de produção – a fim de apresentar os artifícios que foram utilizados e as modificações ocorridas no projeto da revista, bem como a movimentação dos atores envolvidos nesse projeto. Outras fontes utilizadas – livros, revistas e jornais, documentos oficiais – foram para compreender o contexto em que

nasce e circula o impresso, além de considerar a legislação de ensino do Espírito Santo (leis, decretos, decretos-leis).

A pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro analisa as condições que propiciaram o surgimento da Revista de Educação na década de 1930 no Espírito Santo e de onde (de qual instância) surgiu seu projeto.

O segundo capítulo estuda os processos de produção e circulação da REES; propõe uma periodização para revista, tendo em vista seu ritmo de publicações e os artifícios usados pelos editores para satisfazer o projeto do periódico.

O terceiro capítulo concentra-se nos elementos que compuseram a revista e que determinaram os sentidos propostos pelos editores: capa, sumário, propagandas, artigos e seções.

2 CAPÍTULO

CONDIÇÕES PARA PRODUÇÃO DA REVISTA DE EDUCAÇÃO

2.1 REFORMAS NO SISTEMA DE ENSINO DO ESPÍRITO SANTO

O sistema educacional do Espírito Santo, no início da República, passou por três reformas da instrução pública que foram importantes para a configuração da organização escolar no estado. Ocorreram entre 1892 e 1908 e foram dirigidas por Inglês de Souza, Moniz Freire e Jerônimo Monteiro.

Inglês de Souza, Presidente da Província do Espírito Santo, trouxe o Dr. Antônio da Silva Jardim, em 1882, para divulgar o método de ensino *João de Deus*. O objetivo era aplicar esse método nas escolas de primeiras letras.

Essa reforma foi organizada em um “regulamento geral” de 387 artigos. Adotaram-se os princípios da Pedagogia Moderna, cujo método baseava-se no ensino intuitivo (ou lição de coisas). O regulamento previu mudanças na estrutura física dos estabelecimentos de ensino para adequá-los aos preceitos desse método. Em 1884 foi promulgada uma lei que extinguiu os cursos de comércio e de agricultura e as escolas primárias para adultos, além de algumas outras alterações referentes ao licenciamento de professores e proibição de pensão aos estudantes. O ensino primário foi redividido em quatro classes. (Novaes, 2001).

Entretanto, conforme Novaes (2001), muitas das medidas propostas, tanto em 1882 quanto em 1884, encontraram problemas para sua efetivação: críticas às orientações pedagógicas, baixo número de alunos nas escolas, falta de professores e sua má formação, pouco desenvolvimento da escola, deserção escolar, condições precárias das escolas.

Conforme os dados da pesquisa de Novaes (2001), no ano de 1892 existiam 190 escolas no Espírito Santo: 136 masculinas e 54 mistas. Contudo, apenas 90 escolas funcionavam para os meninos e 35 para meninas; 65 escolas estavam vagas. Até 1895, houve pouca alteração nesses números: 200 escolas – 85 para meninos, 39 mistas, 76 escolas vagas. A frequência diminuiu de 6.130 (1892) para 5.276 (1895). As escolas funcionavam em casas alugadas ou na própria residência do professor.

Moniz Freire executou outra reforma da instrução pública no Espírito Santo em 1892. Ele estava entre o grupo de intelectuais responsáveis pelo poder local. Segundo Novaes (2001), esse grupo de intelectuais passou pela Faculdade de Recife e pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (SP): eram filhos esclarecidos das elites do café,¹¹ ligados a Sylvio Romero, à literatura e ao positivismo. A junção entre formação literária e estudos no campo jurídico, conforme a autora, fez com que se compartilhassem ideais do liberalismo característico do início do século XX.

A reforma de 1892, com âmbito estrutural, privilegiou as instâncias normativas e fiscalizadoras do processo educacional, o que fortaleceu seu aspecto burocrático. Estabeleceu ao Estado as responsabilidades de tomar as rédeas do ensino primário e de manter um estabelecimento superior para a educação técnica e científica do magistério. A obrigatoriedade escolar limitou-se àqueles que residissem num raio de até 2 Km da escola, o que representou desobrigar mais da metade da população escolar que residia no meio rural. O ensino primário de quatro anos foi dividido em uma seção para alunos maiores e outra, para menores. Restabeleceu-se o ensino intuitivo e criaram-se os exames para todos os anos do curso primário. Proibiram-se monitores de ministrar o ensino. Proibiram-se castigos corporais de qualquer espécie. Dividiu-se o curso normal em masculino e feminino, com freqüência livre (Novaes, 2001).

Em 1908, havia 125 escolas para uma população de 250.000 habitantes nas terras espírito-santenses. Segundo Derenzi (1995), além de poucas escolas, não existia magistério nem orientação pedagógica capaz de acrescer o rendimento cultural dos professores.

Para Novaes (2001), Jerônimo Monteiro realizou uma reforma inovadora na educação do Espírito Santo durante sua gestão como presidente (1908 – 1912). Criou e implantou grupos escolares e a escola modelo, preocupou-se em aparelhar as repartições públicas com instrumentos que possibilitassem divulgar as ações empreendidas em sua gestão (como registro fotográfico, por exemplo). Conforme a autora, existia um vínculo do projeto educacional de Jerônimo Monteiro aos ideais republicanos, constatado pelos jornais da época.

¹¹ Oliveira (1975) afirma que, a ação exercida por uma elite saída dos próprios quadros locais do Espírito Santo e que desde as primeiras horas do regime republicano assumiu o controle dos negócios públicos, favoreceu o desenvolvimento material e social do estado.

Carlos Gomes Cardim, de São Paulo, foi contratado para melhorar a instrução pública. Gomes Cardim foi investido na Inspetoria de Ensino, onde proveu mudanças marcantes para a educação capixaba:

[...] [Gomes Cardim] Não deixou vestígio da velha e retrógada estrutura educacional de professôres autodidatas adeptos da eficácia da palmatória. A escola passou a ser desejada, tornou-se centro de atração infantil. Os professôres se envaideciam de sua nobre missão social. Tudo foi modificado: edifícios, magistério, metodologia, disciplina e educação. Nasceu a mística escolar, invadida pelo ambiente sadio da comunidade. Os recreios, os jogos, o batalhão, a cultura física, o cântico de hinos patrióticos, a instrução cívica e moral criaram ambiente e interêsse aos alunos e pais. A modelagem, as artes domésticas e o jornal escolar despertaram virtudes adormecidas. A instrução média mereceu igual cuidado. O Ginásio Espírito-santense, fundado em 24 de maio de 1906, logrou equiparação. A Escola Normal, além de ser reestruturada, foi reconstruída, ganhando salão nobre, dependências administrativas, gabinete de história natural e nova arquitetura [...] (Derenzi, 1995, p. 158).

De acordo com Archimimo de Martins Mattos (1927), Gomes Cardim reorganizou a Escola Normal e fundou uma Escola Modelo, três escolas reunidas noturnas, um grupo escolar e escolas isoladas. Nessas escolas utilizava-se o método intuitivo.

Nesse movimento foi reaberta a Biblioteca Pública, fundou-se a Escola de Belas Artes, organizaram-se congressos pedagógicos, reuniões de professores, visitas de homens de letras e de ciências, abriram-se cursos primários. Em 1912, o número de escolas chegou a 247 (Derenzi, 1995).

Novaes (2001) atenta para o fato de que Jerônimo Monteiro iniciou uma nova forma de conduzir a Instrução Pública, antes mesmo de uma reforma geral. Por meio do Decreto n. 106 de 27 de junho de 1908, regulou os vencimentos dos professores do curso normal e dos lentes de Línguas e Ciências do Ginásio Espírito-Santense e estabeleceu o curso normal misto. Segundo a autora, o projeto da reforma seguiu o modelo da Reforma de Caetano de Campos, de 1892, em São Paulo. O ponto marcante, na visão de Novaes (2001), foi a idéia de cidadania em que se baseava o texto reformista:

A Reforma realizada em 1908 no Espírito Santo tinha as dimensões da disciplina, da moral e dos valores cívicos não como fatores para formar o homem ilustrado do final do século XIX. Estes elementos compunham agora o tripé da cidadania que o século XX pretendeu construir. As normas que enquadrariam os cidadãos deveriam construir os pilares de uma nova sociedade industrial com a de uma nova ordem [...] (Novaes, 2001, p. 131).

De acordo com Barreto (1997), a partir de 1922¹² começaram as reformas estaduais de ensino que prenunciavam as reformas nacionais que surgiram a partir de 1930. Emergiam os princípios da co-educação, da laicidade e da gratuidade.

As reformas na instrução pública na década de 1920 configuraram-se como estratégia política, pelas quais se buscou firmar as escolas nas capitais e escolarizar os sertões brasileiros a fim de conter o êxodo rural.

No governo de Nestor Gomes (1920-1923), a Diretoria de Ensino (do Espírito Santo) foi transformada em Instrução Pública, chefiada por Mirabeau da Rocha Pimentel. Barreto (1997) explica que no Relatório do Secretário encaminhado ao Presidente do Estado, apresentado em 1921, encontrava-se a informação de que se criaram 85 escolas, dentre as quais 51 já estavam providas até a data de 30 de junho daquele ano. O quadro geral de escolas era:

[...] 1 escola; 1 escola complementar; 2 grupos escolares; 5 escolas noturnas; 8 escolas de 1ª entrância¹³; 70 escolas isoladas de 2ª entrância e 229 escolas isoladas de 3ª entrância. Havia 21 escolas municipais. Destacavam-se o Liceu Filomático, o Colégio Americano e o Colégio Nossa Senhora da Vitória, entre as 27 escolas particulares do Estado (Barreto, 1997, p. 81-82).

Florentino Avidos (1924-1928) promoveu mudanças a fim de aumentar o número de estabelecimentos de ensino. A instrução primária foi organizada em um currículo de quatro anos. O curso complementar era de um ano. A instrução elementar era ministrada em Grupos Escolares, Escolas Reunidas e Escolas Isoladas, além de escolas rurais de ensino particular e municipal, muitas delas subvencionadas pelo governo. O Presidente desejava criar Grupos Escolares em todos os centros de população densa, porém, devido a grande despesa para esse fim, cogitou-se a instalação de escolas reunidas, também consideradas mais vantajosas do que as escolas isoladas.¹⁴

A *Mensagem Final* (1928) registra o crescimento do movimento escolar no Espírito Santo em relação ao número de escolas e matrículas, comparando-se com os números de 1908. Antes, o Estado mantinha 124 escolas. Após vinte anos, esse

¹² Destacaram-se além da reforma de Sampaio Dória em São Paulo (1920), as reformas lideradas por: Manoel B. Lourenço Filho no Ceará (1923); Anísio Teixeira na Bahia (1925); Francisco Campos em Minas Gerais (1927) e Antônio Carneiro Leão em Pernambuco (1928).

¹³ Segundo Barreto (1997), na gestão de Bernadino Monteiro (1916-1920) foi criada uma classificação das escolas primárias em três entrâncias: “[...] às de 1ª seriam às da capital e seus arredores, às de 2ª às das sedes dos Municípios, às de 3ª, das povoações e núcleos de população do interior ou de escolas rurais” (Barreto, 1997, p. 80).

número chegou a 593 escolas. De 3.672 matrículas, com freqüência registrada de 2.967, elevou-se, em 1927, para 29.346 matrículas e para 21.506 alunos freqüentes.¹⁵

Todavia, esse crescimento da instrução escolar foi acompanhado por um alto índice de reprovações. Em 1927, por exemplo, 372 alunos concluíram o curso elementar, 66 alunos terminaram o curso complementar, 15 alunos finalizaram a instrução secundária na Escola Normal Pedro II e oito alunos completaram o curso seriado do “Gymnasio do Espírito Santo”. O total geral de aprovações registrado foi de 8.433 contra 15.079 reprovações. Todos esses números referem-se às escolas estaduais.

Barreto (1997) destacou que, depois da gestão de Florentino Avidos, o governo de Aristeu Borges Aguiar (1928-1930), com o apoio de Atílio Vivácqua – Secretário da Educação e adepto da Escola Nova –, aparelhou as escolas, selecionou professores, primou pelo método e instituiu o ensino profissional-agrícola. Vivácqua idealizou um plano de reforma do ensino com base nos princípios escolanovistas. De acordo com Barreto (1997), esse plano visava, primariamente:

À mobilização para combater o analfabetismo: “1920: 75 % de analfabetos excluídos os menores de 6 anos” [...]
 Ao aperfeiçoamento do ensino através de orientações pedagógicas modernas;
 Ao concurso, nomeação e acesso ao magistério;
 À criação do fundo escolar;
 À adoção da escola ativa e funcional;
 À criação da “escola de ensaio” ou modelo;
 À “realização de um curso superior de Cultura Pedagógica [...] com intuito de criar um núcleo inicial capaz de introduzir a reforma do ensino com base na escola ativa e no movimento progressista” [...] (Barreto, 1997, p. 85-86).

Mas esse plano não foi colocado em prática devido ao movimento revolucionário de 1930 (Barreto, 1997). O movimento revolucionário acirrou o debate em torno da educação e do que se denominava escolanovismo.

¹⁴ Em 1927, existiam no Espírito Santo quatro grupos escolares, dois na capital, um em Cachoeiro de Itapemirim e outro em Muqui.

¹⁵ O crescimento do número de escolas registrado no quinquênio de 1923 a 1927, conforme a *Mensagem Final* do governo de Florentino Avidos (1928) foi o seguinte:

Ano	Total de escolas	Escolas estaduais	Escolas municipais	Escolas particulares
1923	484	372	62	50
1924	497	397	65	35
1925	572	455	55	62
1926	550	464	34	52
1927	713	593	23	97

De acordo com Schwartzman, Bomeny & Costa (2000), a partir da década de 1930, a educação ocupou o lugar de arena principal de embates ideológicos que marcavam presença cada vez mais forte na vida política. Quase todos acreditavam no poder da educação de moldar a sociedade a partir da formação das mentes e de novos espaços de mobilidade social e participação. A ideologia da Escola Nova marcou presença nesses embates.

A expressão Escola Nova, conforme afirmou Lourenço Filho (1929), possuía sentido de escola diferente das escolas tradicionais e, em sentido mais amplo, a um novo tratamento dos problemas da educação. Esse termo refere-se “[...] a todo um conjunto de princípios tendentes a rever as formas tradicionais de ensino [...]” (Lourenço Filho, 1929, p. 17). De acordo com o autor, desde os últimos anos do século XIX, em vários países, muitos educadores intentavam resolver os novos problemas de educação com a aplicação das recentes descobertas relativas ao desenvolvimento das crianças, enquanto outros experimentavam variar os procedimentos de ensino ou transformar as normas tradicionais da organização escolar. Estudos da biologia e da psicologia influenciaram uma nova compreensão das necessidades infantis, resultando em novos princípios que estenderam as funções da escola face às mudanças sociais. Os olhares passavam a vislumbrar o ensino como instrumento de construção política e social (Lourenço Filho, 1929).

Segundo Schwartzman, Bomeny & Costa (2000), o movimento da Escola Nova não tinha um projeto definido e estruturava-se em torno de alguns grandes temas e de alguns nomes mais destacados. Os temas eram: escola pública, universal e gratuita; ensino leigo; processos pedagógicos mais criativos e menos rígidos; educação unida à vida comunitária. Os nomes foram: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho. A Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada em 1924 por Heitor Lyra foi uma das principais instituições que promoveu o escolanovismo por meio de conferências nacionais, publicações de revistas e cursos de diversos tipos. Disputava o campo ideológico com a Igreja Católica que pregava o ensino religioso e propunha uma sociologia cristã, pela qual se buscava uma racionalidade para a fé (Schwartzman, Bomeny & Costa, 2000).

Esse embate levou à publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova – A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo, em 1932, pelo qual certo grupo de intelectuais brasileiros, ligados à ABE, afirmou seus conceitos educacionais fundamentados nos princípios da pedagogia da Escola Nova.

As décadas de 1920 e 30 foram marcadas pelas disputas de imposição e controle dos lugares que permitiriam a normatização e a reorganização da instrução pública, considerados fundamentais para instituir o novo regime, alfabetizando e doutrinando a população nos padrões almejados pela elite, tendo em vista a formação do cidadão ideal para a nação.

2.2 AS FORÇAS POLÍTICO-PARTIDÁRIAS

As forças políticas no Espírito Santo, no período pré-revolução de 1930, basicamente constituíam-se em duas: agrofundiários, da região sul (Partido União Republicana Espírito-Santense); mercantis-exportadores, da região central (Partido Republicano Construtor). As forças mercantis-exportadoras mantiveram-se hegemonicamente no poder até a Revolução de 1930. Porém, conforme Silva (1995), isso não isentou lutas para a conquista do Aparelho Regional do Estado: “[...] O período da Primeira República esteve pontilhado por disputas dessa natureza, e, até mesmo, por aliança entre dois conjuntos de forças, marcando um período de ‘congraçamento’ e trégua entre elas (1908/1912)” (Silva, 1995, p. 108, grifo do autor).

Segundo essa autora, o congraçamento levou ao comando do estado um único partido: o Partido Republicano Espírito-Santense. Esse partido foi fundado em 1908 por representantes das duas forças políticas capixabas, os agrofundiários e os mercantis-exportadores: Jerônimo Monteiro e Torquato Rosa Moreira (respectivamente). Por meio desse partido, a família Souza Monteiro dominou a vida político-partidária do Espírito Santo.

Mesmo unidos, o embate entre as duas forças políticas voltou a acontecer dentro do partido. Dois irmãos lideravam as lutas: Jerônimo Monteiro, que agregava os agrofundiários e Bernadino Monteiro, que representava os mercantis-exportadores. De acordo com Silva (1995), ao assumir a liderança do Partido Republicano Espírito-Santense, Bernadino Monteiro, com apoio das forças mercantis-exportadoras, controlou o processo sucessório estadual até 1930. As forças agrofundiárias assumiram a oposição.

O clima da Revolução de 1930 foi favorável para que as forças jeronimistas (lideradas por Jerônimo Monteiro) intencionassem o poder. O comando

revolucionário no Espírito Santo esteve sob seu controle, com o objetivo de chegar à liderança do Aparelho Regional do Estado, desviando-se da via eleitoral que não lhes ajudava (Silva, 1995).

Aristeu Borges Aguiar, que chefiava o Espírito Santo no período, apoiou a candidatura de Júlio Prestes à Presidência. Conforme Oliveira (1975), quando estalou o movimento revolucionário de 1930, o governo capixaba continuava solidário com o Presidente Washington Luís. Mas, pelas circunstâncias em que se desenvolveram os acontecimentos no Brasil, por ter como vizinho o governo que chefiava a Revolução no país (MG) e por ficar sem apoio do comandante da Guarnição Federal, o executivo espírito-santense não resistiu aos revolucionários.

Com a vitória dos revolucionários, os jeronimistas pleitearam um de seus correligionários para o cargo de interventor, mas não chegaram a um consenso. Então, Getúlio Vargas decidiu por João Punaro Bley, indicado pela Associação Comercial de Vitória (mercantis-exportadores).

João Punaro Bley pertencia ao movimento tenentista. Segundo os depoimentos do próprio Bley, citados por Silva (1995), ele serviu à guarnição de Curitiba por sete anos, fez parte do Comitê Revolucionário, chefiado pelo Major Plínio Tourinho, e cursava o 2º ano do Estado Maior do Exército no Andaraí (RJ) quando foi recrutado para servir em Estados Maiores de destacamentos, a fim de combater a Revolução de 1930. Durante a travessia de seu destacamento em direção ao Espírito Santo, comunicou ao seu comandante a sua intenção de incorporar-se à causa revolucionária pela deserção. Punaro Bley teve participação importante na luta revolucionária do Espírito Santo.¹⁶

Quando a Revolução chegou ao Espírito Santo, de acordo com Derenzi (1995), o governo de Aristeu Borges Aguiar caiu em colapso. O ex-governador embarcou para o Rio de Janeiro, e de lá para Lisboa. O coronel José Armando Ribeiro de Paula havia sido nomeado Interventor Federal por Washington Luís, mas foi abandonado pela maioria dos oficiais que estavam sob seu comando, o que lhe fez regressar ao Rio de Janeiro. Campos do Amaral constituiu a Junta Governativa no dia seguinte, composta por Afonso Lírio, João Manoel de Carvalho e João Punaro Bley. Capitão do Exército e ex-chefe do Estado-Maior do coronel José Armando, João Punaro Bley foi nomeado Interventor Federal aos quinze dias de novembro

¹⁶ Para maiores detalhes de como a revolução chegou ao Espírito Santo e da participação de João Punaro Bley, ver Silva (1995, p. 196-145).

daquele ano, e governou o Espírito Santo por doze anos consecutivos: De 1930 a 1935, Bley governou como Interventor Federal; de 1935 a 1937, como Governador Constitucional, de 1937 a 1943, mais uma vez, como Interventor.

Os jeronimistas não conseguiram, de imediato, a maioria no quadro dirigente do Espírito Santo, pois houve adesão de parte das forças políticas oponentes ao bloco revolucionário, no decorrer das lutas. Bley, então interventor, ficou no centro da velha disputa política (Silva, 1995).

Ainda, conforme Silva (1995), os prenúncios da redemocratização do país, em 1933, fizeram com que as forças políticas se rearticulassem: as forças jeronimistas e o antigo Partido Republicano do Espírito Santo dissolveram-se e rearticularam-se em dois novos partidos:

- Partido da Lavoura, oposicionista, cujos líderes foram Atílio Vivácqua, Geraldo Viana, Abner Mourão e Jerônimo de Souza Monteiro;
- Partido Social Democrático (PSD), cujos líderes foram: Fernando de Abreu, Carlos F. Monteiro Lindenberg, Genaro Pinheiro, João Punaro Bley, Manoel Silvino Monjardim, Jones dos Santos Neves, Oswald Guimarães, Otto de Oliveira Neves.

O PSD, que agregava as antigas forças situacionistas da região central e que gradativamente cooptaram Bley, forneceu a base ao governo instaurado em 30. A disputa entre essas duas forças era para definir o sucessor de Bley. Mas os acordos e conchavos resultaram na permanência do capitão no governo espírito-santense¹⁷ (Silva, 1995).

De acordo com Coutinho (1993), ao assumir o governo, Bley interrompeu o plano de reformas Atílio Vivácqua por meio de Decreto n. 277. O Decreto também “[...] instituía o concurso público para professor de primeiras letras (primário), tentando moralizar o recrutamento de professores pelo Estado e eliminar os vícios de que se revestiam os ‘concursos apressados’ [...]” (Coutinho, 1993, p. 90).

Entender a configuração dessas forças políticas no Espírito Santo é importante para compreender os embates que envolveram a criação, produção e difusão da Revista de Educação. A revista surgiu justamente no período em que essas forças se rearticulavam para disputar o controle do poder local. Claro que apenas esse fato não explica a criação da REES, tendo em vista que a produção de

revistas periódicas especializadas para professores tornou-se comum naquela época em todo o país, com base em justificativas teórico-pedagógicas e em interesses ideológicos. Mas o fato não pode deixar de ser considerado, afinal, na publicação encontram-se as representações impostas pelo grupo que estava no poder e pretendia continuar.

2.3 POLÍTICAS PARA EDUCAÇÃO

De acordo com Silva (1995), o governo Aristeu Borges Aguiar encarou a crise econômica de 1929 como passageira, sem dar o devido crédito ao acontecimento que reduziu à metade as receitas oriundas do comércio do café capixaba. Assim, decidiu-se não reduzir os gastos do governo, apesar de, em 1929, a arrecadação tributária não chegar à metade do montante previsto. Para resolver esse problema, o governo optou pelos empréstimos bancários. Isso resultou numa situação financeira crítica que teve que ser encarada pelo governo seguinte.

Deste modo, de acordo com a autora, o governo instaurado arma-se de um argumento para impor uma política de cortes de gastos públicos. A ação governamental seguiu as diretrizes do Poder Central e reorientou o eixo da política econômica e social, a fim de atender às demandas da industrialização.¹⁸ Os relatórios e mensagens de governo explicitam ações voltadas para o atendimento das demandas do setor social: saúde, educação, assistência social, etc. Com relação à educação, o alvo foi melhorar a qualidade do ensino primário e secundário, investindo-se no corpo docente e na criação de instâncias educacionais, ampliando a rede de escolas no interior e na capital. O interventor Bley pôs em prática políticas com fundamento nos ideais reformistas dos revolucionários, mas que também eram respaldadas pelas diretrizes gerais e institucionais do Governo Provisório de Getúlio Vargas (Silva, 1995).

O movimento tenentista assumia tendências sociais reformadoras. Conforme Horta (1994, p. 18), o intervencionismo reformista no Brasil possuía influência

¹⁷ Para mais detalhes sobre os acordos e conchavos que colocaram Bley novamente no poder, em 1935, ver Silva (1995, p. 122-123).

¹⁸ “[...] Construíram-se o Leprosário de Itanhega, o Hospital dos Funcionários Públicos, o Quartel de Polícia de Maruípe, diversas escolas, estradas de rodagem, reiniciaram-se as obras portuárias, fêz-se o pôrto de minério e fundou-se o Banco Hipotecário e Agrícola do Espírito Santo” (Derenzi, 1995, p. 198).

positivista, mas com caráter mais militarista em sua ação. Os tenentes “[...] mais facilmente aceitavam o predomínio militar na política e a necessidade do fortalecimento das Forças Armadas”.

Entretanto, segundo Horta (1994), uma posição de intervenção mais controladora foi a que teve maior desenvolvimento depois da Revolução de 1930, por meio do General Góes Monteiro. Essa “intervenção moderadora” (José Murilo de Carvalho apud Horta, 1994, p. 19) “[...] Concordava com a ideologia do soldado-cidadão quanto à legitimidade da intervenção do militar na política, mas dela discordava quanto ao sentido dessa intervenção”. Horta (1994) discutiu as concepções sobre as relações entre a política militar e a política educacional dentro desse projeto.

O projeto ideológico defendido por Góes Monteiro pregava que a segurança e ordem nacional seriam garantidas por um governo forte, somado à disciplina das Forças Armadas e das massas. Conforme Horta (1994), esse projeto ideológico-repressivo criticava o regime liberal, o sistema representativo, o sufrágio universal e os partidos políticos e acreditava que, para um governo forte, deveria ser criado um partido único social-nacionalista; na ausência desse partido, as forças do país deveriam organizar-se sob o Exército e da Marinha, o que caracterizava o caráter político do Exército.

De acordo com Horta (1994, p. 22), “[...] a política do Exército era uma política de preparação para a guerra, enquanto processo de mobilização nacional”. Ou seja, desde o tempo de paz deveriam executar-se ações que preparassem a população para qualquer conflito. Com essa justificativa, o Exército pretendia uma intervenção “[...] em todos os setores da vida nacional, inclusive na educação do povo [...]” (Horta, 1994, p. 23). Conforme o autor, o projeto de intervenção do Exército na política educacional apresentou-se com uma abrangência maior, tendo em vista uma conciliação com a política militar do país. O conceito de defesa nacional justificava a intervenção e o controle do sistema educacional e da imprensa – aparelhos ideológicos cuja finalidade era formar e difundir uma mentalidade do ideal nacional, por meio dos quais se poderia disciplinar as novas gerações e fazer desaparecer as lutas de classes. (Horta, 1994).

O projeto de Góes Monteiro, segundo Horta (1994), responsabilizava o Ministério da Educação pela educação moral e cívica “[...] para a difusão da ideologia nacionalista, disciplinamento das novas gerações e preparação moral para

a guerra, dentro do processo de mobilização nacional [...]” e pela educação física: “[...] para a formação do futuro soldado” (Horta, 1994, p. 26). Segundo Horta (1994), o exército exerceu influência forte na educação física escolar e, quanto à educação moral e cívica, mesmo que não tenha se concretizado a unificação desejada, o projeto de Góes Monteiro influenciou o meio civil.

Pelos dados encontrados sobre a reforma do Governo Bley no Espírito Santo, percebem-se ações voltadas para o controle do sistema educacional e da imprensa. Várias medidas foram tomadas para “aperfeiçoamento” do ensino, para promoção da educação moral e cívica e para o avanço da Educação Física no Espírito Santo. No relatório apresentado a Getúlio Vargas, em 1931, Bley relatou as diretrizes tomadas:

Na plataforma, com que me apresentei aos sufragios eleitoraes, dizia eu que o problema do ensino constituiria uma das mais serias preocupações do governo; que para attendel-o, entretanto, não bastaria crear escolas onde não existissem ou fossem deficientes, ou aparelhá-las convenientemente. Mas que era preciso seleccionar o professorado, velar pela efficiência dos métodos de ensino, fiscalizar e estimular o cumprimento do dever. Acrescentava que ao lado do ensino primário, convinha instituirmos o ensino tecnico profissional e agrícola e promover o desenvolvimento do escotismo, como verdadeira escola de civismo (Espírito Santo, 1931, p. 69).

O governo capixaba utilizou uma política de difusão de impressos por meio da Imprensa Oficial e do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural, a favor de suas medidas reformistas. O Serviço de Educação pelo Rádio e Cinema Escolar, com a justificativa de fins educativos, também procurava inculcar as mudanças realizadas pela nova gestão, assim como sua importância.

Do Boletim de Informações e Estatísticas da Fazenda, foi publicado na REES um artigo que trata de *A Moderna Legislação sobre o ensino no Estado do Espírito Santo*. Nesse artigo encontram-se listados vários decretos e leis que reformulavam o sistema educacional espírito-santense:

- Decreto n. 10.101 de 27 de abril de 1931 – regulamentou a equiparação dos estabelecimentos particulares de ensino;
- Decreto n. 1,366 de 26 de junho de 1931– instituiu o Departamento de Educação Física;
- Lei orçamentária de 1932 – instituiu a Inspetoria Técnica, com corpo técnico constituído de sete Inspectores de Ensino e um Chefe. Competia-lhes a fiscalização e inspeção de oito circunspeções escolares juntamente

com os Delegados da Instrução, função exercida com restrições pelos Prefeitos Municipais. Os inspetores deveriam ser professores normalistas com exercício no Magistério e aprovados em concurso;

- Decreto n. 3.095 de 13 de dezembro de 1932 – regulou o curso de chefes escoteiros, com diploma registrado no Departamento de Ensino;
- Decreto n. 3.238 de 28 de janeiro de 1933 – regularizou a habilitação para o exercício do magistério primário, a distribuição do professorado em classe e acordo com os anos de exercício e sua promoção;
- Decreto n. 3.246 de 30 de janeiro de 1933 – dispõe sobre a compreensão e o funcionamento das escolas rurais;
- Decreto n. 3503 de 30 de março de 1933 – criou 59 vagas para professores normalistas e 31 vagas para professores de concurso no ensino primário do estado;
- Decreto n. 3.660 de 27 de abril de 1933 – criou os Cursos Noturnos de Educação Popular, junto aos Grupos Escolares em lugares populosos que tivessem mais de 35 pessoas analfabetas, contados a partir de 13 anos;
- Decreto n. 3.707 de 13 de maio de 1933 – criou o Conselho de Educação como órgão Consultivo do Departamento de Ensino, constituído por nove membros, sendo dois efetivos (Diretor do Departamento de Ensino e Inspetor Chefe do Corpo Técnico de Ensino) e sete eletivos;
- Decreto n. 4.752 de 19 de abril de 1934 – extinguiu o cargo de Inspetor Chefe do Corpo Técnico de Ensino, e criou, em seu lugar, o cargo de Assistente Técnico.

Pelos decretos, percebe-se o interesse em regularizar, regulamentar, reorganizar, fiscalizar e inspecionar o ensino. Houve também a iniciativa de ampliar o ensino primário.

A instituição do escotismo e bandeirantismo nas escolas perseguia o objetivo da educação moral e cívica. O escotismo escolar já havia sido instituído antes de Bley chegar à interventoria do Espírito Santo, por atos de 31 de março e 17 de junho de 1930. Mas no Governo Bley foi instituído também o Bandeirantismo escolar, para atender às meninas.

O Departamento de Educação Física foi transformado em Inspetoria de Educação Física. Era responsável pelo curso especial de Educação Física. De

acordo com Bley (1935, p. 6), esse curso tinha a finalidade de: “[...] dar orientação científica á educação physica da mocidade escolar e preparar professores aptos a ministrá-la proveitosamente pelo uso de methodos modernos de comprovada efficiencia [...]”.

O curso noturno de educação popular era um meio de controle das massas. Esse curso tinha como objetivo realizar a obra educativa das classes pobres. Ajustavam-se às condições de idade, trabalho e meio ambiente. Orientava as classes trabalhistas sobre seus direitos, garantias e deveres para com a pátria e a família. Mas, também, o ensino de educação cívico-política era: “[...] uma ‘medida salutar, que tem como objetivo cooperar com os poderes públicos no sentido de presumir a baixa camada do povo contra a infiltração de doutrinas subversivas e inadapáveis em nosso meio político-social’ (Eleutherio, 1935 , p. 47-48).

Dentre as ações do Governo Bley, algumas serão analisadas à parte no estudo, a fim de compreender a configuração das instâncias normativas do ensino, responsáveis pela produção da Revista de Educação e a política reformista de Bley, articulada com as diretrizes do Governo Vargas.

2.3.1 O Serviço de Cooperação e Extensão Cultural

O SCEC era uma instância do Departamento de Educação do Espírito Santo. Esse departamento pertencia, a princípio, à Secretaria do Interior e Justiça e, depois, à Secretaria de Educação e Saúde Pública. A Secretaria de Instrução, segundo o Boletim de Informações e Estatísticas da Fazenda (1934), foi suprimida por força do Decreto Federal n. 20.348, de 29 de agosto de 1931 (Código dos Interventores). As atribuições regulamentares dessa Secretaria foram transferidas para o Departamento de Ensino Público da Secretaria do Interior, que compreendia serviços administrativos, técnicos e estatísticos.

À Fernando Duarte Rabello, Secretário do Interior e Justiça, é atribuída a fundação da Revista de Educação, em 1934. Na primeira edição da REES, seu nome foi veiculado como [...] conhecedor do ensino nas suas bases modernas, tão diferentes das de ontem [...] (A Ordem¹⁹ apud Secção Cooperação e Extensão

¹⁹ Jornal do interior do Estado do Espírito Santo, do município de Calçado.

Cultural do Diário da Manhã, 1934, p. 54), afirmando que Bley foi feliz em colocá-lo na secretaria. Fernando Duarte Rabello, junto com Punaro Bley, foi considerado propagador do movimento de renovação pedagógica:

Os nomes do Capitão João Punaro Bley e dr. Fernando Duarte Rabello estão intimamente ligados ao movimento de renovação pedagógica que se está processando, nobre e inteligentemente no Brasil. E quando se fizer a história do magno problema de ensino eles comporão um capítulo interessantíssimo [...] (Seção de Cooperação e Extensão Cultural do Diário da Manhã, 1934, p. 54).

O Dr. Fernando Duarte Rabello, de acordo com Oliveira (1975), trabalhou no magistério desde a regência de uma cadeira noturna à Reitoria da Universidade Federal do Espírito Santo. Era bacharel em direito, porém não colou grau devido à carência de recursos. Foi secretário de várias pastas do Governo, Procurador Geral do Estado, Deputado Estadual, Professor Emérito da Faculdade de Direito, Sócio Fundador do Instituto Histórico-Geográfico do Espírito Santo. Quando foi o responsável pela educação junto ao governo Bley, conforme Oliveira (1975), procurou nacionalizar o ensino nas zonas de colonização estrangeira.

Porém, já na segunda edição da REES, o Tenente Wolmar Carneiro da Cunha, que era membro da Comissão Executiva do Partido Social Democrático, ocupa o cargo. Ao que parece, Fernando Duarte Rabello saiu voluntariamente:

Pelo decreto 4.769, de 25 de abril p. findo, foi exonerado, a pedido, do cargo de Secretário do Interior e Justiça desse Estado o dr. Fernando Duarte Rabello, fundador desta Revista. Ao dr. Fernando Duarte Rabello, que superintendia na pasta política do Estado, o Departamento de Ensino Público, deve a educação do Estado uma soma de considerável realizações notáveis

[...]

Foi nomeado, interinamente, Secretário do Interior e Justiça deste Estado, pelo decreto n. 4770, de 25 de abril transáto, o tenente Wolmar Carneiro da Cunha, um dos próceres revolucionários deste Estado, é um animador incansável das boas iniciativas e um devotado amigo da nobre causa da Educação. S. exa. já deu uma bela demonstração de sua operosidade, nos poucos dias de sua gestão na pasta do Interior e na superintendência do Ensino Público, continuando sem desfalecimentos a obra iniciada por seu antecessor (Notas & Informações, 1934, p. 57).

Em abril de 1935 ocorreram as eleições para Governador Constitucional. De acordo com a REES (Notas & Informações, 1935b), Wolmar Carneiro da Cunha pediu exoneração do cargo, pois teria sido nomeado Secretário do Governador. Após as eleições, Manoel Clodoaldo Linhares, membro do Conselho Consultivo na primeira Interventoria de Punaro Bley, passou a ser o novo Secretário do Interior e

Justiça. Mas ficou por pouco tempo. Em agosto desse mesmo ano, Carlos Gomes de Sá ocupou o cargo.

Dr. Carlos Gomes de Sá, advogado e professor, foi considerado um dos maiores criminalistas do Espírito Santo. Distinguiu-se também como jornalista e "causeur" (orador brilhante). No governo de Aristeu Borges de Aguiar, foi Procurador Geral do Estado. Em 1934, pelo Partido da Lavoura, foi eleito Deputado Estadual e atuou na elaboração da nova Constituição do Estado. Seu anteprojeto para a legislação de estrangeiros foi aproveitado pelo Governo Federal.²⁰

Contudo, seu mandato como Secretário do Interior e Justiça também durou pouco. Em março de 1936, assume o Secretário da Educação e Saúde Pública. Pela Lei n. 5 de 31 de outubro de 1935 foi criada a Secretaria de Educação e Saúde Pública. Paulino Muller é o novo mandatário.

Paulino Muller foi médico e político, membro do PSD. À convite de João Punaro Bley, ocupou o cargo de Secretário da Educação. Antes, era Prefeito de Vitória. Em março de 1937, foi eleito presidente do PSD.

De acordo com os dados encontrados na REES, Arnulpho Mattos, que junto com Manoel Clodoaldo Linhares foi membro do Conselho Consultivo na primeira Interventoria de Punaro Bley, assume a Secretaria da Educação e Saúde Pública em julho de 1936.

A Secretaria de Educação e Saúde Pública foi criada a partir da criação do Ministério da Educação e Saúde Pública. Segundo um comunicado da Associação Brasileira de Educação, esse Ministério precisava ser organizado porque tinha sido constituído por justaposição de repartições. A Secretaria de Estado do Ministério manteve um esquema que sofreria sensíveis alterações pelo projeto do Ministro Capanema:

[...] Em vez de abranger apenas órgãos de expediente e contabilidade, centralizadores da vida institucional do Ministerio, comprehendia, a mais disso uma repartição central de estatística e duas directorias técnicas – uma de educação e outra de saúde e assistência médico assistencial, constituindo-se a primeira o órgão da vida de relação e as outras duas, respectivamente, os aparelhos imcubidos de encaminhar e fazer executar as deliberações do Ministro sobre os assumptos relacionados com as finalidades específicas do Ministerio. E como órgão auxiliar completava, talvez impropriamente, tal conjunto, a Secretaria de Obras e Transportes. Esse schema prevaleceu substancialmente, mas com sensíveis alterações, no projecto do Ministro Capanema, onde os 'órgão de direcção', formadores da Secretaria de Estado, assim se enumeram: a) Gabinete do Ministro; b)

²⁰ Fonte: <http://www.sefaz.es.gov.br/painel/vultos68.htm>

orgãos de administração geral (Directoria Pessoal e Material e Directoria de Contabilidade); órgãos de administração especial (Departamento Nacional de Saúde, Departamento Nacional de Educação e Directoria de Estatística e Divulgação); d) órgãos complementares (Serviço de Comunicações, Procuradoria dos Feitos e Comissão de Eficiência) [...]

Pelo que toca aos restantes órgãos componentes, distribue-os o projecto Capanema em 'órgãos de execução' e 'órgãos' de cooperação.

No primeiro grupo contem-se:

a)- como instituições relativas á saúde, - o Instituto Nacional de Saude Publica, o Instituto Nacional de Psychiatria, o Instituto Nacional de Hygiene e Medicina da Criança, o Serviço de Saude Publica do Districto Federal, a Inspectoria de Água e Esgoto do Districto Federal, o Manicomio Judiciario do Districto Federal e as Delegacias Federais de Saúde;

b) - como instituições concernentes á educação, - a Universidade do Brasil, o Collegio Pedro II, o Instituto Oswaldo Cruz, o Museu Nacional, o Museu Nacional, o Observatorio Nacional, o Museu Histórico Nacional, a Casa de Ruy Barbosa, o Museu Nacional de Bellas Artes, o Instituto Nacional de Educação e as Delegacias Federaes de Educação (Associação Brasileira de Educação, 1936a, p. 107-108).

Foram feitos quadros da Secretaria do Interior e Justiça e da Secretaria de Educação e Saúde Pública para que se visualize melhor sua organização. Os quadros referentes à Secretaria do Interior e Justiça foram feitos por meio de deduções dos dados encontrados na REES. O quadro da Secretaria de Educação e Saúde segue o modelo proposto pela Lei. n. 5 de 31 de outubro de 1935. Partiu-se do princípio de que a organização do primeiro era semelhante à do segundo. Os quadros **1**, **2**, e **3** demonstram o reflexo dessa justaposição nas Secretarias Estaduais.

SECRETARIA DO INTERIOR E JUSTIÇA					
Fernando Duarte Rabello / Wolmar Carneiro da Cunha					
DEPARTAMENTO DE ENSINO PÚBLICO					
DIRETORIA DO EXPEDIENTE E ESTATÍSTICA	INSPETORIA TÉCNICA Placidino Passos	INSPETORIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	SERVIÇO DE INSPEÇÃO MÉDICA E EDUCAÇÃO SANITÁRIA ESCOLAR Dr. Mário Bossois Ribeiro	SERVIÇO DE EDUCAÇÃO PELO RADIO E CINEMA Luiz Edmundo Malizeck	SERVIÇO DE COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL Claudionor Ribeiro
Seção do Expediente	Inspetores	Diretor chefe			Revista de Educação
Seção de Estatística		Chefe do curso de Ed. Física			Biblioteca Circulante
Seção de Aparelhamento Escolar		Secretário			Biblioteca Irradiante

QUADRO 1: SECRETARIA DO INTERIOR E JUSTIÇA (1934)

SECRETARIA DO INTERIOR E JUSTIÇA					
Wolmar Carneiro da Cunha/ Manoel Clodoaldo Linhares / Carlos Gomes de Sá					
DEPARTAMENTO DE ENSINO PÚBLICO					
DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ENSINO PÚBLICO					
João Bastos					
DIRETORIA DO EXPEDIENTE E ESTATÍSTICA	INSPETORIA TÉCNICA Placidino Passos	INSPETORIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	SERVIÇO DE INSPEÇÃO MÉDICA E EDUCAÇÃO SANITÁRIA ESCOLAR Dr. Mário Bossois Ribeiro	SERVIÇO DE EDUCAÇÃO PELO RADIO E CINEMA Luiz Edmundo Malizeck	SERVIÇO DE COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL Claudionor Ribeiro
Seção do Expediente	Inspetores	Diretor chefe			Revista de Educação
Seção de Estatística		Chefe do curso de Ed. Física			Biblioteca Circulante
Seção de Aparelhamento Escolar		secretário			Biblioteca Irradiante

QUADRO 2: SECRETARIA DO INTERIOR E JUSTIÇA (1935)

SECRETARIA EDUCAÇÃO E SAÚDE						
Paulino Muller (1936) / Arnulpho Mattos (1936/1937)						
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO						
DIRETOR GERAL						
Arnulpho Mattos (até julho DE 1936)						
DIRETORIA DO EXPEDIENTE E ESTATÍSTICA	INSPETORIA DO ENSINO PRIMÁRIO Placidino Passos	INSPETORIA DO ENSINO SECUNDARIO, PROFISSIONAL E TÉCNICO	INSPETORIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	SERVIÇO DE INSPEÇÃO MÉDICA E EDUCAÇÃO SANITÁRIA ESCOLAR Dr. Mário Bossois Ribeiro	SERVIÇO DE EDUCAÇÃO PELO RADIO E CINEMA Luiz Edmundo Malizeck	SERVIÇO DE COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL Claudionor Ribeiro
Seção do Expediente	Inspetores	Inspetores	Diretor chefe			Revista de Educação
Seção de Estatística			Chefe do curso de Ed. Física			Biblioteca Circulante
Seção de Aparentamento Escolar			Secretário			Biblioteca Irradiante

QUADRO 3: SECRETARIA EDUCAÇÃO E SAÚDE (1936/1937)

A Revista pertencia ao Serviço de Cooperação e Extensão Cultural (SCEC). De acordo com o texto oficial do Governo Bley (Mensagem – 1937), o SCEC possuía a finalidade de promover as relações culturais entre a Secretaria de Educação e Saúde Pública e seus departamentos com as agremiações sociais e científicas. Bley (1935), ao escrever sobre o SCEC, atribui-lhe ainda outra função:

A formação profissional do professor tem sido objecto de serias cogitações por parte do Governo. Impossibilitado, por motivos superiores de crear um curso especial, nesse sentido, vem o Governo como medida inicial, mantendo, no Departamento de Ensino Público, uma biblioteca pedagógica e a “Revista de Educação”, ambas sob direção do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural do citado Departamento. A biblioteca pedagógica é destinada a expansão cultural do professor. Bem servida de obras especializadas e valiosas no assumpto, a biblioteca pedagógica, de eficiência comprovada, permite a retirada de livros aos senhores professores para estudos no meio familiar. A “Revista de Educação” destina-se á vulgarização de methodos e processos contemporâneos de ensino, tendo larga divulgação no Estado, no Paiz e em alguns centros educacionaes do Estrangeiro (Bley, 1935, p. 10).

De acordo com o texto, o governo espírito-santense primava pela formação do professor. Uma rede de circulação de impressos fora instaurada para que pudesse trazer as discussões dos métodos e processos contemporâneos de ensino aos professores e, deste modo, também cumprir o papel de um curso especial para os professores.

Na REES n. 1 encontram-se publicadas as primeiras circulares do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural. A primeira circular dá a entender que esse serviço foi organizado em 1933, no Espírito Santo, o que podemos verificar pela data da circular – 11 de novembro de 1933 – com a seguinte afirmação: “Tenho o grato prazer de lhe comunicar que se acha organizado o Serviço de Cooperação e Extensão Cultural do Departamento de Ensino Público do Espírito Santo [...]” (Ribeiro, 1934b, p. 36). Nessa circular encontram-se algumas funções do SCEC:

A finalidade desse Serviço é estabelecer uma estreita e inteligente aproximação com as instituições culturais do país e do estrangeiro. Mantem um biblioteca pedagógica para expansão cultural do professorado do Espírito Santo, com eficaz orientação; uma secção de recortes de jornais e revistas sobre os assuntos científicos de mais palpitante atualidade; uma bem desenvolvida secção de propaganda e informações atinentes á educação – o primacial problema brasileiro [...] (Ribeiro, 1934b, p. 36).

Foi um serviço criado para proporcionar mais condições de formação cultural aos professores. A circular continua e esclarece a criação da Revista de Educação:

Manterá o aludido Serviço, aos domingos, no **Diário da Manhã**, desta capital, uma página de educação intitulada **Vida Educacional**, em colaboração com o Departamento de Ensino Público e o referido jornal, e mais a **Revista de Educação**, mensalmente, destinada ao livre debate e à exposição dos métodos e processos de ensino mais importantes na atualidade (Ribeiro, 1934b, p. 36, grifo do autor).

De acordo com Carvalho & Toledo, os intelectuais republicanos almejavam a reforma da sociedade pela reforma da escola. Como as autoras afirmaram, foram várias as iniciativas tomadas em relação à produção e circulação de impressos:

[...] recomendações bibliográficas; publicação de revistas; tradução, edição e distribuição de livros estrangeiros; organização de bibliotecas especializadas para professores; edição e distribuição de guias curriculares; compra e edição de materiais impressos para distribuição nas escolas [...] (Carvalho & Toledo, 2000, p. 71-72).

Tudo isso tinha como objetivo mudar a mentalidade do professorado e remodelar as práticas escolares. A circular nº. 1 dá indícios de que tais iniciativas foram oferecidas pelo Serviço de Cooperação e Extensão Cultural no Espírito Santo, ou seja, foram iniciativas oficializadas pelo governo espírito-santense. Como uma instância do governo, cuja função também seria de substituir um curso especial para os professores, o SCEC poderia controlar a formação do professorado nos moldes desejados à estratégia da política no poder.

Outro detalhe que se pode observar na circular nº. 1 é que ela diz que a REES seria uma publicação mensal, fato relacionado à sua periodicidade. Além disso, semanalmente o Diário da Manhã publicaria uma página sobre educação²¹. Com mais a biblioteca pedagógica e as seções de recortes de jornais e revistas e de propagandas e informações educacionais, pode-se perceber que fora criado um sistema de circulação de impressos que produzia suas publicações próprias e que também abrangia publicações de outros estados e países. Carvalho & Toledo (2000, p. 72-73) afirmaram:

Coordenar, incentivar, subsidiar, informar, atualizar: delineia-se aí uma estratégia de intervenção do imprenso no âmbito de um programa de remodelação da escola fortemente mediado pela atenção dada a dispositivos de constituição de uma nova cultura pedagógica do professorado [...] Nesse empreendimento, maximizaram a divulgação em detrimento da censura, efetuando a triagem das novas pedagogias na própria operação de seleção dos materiais editados.

²¹ Uma análise superficial sobre a seção Vida Educacional do Diário da Manhã revelou que os textos retratavam o cotidiano escolar: movimentação de professores, matrículas, acontecimentos e fatos nas escolas e faculdades capixabas, etc. Uma análise mais sistemática desses textos despenderia um tempo considerável, o que não foi possível para essa pesquisa. Fica, então, um campo de pesquisa aberto para ser explorado em momento posterior.

As organizações mantidas pelo SCEC foram as Bibliotecas Circulantes, a Biblioteca Irradiante, a Revista de Educação e outras publicações relativas ao seu desenvolvimento, além da seção de recortes dos jornais e revistas sobre assuntos de cultura em geral (Espírito Santo, 1937).

Os dados oficiais capixabas apresentam o Espírito Santo como o primeiro estado brasileiro a inaugurar as Bibliotecas Circulantes (Espírito Santo, 1937)²² Um de seus objetivos era auxiliar na campanha contra o analfabetismo, utilizando-as no aperfeiçoamento profissional do educador. Essas bibliotecas constituíam-se de livros e de revistas técnicas sobre diversos assuntos referentes à escola, destinadas a professores e pessoas interessadas na obra da educação.

Circulavam em várias localidades para visitar os grupos escolares ou escolas reunidas: Cachoeiro de Itapemirim, Castelo, Siqueira Campos, São Mateus, Conceição da Barra, São José do Calçado, Muqui, Alegre, Colatina, Itaguaçu, Anchieta, Guarapari, e, é claro, Vitória, só para citar alguns locais visitados, registrados na Mensagem de 1937. A sede das Bibliotecas Circulantes era no Departamento de Educação. Retornavam à sede para trocar volumes estragados ou para atualizar os seus livros.

Em 1936, no Espírito Santo, cinco Bibliotecas Circulantes foram inauguradas: João Punaro Bley, Paulino Muller, Alberto Torres, Celso Calmon e Arnulpho Mattos; cada uma possuía 15 volumes (Espírito Santo, 1937).

Cada uma das Bibliotecas Circulantes levava consigo um ofício ao professor, que orientava o prosseguimento no seu roteiro e a maneira do seu funcionamento, e fichas de leitura que registravam o aproveitamento e as impressões dos professores sobre cada obra consultada. Nessas fichas, constavam ainda os seguintes requisitos: nomes da escola, do município, do professor, o número de alunos, a data em que a escola recebeu a biblioteca e a que foi expedida para outra localidade, como foi feita a leitura e notas de erudição (Espírito Santo, 1937). Os livros eram destinados aos professores; as fichas apenas forneciam informações e controle das escolas visitadas.

A Biblioteca Irradiante, também com sede no Departamento de Educação, era, ao contrário das Bibliotecas Circulantes, com endereço fixo. Destinava-se a fornecer leituras no lar aos professores, pais e alunos, mediante recibo e obrigação

²² Essa informação ainda não foi investigada em outras fontes, portanto, pode ser questionada.

de conservação, com prazo máximo de 30 dias. Segundo a REES, a biblioteca funcionava todos os dias úteis de 9 às 11 horas e de 13 às 17 horas. Além de livros de pedagogia e ciências, havia livros de literatura. Mesmo atendendo pais e alunos, houve um tipo de leitura específica para os professores. Segundo a Revista de Educação (1935), os seguintes livros chegaram à Biblioteca Irradiante:

“Educação e Psychanalyse”, de Arthur Ramos; “Estatística”, de Sigmund Schott; “Hygiene escolar”, de Leo Burgestein; “O Problema Educacional e a Nova Constituinte”; “O que se não deve dizer”, de Candido de Figueiredo (3 volumes); “ A Educação Psychanalytica na Rússia Soviética”, de V. Schmidt; “Cartas às mães”, de Wilhelm Stehel, “Oração dos Moços”, de Ruy Barbosa; “Thecnico Psychologia do Trabalho Industrial”, de Leon Walter; “Geographia Elementar”, de Delgado de Carvalho; “Curiosidades Verbaes” de João Ribeiro; “A Escola e a Psychologia Experimental”, de Claparède; “Educação Moral”, de Sampaio Dória”; “Temperamento e Character”, de Henrique Geenem; “Educação e Sociologia”, de Durkheim; “A Hereditariedade Em Face Da Educação” de Octavio Domingos; “A Escola Activa e os Trabalhos Manuaes” de Corintha Fonseca”; “A Lei Biogenetica” de Ferrière; “Introdução ao Estudo da Escola Nova”, de Lourenço Filho; “Vida e Educação”, de John Dewey; “Situação Actual dos Problemas Philosophycos”, de C’resson; “Cinema e Educação”, de Jonathas Serrano; “Os Centros de Interesse na Escola”, de Moura; “A Escola e a Formação da Mentalidade” de Estevão Pinto; “Como Ensinar Linguagem”, de Firmino Costa; “Educação para uma Civilização em Mudança”, de Kilpatrick; “O Problema da Educação dos Bem Dotados”, de Estevão Pinto; “Testes A. B. C.”, de Lourenço Filho; “O Ensino Primário no Brasil”, de Teixeira de Freitas; “A Escola Unica”, de Lorenso Luzuriaga; “Radio e Educação”, de Ariosto Espinheira; “Noções de Psychologia” de Yago Pimentel; “ A Psychanalyse em 12 Lições”, de Gastão P. da Silva; “O Homem e a Natureza”, de Gandhi; “Inteligência das Cousas”, de Gustavo Barroso; “Figuras Brasileiras”, de Ruy Barbosa; “Idéias e Combates” de Sylvio Julio; “Ensaio de Psychanalise”, de J. P. Porto Carrero; “D. Pedro I e a Marquesa de Santos”, de Alberto Rangel; “Graças e Galas da Linguagem”, de Laudelino Freire; “Lições de Pedagogia Geral”, de Alberto Pimentel Filho; “Como se Ensina”, de Sampaio Doria; “O Poder Pessoal”, de A. Itália; “Cartilha das Mães”, de Martinho da Rocha Junior; “Procreação Racional”, de Marie C. Stopes; “A Victoria do homem Efficiente”, de E. Earle Puriton; “Amor e Casamento” de Marie C. Stopes; “Vida Efficiente”, de E. Earle Puriton (Bibliografia Pedagogica, 1935, p. 59-60).

Esses livros podem ter sido comprados com o dinheiro arrecadado dos anúncios publicados na REES, pois se destinava a isso. Os títulos dos livros indicam algumas leituras peculiares para professores. No geral, os livros referem-se à: Escola Nova, Escola Ativa, Escola Única, sociologia e filosofia da educação, pedagogia, psicologia e psicanálise, gramática e linguagem, geografia, cinema e rádio escolares, moral e ética, instruções para as mães. Muitos dos títulos faziam parte da Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho, tida como um dos ícones da renovação em educação.

De acordo com Toledo (2001), a proposta editorial de uma coleção objetiva

um tipo de leitor interessado em um tipo específico de leitura. Os temas dos livros revelam a representação que os editores fazem do leitor. Conforme a autora, a coleção propicia o barateamento dos custos dos livros produzidos, algo bem propício para o governo espírito-santense, que passava por uma grave crise financeira. Os livros eram comprados com o dinheiro dos anúncios veiculados na REES, o que sugere que os editores da REES escolhiam os mesmos. No caso da Biblioteca Irradiante, esses livros revelam a representação que os reformadores fazem do tipo de leitura necessária ao professorado para melhorar a educação no Espírito Santo.

Ainda, segundo Toledo (2001), um dos dispositivos editoriais utilizados na prática de produção de uma coleção é a operação pela qual o editor se propõe a realizar a seleção de títulos e autores de modo que o leitor possa selecionar um conjunto de obras com a garantia de sua qualidade. Os reformadores do ensino capixaba acreditavam na qualidade da Biblioteca de Educação – de Lourenço Filho – para a educação que buscavam difundir no Espírito Santo.

Os temas desses livros indicam um tipo de formação que se pretendia oferecer aos professores capixabas: pedagogia da Escola Nova. E, além dos livros oferecidos pelas bibliotecas, a REES reforçava a formação do professorado, pois veiculava muitos temas escolanovistas e incentivava a leitura desses livros. Deste modo, o professor, o leitor objetivado, era instigado a procurar aperfeiçoar sua formação nos moldes propostos pelos reformadores do ensino.

2.3.2 Educação Física, Educação Sanitária e Escotismo

Horta (1994) discutiu o processo de generalização da Educação Física no Brasil, liderado, em grande parte, pelos militares. Essa disciplina teve uma influência sólida dos militares em relação à sua concepção, seus métodos e práticas. Conforme o autor, em 1929, um anteprojeto de lei, preparado por uma Comissão presidida pelo Ministro da Guerra, regulamentava o ensino da Educação Física em todo o país. A partir de 1930, os militares intentam garantir o controle dessa disciplina na escola por meio do Ministério da Educação e Saúde, recém criado. Para garantir seu predomínio nessa área, os militares organizaram o Centro Militar de Educação Física com o objetivo de “[...] difundir, unificar e intensificar a educação física no Exército [...]” (Horta, 1994, p. 67). Em 1931, “exercícios de educação física” tornaram-se

obrigatórios, em todas as classes de ensino secundário, pela Reforma Francisco Campos. Foi nesse ano que Bley assinou o decreto que criava a Inspetoria de Educação Física no Espírito Santo.

O mesmo objetivo citado por Horta para a criação do Centro Militar de Educação Física encontra-se citado no artigo do Boletim de Informações e Estatísticas da Fazenda de Vitória, publicado na REES, para a instituição do Departamento de Educação Física: “[...] difundir, unificar e intensificar esse ensino nos Estabelecimentos militares e educacionais no Estado” (Boletim de Informações e Estatísticas da Fazenda, 1934, p. 34).

Além do Departamento de Educação Física, foi criado o Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitária e regulamentado o bandeirantismo escolar. Na REES de número 1, Claudionor Ribeiro, redator-secretário da REES, (1934a) fez um “Breve Relato do Problema Pedagógico no Espírito Santo”, onde expôs, de uma forma geral, a legislação referente à educação capixaba. Dentre os decretos citados e recém criados, encontram-se:

- Decreto n. 1366 de 26 de junho de 1930, que criou, segundo o autor, a Inspetoria de Educação Física;
- Decreto n. 4.012 de 21 de agosto de 1933, que criou o Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitária Escolar.
- Decreto n. 4259, de 19 de novembro de 1933, que instituiu o Bandeirantismo Escolar;

De acordo com Horta (1994), a Plataforma da Aliança Liberal colocava o problema da educação ao lado do problema da saúde, que exigia medidas de saneamento imediatas. Na posse do Governo Provisório, em 1930, Getúlio Vargas anunciou um programa de reconstrução nacional que incluía:

[...] a criação de um Ministério da Instrução e Saúde pública cujas tarefas seriam o saneamento moral e físico, através de uma “campanha sistemática de defesa social e educação sanitária” e a difusão intensiva do ensino público, através de um “sistema de estímulo e colaboração direta dos Estados” (Horta, 1994, p. 1).

Horta (1994, p. 2) constatou que a ligação entre educação e saúde manifestou-se numa ênfase cada vez maior na educação física, relacionada com o fortalecimento da raça. O fortalecimento da raça também dependia do controle e prevenção de doenças. Na REES encontra-se entre vários autores um discurso de aprimoramento da raça. O próprio Bley justificou a criação do Departamento de

Educação Física e do Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitária Escolar nesses termos:

Outro acto, que veio resolver problema dos mais relevantes, qual o da formação de homens sadios e capazes de realizar nossas aspirações de grandeza e prosperidade, foi a criação [...] do Departamento de Educação Physica, destinado a da orientação científica a mocidade escolar e preparar professores aptos a ministrá-la proveitosamente, pelo uso de methodos modernos de comprovada eficiência [...]

[...] Iniciativa recente e de igual relevância, que a situação financeira não permitiu que fosse desde logo adoptada, o Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitária Escolar [...] foi inspirado pelos mesmos intuitos que levaram o Governo a aperfeiçoar o ensino da educação physica. Serviço varias vezes prometido, mas sempre protelado pelos governo anteriores á Revolução, está sendo efizcamente realizado, na Capital e em quasi todos os municípios do Estado [...] (Bley, 1935, p. 6).

Pode-se observar nas palavras do Interventor a presença de um discurso de eugenia. O Departamento de Educação Física e o Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitária Escolar objetivavam proporcionar a formação de homens sadios que pudessem assim realizar as aspirações de prosperidade.

A utilização da Educação Física para a formação do futuro soldado é questionada pelos editores da REES:

E' preciso abandonar por completo a erronea e prejudicial "instrucção physica" escolar sob a forma de "instrucção militar", que infiltra fatalmente na alma das crianças e nas familias o espirito anti-humano militarista, que já provocou tanta desgraça na vida da humanidade! Ao contrário desta instrucção physica militarizada, é preciso introduzir nas escolas uma nova, idonea e verdadeira educação physico-esthetica que visa a formação harmoniosa do corpo e da criança e o despertar, na sua alma, da ansia esthetica de belleza, conduzindo-a para a perfeição! Eis a finalidade da nova educação physica, que é a expressão da sciencia e da arte, da eugenia e da belleza, e não a premissa do militarismo! (O Jornal, 1934, p. 43-44).

Já foi citado que Bley objetivava criar o curso para preparar os professores para utilização nas escolas de um "método moderno", ou seja, uma forma de proporcionar uma formação com embasamentos científicos. A Inspeção de Educação Física era dirigida por professores diplomados pela Escola de Educação Física do Exército e anualmente abria um Curso Especial com programas que seguiam os moldes daquela Escola.²³ Com uma formação militar, o curso poderia estar propenso à disseminação de uma ideologia militar de formação do futuro

²³ REVISTA de Educação Física. 1933. A Educação Física no Espírito Santo. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 10-11, nov.

soldado. Mas essa questão merece uma análise mais profunda, o que não é o objetivo desse trabalho. A questão da ideologia que o Governo Bley perseguia para a implantação do curso parece estar mais voltada para a melhoria da raça e conseqüente progresso da Nação, do que para a formação de soldados para alguma possível guerra.

A questão do escotismo também merece algumas considerações. O escotismo foi adotado em algumas escolas públicas brasileiras como um complemento da educação integral, enriquecendo a formação moral, física e intelectual. Assim surgia a forma escolar desse movimento.

Trata-se de um método educacional extra-escolar, fundado pelo general britânico *Robert Stephenson Smity Banden Powell*, difundido pelo mundo por meio do livro *Scout for Boys*. No Brasil, em 1914, foi fundada a *Associação Brasileira de Escoteiros* (ABE), organizando em diretrizes as atividades escoteiras. Para propagar o escotismo no país foram criadas três instâncias administrativo-deliberativas: um Conselho Superior, uma Diretoria Geral, e uma Comissão Técnica Nacional. A ABE instalava uma Comissão Regional, subordinada aos princípios estatutários da associação, em cada estado em que funcionasse um grupo de escoteiros (Gabriel, 2003).

Nascimento (2004) afirma que o escotismo compunha o discurso político de segmentos da sociedade que defendiam o nacionalismo com estratégia para construção de uma identidade brasileira e que diversos grupos políticos almejavam o movimento escoteiro como possibilidade de educação e de doutrinação dos jovens nos valores considerados necessários naquele momento.

Souza (2000) discutiu a militarização da infância por meio das práticas escoteiras, que segundo a autora, remetiam aos batalhões infantis do início do século XX:

[...] A militarização da infância ressurgia de forma mais sistematizada e racionalizada sob os anúncios dos órgãos da administração do ensino público e a Associação Brasileira de Escotismo. As práticas cívico-militares em voga nas escolas primárias atendiam, assim, a múltiplos propósitos: fosse a perpetuação da memória histórica nacional, a exibição das virtudes morais e cívicas inscritas na obra formativa escolar, a ação educadora da escola para o conjunto da sociedade ou a expressão do imaginário sócio-político da República (Souza, 2000, p. 116).

Gabriel (2003) pontuou algumas questões sobre esse assunto: os educadores à frente da diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo instituíram o

debate em torno da instrução militar no projeto de formação cívica – a hierarquia militar simularia a hierarquia social; o pacifismo das organizações nacionalistas seria outro elemento para explicar a relação entre escotismo, civismo e instrução militar; a vinculação entre militarismo e formação física, com a introdução da disciplina educação física nas escolas defendidas pelos militares e a influência do pensamento sanitarista: “[...] sem dúvida, esses dois aspectos, sanitário e defesa militar, fizeram parte da preocupação dos sujeitos envolvidos com a causa da educação e do escotismo [...]” (Gabriel, 2003, p. 85).

No entanto, Gabriel (2003) reconheceu que há pouca compreensão e pouca problematização para as relações entre escotismo, práticas de formação e condicionamento físico e militarismo, pois, segundo a autora, esses temas são “tabus” para o escotismo e uma questão aberta para a história da educação.

Segundo Horta (1994), as autoridades militares cobijaram o Escotismo como forma de influência do Exército na infância, mas os escoteiros foram opostos à idéia de se transformar em movimento militar. Gabriel Skinner, um dos atores do escotismo escolar da época afirmou: “[...] Não se infere porém, daí que o escotismo seja pura e simplesmente ‘esportismo’, ou como pensam outros, ‘simples arremedo de militarismo’” (Skinner, 1935, p. 39). Martins Filho, outro ator, acreditava que o escotismo só atingiria sua finalidade no Brasil, como uma escola ideal de ginástica aplicada, se os seus métodos fossem bem compreendidos, para que deixassem de ser uma caricatura da vida militar e passassem a serem vistos pelos professores como um colaborador precioso para a formação integral, “[...] capaz de exercitar o menino a contar com suas próprias fôrças, e dar-lhe noção de responsabilidade, ensinando-o, ao mesmo tempo, a tirar o máximo de partido dos recursos naturais e, sobretudo, a despertar-lhe um grande amor pela vida fora da cidade [...]” (Martins Filho, 1935, p. 40).

O escotismo escolar foi muito estimulado no Espírito Santo no período do Governo Bley. A REES fornece indícios que nesse governo houve um grande incentivo do movimento escoteiro:

Para avaliar-se o grande e entusiástico interesse que o Governo do Estado tomou pelo escotismo, basta citar que o Interventor Federal consagrou a essa estupenda instituição educacional 6:000\$000, metade de sua verba de representação anual” (RIBEIRO, 1934a, p. 4).

Bley (1935, p. 6) afirmou: “[...] Deu-se amplitude ao escotismo escolar com a organização de tropas em todos os Municípios, sob a direção de professores para

esse fim, preparados no Curso de Chefe de Escoteiros [...]”. A instituição do Bandeirantismo Escolar ampliou o movimento escoteiro para as meninas. Foi veiculado na Revista de Educação o objetivo do Bandeirantismo anexo à escola. Desenvolveria a formação do caráter das moças e o espírito de família e civismo:

Faz, de cada mulher, um modelo de paciência, de bondade, de nobres aptidões e útil a si mesma e à coletividade. Forma a mulher perfeita, capaz, dignificadora do lar, por meio de práticas morais, trabalhos úteis, excursões, jogos e exercícios. Habilita a mulher para as ocupações domésticas e para ter a confiança nela mesma.

É o Bandeirantismo o veículo precioso que conduz as jovens para a perfeição em todos os misteres da vida. Incute, nas moças o amor do bem, da lealdade, da singeleza, para serem “o anjo tutelara da família, uma luz viva que ilumine e aqueça” (Cooperação e Extensão Cultural, 1934, p. 36).

O Escotismo preocupar-se-ia com a formação moral dos rapazes, conforme os costumes da época. A questão da militarização da infância poderia ser questionada, já que alguns autores que escreveram a respeito na REES fornecem indícios de que não toleravam essa fama e que se preocupavam com as bases teórico-pedagógicas do movimento escoteiro. Numa primeira análise dos artigos referentes ao tema, não se encontrou nenhum que ligasse o movimento do Escotismo à formação da “criança soldado”. Ao que indica, essa idéia era contrário à ideologia do movimento.²⁴ Entretanto, Punaro Bley, militar, demonstrou muito interesse de que essa prática se estendesse pelo Espírito Santo. O grande incentivo ao escotismo estaria ligado à disseminação da educação moral e cívica, uma das diretrizes ideológicas do projeto de Góes Monteiro.

2.3.3 O Serviço de Educação pelo Rádio e Cinema

O Serviço de Educação pelo Rádio e Cinema Escolares (SERCE), foi uma das instâncias educativas criadas a fim de prestar serviços aos estabelecimentos de ensino. O SERCE era dirigido pelo professor Luiz Edmundo Malizeck, inspetor regional de ensino. Possuía também uma seção de fotografia, responsável por registrar exposições (como a 1ª Exposição de Aves do estado) e para documentar as realizações do Departamento de Ensino.

²⁴ Constatado no estudo da monografia, Lauff (2005), sobre a Revista de Educação.

De acordo com Schwartzman, Bomeny & Costa (2000), em 1932, o Governo Provisório já entendia que o Ministério da Educação deveria orientar os serviços de radiodifusão e sistematizar a ação governamental na área do cinema educativo por meio de órgão próprio. O autor constatou, em um documento sobre o Instituto Nacional do Cinema Educativo, encontrado na pasta do arquivo de Gustavo Capanema, as linhas de um grande e ambicioso departamento de Propaganda do Ministério da Educação, pelo qual se buscava atingir todas as camadas populares com a sua influência cultural, a fim de esclarecer, preparar, orientar e edificar a cultura de massas. Deste modo, o cinema era visto como meio privilegiado para uma ação educativa. A censura e o cinema pedagógico eram os passos a serem seguidos (Schwartzman, Bomeny & Costa, 2000).

Embora Getúlio Vargas tenha esvaziado o Ministério da Educação da propaganda, do rádio e do cinema com a criação, em 1934, do departamento de Propaganda e Difusão Cultural junto ao Ministério da Justiça, Punaro Bley os manteve ligados ao Departamento de Educação no Espírito Santo.

Foi registrado, na Mensagem de 1937, que o movimento do SERCE exibiu naquele período 323 filmes nos seguintes estabelecimentos de ensino e associações: Escola Normal Pedro II, Ginásio do Espírito Santo, Grupo Escolar Vasco Coutinho, Grupo Escolar Gomes Cardim, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, Orfanato Cristo Rei, Clube de Regatas Saldanha da Gama, Orfanato Santa Luzia, Clube Vitória, Grupo Escolar Graciano Neves, Colégio Americano, Escola Alemã. A “Filmoteca” possuía 106 filmes, entre os quais 13 foram feitos pelo SERCE. Alguns dos filmes confeccionados foram:

[...] Dia da pátria – Aspectos do Rio de Janeiro – Inauguração do Estádio ‘Governador Bley’ – Penitenciária dos Estado (parte) – Inauguração da Fábrica de Farinha de Mandioca (parte) – Itanhega (duas partes), 280 metros – 1ª Exposição de Aves – Chegada de S. Exa. o sr. Governador do estado – Tuberculose Bovina (filme científico) – ‘SERCE’ jornal n. 3 – ‘SERCE’ jornal n. 4 – ‘SERCE’ jornal n. 5 (Espírito Santo, 1937, p. 346).

Esses filmes demonstram o forte interesse em difundir as ações do governo de Bley. Além da propaganda na REES, o governo utiliza mais um meio para inculcar sua política na população.

2.3.4 A REES como difusora das ações políticas de Bley

A REES precisa ser entendida como uma das peças em uma estratégia de intervenção instalada no governo Bley. O periódico estava abrigado em um dos diferentes serviços culturais fundados no período, cujo objetivo era o de educar e modernizar a cultura do Espírito Santo. Esse impresso parece ter servido também de veículo estratégico de propaganda dos feitos do novo governo. A Revista de Educação, conforme a Mensagem de 1937, era expedida como veículo de propaganda educacional às várias instâncias públicas e destinava-se a vulgarizar os métodos e processos mais modernos. (Espírito Santo, 1937).

A primeira edição da REES começa com elogios às ações reformistas do governo Bley para a educação. Ribeiro (1934a), redator chefe da Revista de Educação, expressava satisfação e otimismo em relação às legislações educacionais capixabas e ao governo que as organizava. Concluiu seu artigo da seguinte forma: “Esta aí, neste breve relato, a situação de louvabilíssimo prosperidade do ensino no Espírito Santo. Em conclusão, não hesitamos em inclui-lo no rol dos bons paradigmas do movimento educacional, no Brasil” (Ribeiro, 1934a: p. 5).

[sobre a instituição do bandeirantismo escolar] [...] S. exa. o sr. capitão Punaro Bley, Interventor Federal, e seu digno secretário do Interior e grande alma escotista, dr. Fernando Duarte Rabello, que o promulgaram, são dignos de todos os elogios e dos melhores agradecimentos dos que se interessam pôr ver no Brasil o Escotismo, em todos os seus ramos, se desenvolver, trazendo á Mocidade o tríplice preparo: moral, físico e intelectual [...] (Revista de Educação, 1934a, p. 51).

Essa visão positiva do Espírito Santo parece ter sido o tom adotado na revista e encontra-se presente em outros artigos desse mesmo autor:

Uma visão panoramica do movimento pedagogico do Brasil colloca o Espirito Santo em situação de grande destaque entre nossos Estados de vanguarda.

[...]

Ora, é o Governo do Estado imprimindo orientação mais orthodoxa ao nosso ensino, consubstanciada nas creações eficazes do Serviço de Inspeccção Medica e Educação Sanitaria Escolar, do escotismo e do bandeirantismo, na vulgarização empolgante da physiocultura escolar [...] Ora, é o professorado que se agita em pról do melhoramento da classe, fundando instituições de elevado cunho cultural e pedagógico (Ribeiro, 1934h, p. 1).

Um outro exemplo foram as citações feitas sobre a instituição do escotismo escolar no Espírito Santo, elogiado por periódicos nacionais e estrangeiros de “raro prestígio”:

- Publicado no *Jornal do Brasil*, periódico prestigiado no meio escoteiro, segundo a Revista de Educação:

Todos os que se interessam verdadeiramente pelo Movimento Escoteiro no Brasil seguem sua marcha de perto, são unânimes em elogiar e destacar a valiosa cooperação que o Estado do Espírito Santo vem dando ao Escotismo e a magnífica orientação [sic] que sobre a [sic] instituição de Baden Powell reina nas terras capichabas.

O Estado do Espírito Santo é considerado **leader** em escotismo, com toda a justiça, pois sua legislação escoteira é admirável, podendo servir de paradigma aos que desejarem verdadeiramente fazer escotismo. (Secção de Propaganda do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural, 1934a, p. 50-51, grifo do autor).

- Publicado em *O País*, identificado como um tradicional órgão da imprensa carioca:

O governo do Espírito Santo, que vem há bastante tempo encarando muito seriamente o escotismo, teve a felicíssima idéia de tornar oficial ali o bandeirantismo.

[...]

O ato do governo do Espírito Santo merece todos os aplausos e é digno de ser imitado pelos demais Estados da União (Secção de Propaganda do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural, 1934a, p. 53-54).

As realizações no sistema de ensino espírito-santense são relatadas na REES como iniciativas do Capitão Bley, militar, sem considerar sua subordinação com instâncias acima dele, as diretrizes gerais seguidas pelo Governo Central e as discussões a respeito de educação que vinham ocorrendo desde o início do século XX. As questões da educação física, da educação sanitária e do escotismo são exemplos disso.

Essas informações demonstram uma tentativa de mostrar que o Governo de Punaro Bley preocupou-se em fazer circular as representações de que sua administração efetivava a melhoria da instrução pública no Espírito Santo, acompanhando o movimento de renovação educacional nacional. Apesar de ser o “Governo”, e mesmo que alguns textos tenham veiculado o nome do Secretário responsável pela pasta da Educação, a impressão que se tem do discurso e dos dispositivos de leitura da REES é que Bley é o único homem do governo, o Secretário e sua equipe são coadjuvantes e os redatores da revista, porta-vozes.

O SCEC, o SERCE, o bandeirantismo e o escotismo escolar, a educação sanitária e a educação física faziam parte de um pacote de iniciativas políticas que pretendia reformar a educação. A Revista de Educação cumpria o objetivo do SCEC: produção e/ou circulação de informações impressas. Legitimava e reforçava o pacote político veiculando todos esses temas em suas páginas. Porém, mais do que se compor de tais temas, sua materialidade – a periodicidade, a forma como organizou os elementos textuais, as imagens, os anúncios, etc., produzindo sentidos – voltava-se para esse fim. Por isso os próximos capítulos estudarão os detalhes dessa materialidade com o objetivo de dar a ver a estratégia política de Bley corporificada na REES.

3 CAPÍTULO

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO

3.1 PERIODICIDADE

Os leitores lidam com os textos na sua *materialidade*. Gestos, espaços e hábitos que participam da prática de leitura, distinguem comunidades de leitores e tradições de leitura. A compreensão do texto depende das formas pelas quais atinge seu leitor (Chartier, 1990).

A periodicidade de uma revista cria um hábito de leitura e é uma das formas de atingir o leitor: de tempo em tempo lê-se temas e questões difundidos pelo periódico, ou seja, a cada período pode-se sugerir, propor, instigar, insinuar ou, até mesmo, controlar e constranger o que se lê. O leitor atualiza-se em conformidade com que o periódico propõe.

Cria-se uma comunidade de leitores daquela revista: “É a revista do professor, pelo professor e para o professor. O seu maior êxito depende da simpatia com que for acolhida pelos responsáveis pelo destino radioso da infância [...]” (Ribeiro, 1934d, p. 1). Uma das formas de satisfazer essa comunidade e aumentar os seus participantes, ou seja, atingir os seus leitores é o compromisso que cabe aos editores de manter sua proposta periódica. Esse compromisso depende de condições econômicas, técnicas e políticas – recursos que constituem a *materialidade* do impresso. Quebrá-lo pode sinalizar falta de algum desses recursos.

Os números da REES encontrados para essa pesquisa são: **1, 2, 3, 6, 7-8, 9 (1934); 10-11, 12, 13, 14, 15-16, 17-18-19 (1935); 22, 23-24, 25-26-27-28 (1936); 29, 30-31 (1937)**. Na seqüência, faltam os números 4, 5, 20, 21, 32, 33 e 34 que possuem indícios de que foram publicados, porém não foram encontrados. Essa tabela se refere aos números da REES correspondentes aos meses de cada ano, de modo que se visualize sua periodicidade:

	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1934				1	2	3	4	5	6	7-8		9
1935	10-11		12	13	14	15-16		17-18-19			20	21
1936			22				23-24		25-26-27-28			
1937					29	30-31		32-33		34		

QUADRO 4 – PRODUÇÃO DA REES

Pelo quadro, pode-se verificar que os dois primeiros anos da revista são os mais regulares. Indiquei uma possibilidade de publicação dos números 4, 5, 20 e 21. A edição de agosto/setembro/outubro, de 1935, anunciou o sumário da próxima revista para novembro: “No nº. de novembro vindouro, publicaremos [...]” (Notas & Informações, 1935b, p. 200). Quanto aos números 32-33 e 34 encontrou-se a informação de sua publicação no *Catálogo Geral da 1ª Exposição do livro Capichaba*.²⁵ Nesse catálogo pode-se ver uma lista de alguns periódicos, dentre eles a Revista de Educação n. 25 a 28, 29, 30-31, 32-33 e 34. E há notícia de mais duas edições da REES que, no entanto, não foram encontradas para a pesquisa.

Sobre sua ausência em alguns meses de 1936, a Revista de Educação (1936, p. 69) informou:

Por motivos de força maior esta Revista deixou de circular nos meses de janeiro, fevereiro, abril, maio e junho do corrente anno.

Depois de dois annos de circulação ininterrupta, é esta a primeira falta que cometemos, por motivos imperiosos.

A todos que nos tem distinguido com a sua symphatica e generosa acolhida, rogamos a fineza de nos desculpar por este lapso involuntario.

A *Revista de Educação*, circulará doravante com rigorosa pontualidade.

Baseado nessa justificativa, as edições 4, 5, 20 e 21 devem ter sido rodadas, pois o texto afirma ter sido a primeira vez que ocorreu um deslize na produção da revista. A REES justifica a falha da circulação devido a “motivos imperiosos”, ou seja, inevitáveis, e considera isso um “lapso involuntário”, logo, contra a vontade dos editores. A persistência para a circulação da revista destaca-se na última frase que promete “rigorosa pontualidade”.

²⁵ PREFEITURA Municipal de Vitória. 1943. Departamento Municipal de Estatística – Seção de Propaganda e Turismo. *Catálogo Geral da 1ª Exposição do livro Capichaba*. Vitória: [s. n.].

A partir de 1936, terceiro ano da REES, o diretor da revista passou a ser aquele que estava na cadeira de Secretário da Educação e Saúde Pública: o Dr. Paulino Muller, que esteve à frente apenas durante a publicação do n. 22 da REES, logo substituído pelo Dr. Arnulpho Mattos. De acordo com um comunicado da Associação Brasileira de Educação, publicado na REES n. 25-26-27-28, recém criado Ministério da Educação e Saúde Pública precisava de uma organização:

Pende actualmente de deliberações do Poder Legislativo o plano de reforma do Ministerio da Educação e Saude Publica. Plano de organização, seria mais exacto dizer, pois o Ministerio foi constituído por simples justaposição de repartições em torno da Secretaria de Estado, sem que as necessarias articulações fizessem do seu conjunto um todo organico (Associação Brasileira de Educação, 1936a, p. 107).

A mudança estrutural no governo pode ter afetado o ritmo de produção do impresso devido à necessidade de reorganização nos setores. Esse pode ter sido um dos motivos de força maior que afetou a circulação da revista.

A falta de circulação do impresso de janeiro a abril de 1937 também foi justificada junto com um pedido de desculpas. O motivo alegado foi o acúmulo de serviços na Imprensa Oficial:

Deixou de circular no periodo de Janeiro a Abril do corrente anno, devido ao acumulo de serviços na Imprensa Oficial, onde é confeccionada esta publicação pedagógica.

Aos nossos gentis assignantes e amigos rogamos a fineza de nos relevar essa falta involuntária que procuramos sanar, não prejudicando os que nos têm procurado honrar com sua preferência, prorrogando por mais algum tempo o período de suas assignaturas.

Daqui por deante, a "Revista de Educação" passará a ser publicada mensalmente, sem nenhuma anormalidade. (Revista de Educação, 1937, p. 33).

Os números 29 e 30-31 da REES foram impressos pelas Oficinas da *Vida Capichaba*²⁶. Esse comunicado afirma o motivo pelo qual a revista não circulou pontualmente em 1937. Abre a possibilidade de que a falha da circulação da REES em 1936 também pode ter sido por causa dos problemas da Imprensa Oficial. Entretanto, quando houve a mudança que criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, nota-se que, em 1936, a revista foi publicada em março sob direção do Dr. Paulino Muller. Depois, o periódico volta à tona só em julho, sob direção do Dr.

²⁶ Conforme Queiroz do Valle (1971, p. 191) a revista *Vida Capichaba*, criada em abril de 1923, possuía oficinas próprias, mas seus primeiros números foram impressos nas oficinas do 'Diário da Manhã'.

Arnulpho Mattos. Isso leva a crer que a mudança na Secretaria afetou a produção da revista.

De acordo com a Constituição de 1935, o cargo de Secretário de Estado era incompatível com o exercício de qualquer outra função pública, ou seja, o secretário não poderia acumular cargos. Mas pelo que indicam as fontes pesquisadas, acumulavam funções dentro do cargo.

Os problemas da Imprensa Oficial podem ter sido um fato isolado que aconteceu depois. E a própria revista não menciona ter sido esse o motivo da falha em 1936. Outro fato que se pode notar nesse comunicado é a promessa de publicação mensal da revista. A intenção dos editores era de se publicar a REES todo mês. Para cumprir esse desígnio, algumas vezes a REES foi editada em números conjugados. Ou seja, uma revista correspondia a dois ou mais meses. Isso ocorreu com os números 7-8 (outubro e novembro de 1934), 10-11 (janeiro e fevereiro de 1935), 15-16 (junho e julho de 1935), 17-18-19 (agosto, setembro e outubro de 1935), 23-24 (julho e agosto de 1936), 25-26-27-28 (setembro, outubro, novembro e dezembro de 1936) e 30-31 (junho e julho de 1937). A publicação de dois números ou mais em um é uma boa maneira de se economizar com a produção do periódico. Não por mera coincidência, quando as falhas na periodicidade da REES começam a acontecer, mais números conjugados são produzidos.

Os gráficos ajudam a visualizar o ritmo de produção da REES:

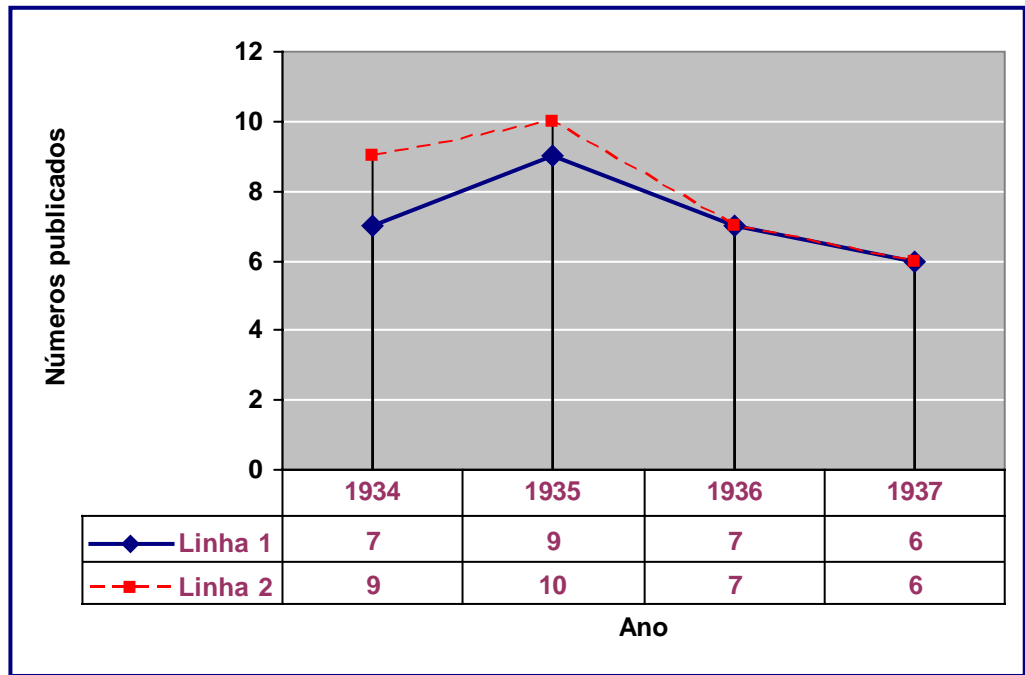


GRÁFICO 1 – RITMO DE PRODUÇÃO DE NÚMEROS DA REES

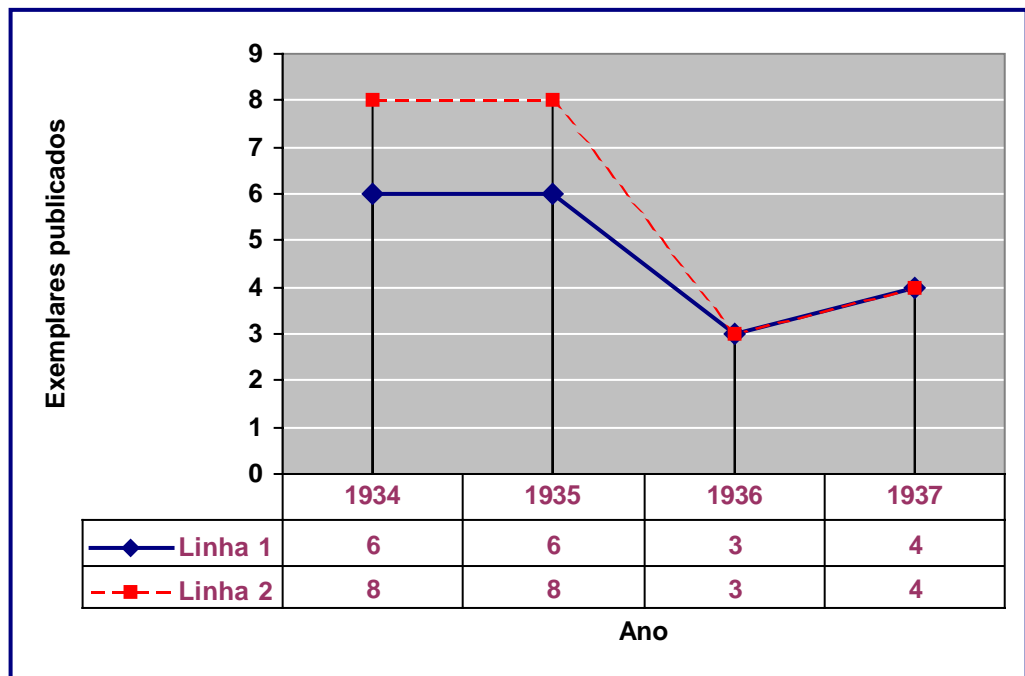


GRÁFICO 2 – RITMO DE PRODUÇÃO DE EXEMPLARES DA REES

O **gráfico 1** mostra o ritmo de publicação da REES no período de 1934 a 1937. A linha 1 refere-se ao número de REES publicadas em cada ano, de acordo com as revistas encontradas para esse estudo. Em 1934, das sete edições publicadas, uma compila dois números (7-8). No ano de 1935, dentre 10 números publicados, três foram agrupados (10-11, 15-16, 17-18-19). Já em 1936, de sete números, seis formam duas publicações (23-24 e 25-26-27-28). Por fim, em 1937, de quatro números da REES²⁷, dois são compilados (30-31 e 32-33).

A linha 2 refere-se à possibilidade de terem sido publicados, respectivamente, os números 4 e 5 em 1934 e os números 20 e 21 em 1935. A primeira possibilidade porque, em 1934, o n. 4 e o n. 5 seguem a seqüência na qual a última REES publicada nesse ano foi a de n. 9; a segunda possibilidade, pelas justificativas da própria revista a respeito dos meses em que não circulou, por encontrar na REES n. 17-18-19 um anúncio da publicação da próxima revista em novembro e por ter sido 1935 o ano mais regular em relação aos números da REES publicados respectivos a cada mês. Deste modo, considere que o n. 21 foi publicado em dezembro. O anúncio diz: “No n.º de novembro vindouro, publicaremos, entre outras colaborações de valor, as seguintes [...]” (Notas & Informações, 1935b, p. 200).

O **gráfico 2** indica a progressão de exemplares publicadas por ano. Em 1934, seis revistas publicadas; no ano de 1935, seis; em 1936, três; em 1937, quatro.

O **gráfico 1** indica nascimento, ascensão, decadência e queda da REES. Desde 1934, quando nasceu a revista, seu ritmo de produção seguiu em ascendência até o final de 1935. Entretanto, a quantidade de revistas rodadas em 1935 equipara-se ao total impresso em 1934 (**gráfico 2**). No ano de 1936, seu ritmo de produção caiu muito: um número de exemplares postos em circulação bem menor do que a quantidade de todos os outros anos (**gráfico 2**). Em 1937, há uma queda nos números editados, porém, há um aumento em comparação ao ano anterior, em relação à quantidade de exemplares produzidos. Considera-se a possibilidade de que a REES tenha findado em 1937.

O **quadro 5** indica os elementos que compõem a REES, onde foi impressa e os valores propostos para os exemplares e para as assinaturas. No seu primeiro ano de publicação, a REES é lançada com os valores de 15\$000 para assinatura anual, 8\$000 para assinatura semestral e 1\$500 para a revista avulsa. No ano seguinte a

²⁷ Também estão inclusas as edições 32-33 e 34, por haver indícios de sua publicação.

revista estréia com os valores de 12\$000 para a assinatura anual, 7\$000 para a assinatura semestral e 1\$000, a revista avulsa. Os primeiros valores voltaram a reger na edição 13 da REES, logo em abril daquele ano, quando um novo diretor assumiu: Dr. Manoel Clodoaldo Linhares. Mas esses valores mais altos não duraram muito: da edição 15-16 em diante, os valores mais baixos retornaram e mantiveram-se até a edição 30-31.

A mudança nos valores pode sinalizar a necessidade de atrair mais leitores e ampliar os assinantes para a revista. Em meio a uma crise financeira, o projeto não se sustentaria por muito tempo se não ganhasse um público leitor que o mantivesse.

Esse quadro também mostra que as seções da REES foram publicadas regularmente. A revista começou com uma seção (*Cooperação e Extensão Cultural*), no número 2 possuía duas (*Cooperação e Extensão Cultural* e *Notas & Informações*) e do número 3 em diante veiculou com mais a seção de *Bibliografia Pedagógica*. As exceções estiveram nas edições 13 e 29: na primeira consta a seção *Bibliografia Pedagógica* e na segunda não houve a seção *Cooperação e Extensão Cultural*. Em 1936, novas seções foram lançadas: *Radio e Cinema Escolar*, *Seção Literária*, *Escotismo* e *Sociedade dos Amigos de Alberto Torres*. Essas modificações no projeto da REES indicam uma tentativa de apresentar novidades aos leitores em meio à decadência do ritmo de produção do impresso.

A REES sempre possuiu capa e sumário. As ilustrações apareceram a partir da segunda revista publicada e continuaram a estampar os outros números. Foi o mesmo caso das fotografias. Sua variação esteve na quantidade de fotos em cada exemplar da revista. A exceção é o número 29 da REES, que não apresentou fotografias. As propagandas foram, entre os elementos de composição da REES, que sofreram mais ausências: os números 15-16, 17-18-19, 22 e 23-24 quebraram um ritmo de publicidade que começou a partir do número 3 da REES.

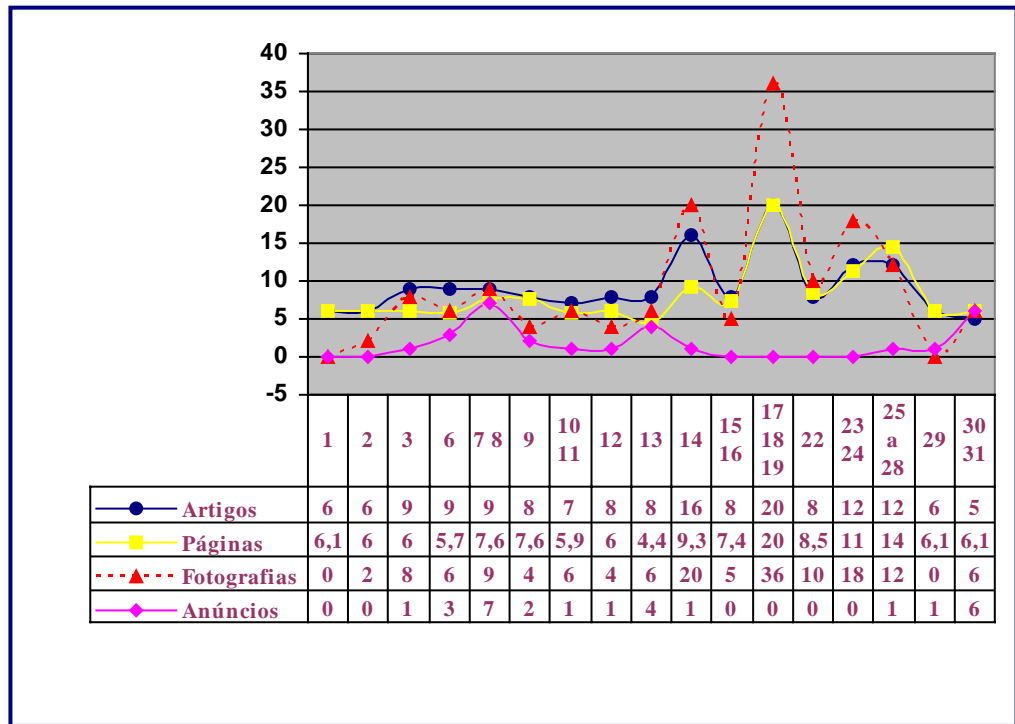
		1934					1935					1936			1937		
		A	B					C			D	E	F				
		1	2	3	6	7	9	10	12	13	14	15	17	22	23	25	29
Seções da REES	Coop. e Extensão Cultural	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		☐
	Bibliografia Pedagógica			☐	☐	☐	☐	☐		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
	Notas e Informações		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
	Outras	☐											☐	☐	☐	☐	☐
Impressão da REES	Imprensa Oficial		☐	☐	☐	☐			☐		☐		☐	☐	☐		
	Oficinas da “Vida Capichaba”						☐	☐								☐	☐
Elementos	Capa	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
	Sumário	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
	Fotografias		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		☐
	Ilustrações		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
	Propagandas			☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐					☐	☐	☐
Valores	1*	☐	☐	☐	☐	☐			☐								
	2						☐	☐			☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

QUADRO 5: ELEMENTOS DO PROJETO REES

O símbolo ☐ indica presença do elemento. As letras referem-se aos diretores da REES: A – Dr. Fernando Duarte Rabelo, Secretário do Interior e Justiça; B – Cap. Wolmar Carneiro da Cunha, Secretário do Interior e Justiça; C- Dr. Manoel Clodoaldo Linhares, Secretário do Interior e Justiça; D – Dr. Carlos Gomes de Sá, Secretário do Interior e Justiça; E – Dr. Paulino Muller, Secretário da Educação e Saúde Pública; F – Dr. Arnulpho Mattos, Secretário da Educação e da Saúde Pública.

Valores*

1. anual: 15\$000/semestral: 8\$000/avulso: 1\$500
2. anual: 12\$000/ semestral: 7\$000/avulso: 1\$000

GRÁFICO 3: N.º DE ARTIGOS, PÁGINAS, FOTOGRAFIAS, ANÚNCIOS²⁸

	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1934				1	2	3			6	7-8	9	
1935	10-11	12	13	14	15-16	17-18-19						
1936			22				23-24	25-26-27-28				
1937					29	30-31						

QUADRO 6: PERIODIZAÇÃO DA REES

²⁸ O número de páginas foi dividido por 10 para que sua curva ficasse na mesma escala das curvas da quantidade de artigos, de fotografias e de anúncios, e desse modo, pudesse produzir uma visualização mais aproximada com elas (Ou seja, 6,1 páginas, por exemplo, corresponde a 61 páginas)

O **gráfico 3** refere-se à quantidade de artigos, páginas, fotografias e anúncios publicados em cada número da REES. Pelo gráfico podem-se distinguir três fases da confecção da REES (**ver quadro 6**): a primeira até a edição 13 (verde), a segunda da edição 14 à edição 25 a 28 (azul) e a última da edição 29 à edição 30-31 (laranja).

A primeira fase possuiu certa normalidade no formato da revista: as variações nas quantidades de artigos e de páginas eram pequenas. As fotografias começavam a estampar as páginas da revista com um pouco mais de alterações nas quantidades. O número de anúncios teve ascensão até a metade dessa fase, decaiu bastante da metade para o final e na edição 13 cresceu mais uma vez.

A segunda fase caracterizou-se por alterações súbitas nos itens de composição do impresso. Nela, publicam-se mais revistas conjugadas, as quais têm um aumento considerável nas quantidades de páginas, artigos e fotografias, com exceção da edição 15-16, que apresenta quantidades equivalentes às normais que a revista possuía antes. Apenas a REES n. 14, que não é conjugada, apresentou um número alto de artigos e páginas. Essa é uma edição comemorativa do *4º Centenário da Colonização do Espírito Santo*. Ainda, nessa fase começavam a surgir as falhas na produção da REES (**ver quadro 4**). Nesse período também, em detrimento a essas súbitas alterações, houve uma queda total nos números de anúncios veiculados, que chegou a zero.

A última fase retoma àquela normalidade que a REES possuía na primeira fase e voltaram a veicular os anúncios. Porém o que podia ser uma regularização na produção da REES terminou com a última edição, pelo menos a que foi encontrada para esse estudo.

As revistas periódicas não possuíam muitos recursos financeiros, segundo o comunicado da Associação Brasileira de Educação:

As revistas de organização e propaganda do ensino têm, entretanto entre nós, existência precária, não obstante os seus fins utilíssimos e são poucas a que se editam pontualmente como as de São Paulo e Minas Gerais (Associação Brasileira de Educação, 1936b, p. 49).

A irregularidade do ritmo de produção da REES nos últimos dois anos pode sinalizar problemas financeiros para a difusão da revista, visto que sua publicação por mês foi diminuindo. A nova tabela, de valores mais baixos, indica a necessidade de aumentar as vendas do periódico. Some-se a isso uma possível desorganização

devido às mudanças estruturais nas secretarias estaduais: manter o projeto do imprenso talvez tenha se complicado e talvez não tenha sido mais uma prioridade.

Pode-se, então, distinguir três períodos da revista: de abril de 1934 a abril de 1935: *crescimento*; de maio de 1935 a dezembro de 1936: *turbulência*; de maio de 1937 a julho desse mesmo ano: período de *decadência*. Na fase de *crescimento* foram somando-se elementos na REES: seções, fotos, anúncios. O período denominado *turbulência* caracterizou-se por ascensões e quedas. É nesse período que números conjugados, com maior quantidade de páginas e fotografias são produzidos, causando uma ilusão de ascensão; entretanto, os anúncios deixam de circular na revista por um bom tempo, surgem novas seções (uma tentativa de lançar novidades), e permanece o valor mais baixo de comercialização da revista. A etapa de *decadência*, apesar de retornar aos números da primeira fase da REES (gráfico 3), foi marcada pela queda na produção das edições (gráfico 1 e 2). Além disso, não foi encontrado nenhum exemplar do periódico que tivesse sido publicado depois de julho de 1937.

3.2 OS RESPONSÁVEIS PELA PRODUÇÃO E DIFUSÃO DA REVISTA DE EDUCAÇÃO

Quem produziu a Revista de Educação? Para responder a essa questão, foi feito um mapeamento do corpo de produtores da revista: diretor, redator chefe, redator secretário, redatores e redatores correspondentes, representante geral, responsável pela impressão.

O diretor da REES, nos seus dois primeiros anos de circulação (1934 e 1935), foi aquele que ocupava o cargo de Secretário do Interior e da Justiça. Na Revista número 1 (1934), foi o Dr. Fernando Duarte Rabelo. Nos exemplares de número 2, 3, 6, 7-8 e 9 (1934), 10-11 (1935), foi o Cap. Wolmar Carneiro da Cunha. O Dr. Manoel Clodoaldo Linhares foi diretor da REES na produção dos números 13, 14 e 15-16 (1935). Dr. Carlos Gomes de Sá assumiu o cargo durante a tiragem dos números 17-18-19 (1935), compilados num só exemplar. No terceiro ano de circulação da revista (1936), o diretor passou a ser aquele que ocupava a liderança da Secretaria da Educação e Saúde Pública: a REES de número 22 (1936) foi dirigida pelo Dr. Paulino Muller. Os impressos de número 23-24, 25-26-27-28 (1936), 29 e 30-31 (1937) foram de responsabilidade do Dr. Arnulpho Mattos.

Em 1935 surgiu o cargo de Redator Chefe. Esse cargo foi identificado nas revistas 10-11, 12, 14, 15-16 e 17-18-19 ocupado por João Bastos, Diretor Interino do Departamento de Ensino Público. Nos n. 13 e n. 14 não aparecem referências ao Redator Chefe. João Bastos esteve na função “redatores” que a REES indicou nos números 1, 2 e 3 (1934). Na época, seu cargo era de Diretor do Expediente do Departamento de Ensino. Em 1936, apenas a REES n. 22 identifica o Redator Chefe, Dr. Arnulpho Mattos, Diretor do Departamento de Educação. Nos números seguintes, o Dr. Mattos passou a dirigir a REES, pois ocupou o cargo de Secretário da Educação e da Saúde, e a função Redator Chefe foi extinta.

Claudionor Ribeiro foi o redator-secretário da REES em todos os números da revista disponíveis para essa pesquisa. Era Inspetor Técnico do Ensino e chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural no Espírito Santo. Iniciou seus estudos na Escola Modelo em Vitória, onde concluiu o 1º e 2º graus. Por meio de concurso público, tornou-se Inspetor Escolar, atuando no norte do estado e em Vitória (região central). Colaborou como articulista nos jornais locais, na revista Vida Capichaba e Imprensa Oficial, além da Revista de Educação. Conforme as informações a respeito de Claudionor Ribeiro, o lançamento da Revista de Educação foi de tão alta expressão e aceitação que motivou o convite do órgão Bandeira Paulista de Alfabetização ao professor para proferir conferência sobre “Problemas Educacionais” na cidade de São Paulo. Ribeiro fez cursos de especialização em português, francês e geografia e curso intensivo de jornalismo, todos no Rio de Janeiro. Recebeu um registro da Associação Brasileira de Imprensa. Pelas informações ao seu respeito, foi Diretor de Expansão Cultural nos anos de 1930 a 1936. Entretanto, nas edições da REES de 1937 encontramos seu nome ainda como chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural. De 1940 a 1945 foi diretor do Liceu Muniz Freire, onde instituiu os cursos de formação de professores clássico e científico. Colaborou durante muitos anos com a Cia Editora Nacional, editando materiais didáticos para diversos cursos. Fundou, orientou e dirigiu o Jornal “O Arauto” e dirigiu também, por mais de 10 anos o jornal local “O Correio do Sul”, onde atuou como redator e gerente. Uma de suas últimas atividades foi a de agente da primeira e única Companhia Aérea que operou em Cachoeiro de Itapemirm (ES). Foi membro da

Academia Cachoeirense de Letras. Faleceu em 23 de fevereiro de 1966, em Cachoeiro de Itapemirim.²⁹

A partir do número 6 identificou-se o representante geral da REES: Teophilo Silveiro, acadêmico de direito, que permaneceu até a produção do número 9, e depois no número 13. Nos números 10-11, 12 e 15-16 a REES identificou Oséias Duarte Leão. Nos números 17-18-19 encontra-se Alfredo S. Gomes como representante geral. Daí em diante, até os números 30-31, não houve mais referência a essa função, Indicava-se apenas que todos os diretores de grupos escolares do ES eram também representantes.

O corpo de produtores sempre aparecia identificado no final da revista. Quando a Revista de Educação foi lançada, identificou apenas “redatores”. Isso foi na REES n. 1 e n. 2. Os “redatores correspondentes” foram indicados a partir do terceiro número da revista em diante. E a partir da edição n. 6, os “redatores” não aparecem mais. Ao invés disso, houve indicação dos “redatores correspondentes” e outra que diz “São nossos colaboradores todos os professores do Estado”.

Os primeiros redatores da REES foram: Placidino Passos, Sylvio Barreto Rocio, Luiz Edmundo Malizeck, Ulisses Ramallete Maia, Esmerino Gonçalves, Domingos Ubaldo Lopes Ribeiro, Alfredo Lemos – membros do corpo técnico de ensino; Dr. José Meira Quadros, Julia Lacourt Penna, Eduardo de Andrade e Silva, José Elias de Queiroz, Jocarly Chagas – membros do Conselho de Educação; João Bastos, diretor do Expediente do Departamento de Ensino.

A REES possuía redatores correspondentes no Brasil e no Exterior: Os redatores correspondentes e suas respectivas profissões, de acordo com a REES, foram:

- Em São Paulo (SP) – J. B. Damasco Penna, professor de Psicologia do Colégio Universitário da Universidade de São Paulo;
- No Rio de Janeiro (RJ) – David M. de Barros, vice-presidente da Federação de Escoteiros do Brasil;
- Em Campos (RJ) – professor Auronio de Faria, chefe escoteiro; a partir da REES n.º 15-16 passou a ser Gustavo Brandão;

²⁹ Todas essas informações foram cedidas por Gláucia Moulin Coelho, que atualmente ocupa a cadeira n. 30 da Academia Cachoeirense de Letras, cadeira que foi ocupada por Claudionor Ribeiro. A Sra. Gláucia obteve essas informações do filho de Claudionor, o Sr. Desembargador Ewerly Grandi Ribeiro.

- Em Cachoeiro de Itapemirim (ES) – professor José Queiroz, diretor da Escola Normal Oficial;
- Em Alegre (ES) – professor José Celso Cláudio, diretor do Grupo Escolar Professor Lelis.
- Em Juiz de Fora (MG) – Geraldino de Barros, assistente técnico regional de Ensino;
- Em Porto Alegre (RS) – Maria Cibeira, do corpo docente da Escola Normal;
- Em Santa Maria (RS) – professora Juracy Martins, diretora do Grupo Escolar;
- Em Curitiba (PR) – Gelvira Corrêa Pacheco, diretora do Grupo Escolar D. Pedro II;
- Em Natal (RN) – professor Honório da Costa Farias, do Departamento de Educação;
- Goiás (GO) – Joaquim de Carvalho Ferreira, bacharel;
- Em Aracajú (SE) – professor Acrisio Cruz, diretor do Grupo Escolar Dr. Manoel Luiz;
- Em Washington (EUA) – Heloise Brainerd, chefe da Secção de Cooperação Intelectual da União Pan-Americana;
- Em Lisboa (Portugal) – Dr. Alberto Pimentel Filho, professor catedrático de psicologia e Pedagogia da escola do Magistério Primário de Lisboa.

A revista tinha um projeto ambicioso: formou um grande corpo de redatores correspondentes, a fim de que o professorado espírito-santense estivesse em sintonia com as publicações educacionais nacionais e internacionais. O **quadro 7** mostra os redatores correspondentes indicados em cada revista.

Dentre os números da REES havia algumas variações na indicação dos “redatores correspondentes”, no entanto, os redatores de cada local eram sempre os mesmos. Duas outras indicações eram as de que todos os diretores de Grupo Escolar no interior do ES eram representantes e que todos os professores capixabas eram colaboradores.

	1934						1935						1936			1937	
	1	2	3	6	7	9	10	12	13	14	15	17	22	23	25	29	30
São Paulo (SP)			☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Rio de Janeiro (RJ)				☐	☐	☐	☐	☐	☐		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Campos (RJ)				☐	☐	☐	☐	☐	☐		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Cachoeiro de Itap. (ES)				☐	☐	☐	☐	☐	☐		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Alegre (ES)				☐	☐	☐			☐								
Juiz de Fora (MG)				☐	☐	☐	☐	☐	☐		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Porto Alegre (RS)							☐	☐			☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Santa Maria (RS)				☐	☐	☐	☐	☐	☐		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Curitiba (PR)					☐	☐	☐	☐	☐		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Natal (RN)												☐	☐	☐	☐	☐	☐
Goiás (GO)												☐	☐	☐	☐	☐	☐
Aracajú (SE)												☐	☐	☐	☐	☐	☐
Vila do Barracão (BA)											☐	☐	☐		☐	☐	☐
Washington (EUA)				☐	☐	☐	☐	☐	☐		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Lisboa (Portugal)			☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Diretores de GE							☐				☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Professores do ES				☐	☐	☐			☐								

QUADRO 7: REDATORES CORRESPONDENTES DA REES

REVISTA DE EDUCAÇÃO

SECRETARIA

Secretário	Diretor
Diretor do Departamento de Educação	Redator Chefe
Chefe do SCEC	Redator Secretário
Diretores de Grupos Escolares	Representantes da REES
Profissionais da Educação	Redatores

QUADRO 8: HIERARQUIA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E DOS EDITORES

A hierarquia da Secretaria prevalece na hierarquia dos responsáveis pela Revista de Educação, o que mostra que a revista não é uma produção à parte na Secretaria: o seu projeto integra as atribuições dessa repartição. Isso quer dizer que os pressupostos pedagógicos difundidos pelo impresso, mais do que fazer parte, eles eram a política oficial do governo.

Cruzando as fases da revista com os períodos regidos por cada secretário, temos que a fase de *crescimento* foi regida por Fernando Duarte Rabelo (n. 1), Wolmar Carneiro da Cunha (n. 2, n. 3, n. 6, n. 7-8, n. 9, n. 10-11 e n. 12) e Manoel Clodoaldo Linhares (n. 13). Esses três nomes possuíam ligação com o governo. Wolmar Carneiro da Cunha, o que mais atuou nessa fase, era membro da comissão executiva do PSD. Isso é interessante porque, nesse momento, as forças políticas começavam a se rearticular a fim de alcançar o controle do Aparelho Regional do Estado. Algo que pudesse inculcar de maneira positiva as ações do governo, o qual pretendia continuar no poder, seria muito útil. O projeto da Revista de Educação, embora atendesse a fins de formação do professorado e difusão da Escola Nova, também difundia a política da reforma educacional de Bley sem economizar elogios. A política Bley apresentava-se na revista como algo essencial para o desenvolvimento e progresso do Espírito Santo. Uma observação importante: quanto mais perto das eleições, mais o projeto era melhorado.

A *turbulência* começou com Manoel Clodoaldo Linhares (n. 13, n. 14, n. 15-16) e continuou com Carlos Gomes de Sá (n. 17-18-19), Paulino Muller (n. 22) e Arnulpho Mattos (n. 23-24, n. 25-26-27-28, n. 29, n. 30-31). Essa fase iniciou-se após as eleições de abril de 1935, que garantiram a continuidade de Bley no poder. Carlos Gomes de Sá, que pertencia ao partido oposicionista, ficou na chefia de apenas uma publicação da REES. Entretanto, Paulino Muller, membro do PSD, também dirigiu apenas uma edição do impresso. Vê-se na fase de turbulência o reflexo da reorganização das pastas do governo, após a eleição.

A *decadência* ocorreu com Arnulpho Mattos na direção. Observa-se que a constante troca de diretores afetou o ritmo de produção e a materialidade da REES. Isso mostra o vínculo político da revista.

Pode-se pensar na hipótese de que o projeto da REES tenha deixado de ser prioridade após as eleições. A fase de turbulência inicia-se justamente na reorganização das secretarias, o que explicaria as variações dos dispositivos textuais e tipográficos da revista como reflexos dessa reorientação. Mas após a

organização do Aparelho Governamental, se fosse umas das prioridades, a Revista de Educação poderia ter tido continuidade. Em 1937, Bley foi indicado mais uma vez para Interventor do Espírito Santo. Dessa vez, não se tratava de um Governo Provisório, mas de uma Ditadura. Já com uma política de restrições orçamentárias, sem precisar preocupar-se com disputas eleitorais, para que investir nesse tipo de propaganda dos feitos do governo?

3.3 CIRCULAÇÃO DA REVISTA DE EDUCAÇÃO

Alguns dados sobre a circulação da REES encontram-se na Mensagem de 1937. O periódico era expedido para o Presidente da República, ministros, governadores, Secretário de Educação e Saúde Pública e diretorias de instituição dos estados. No estado do Espírito Santo, circulava entre os diretores de departamentos, as associações de cultura, desembargadores, juízes, prefeitos municipais, diretores dos principais estabelecimentos de ensino superior, secundário e primário, e também entre os principais periódicos do país e associações científicas do Brasil e do estrangeiro, os quais participavam do intercâmbio proporcionado pelo Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

A Mensagem de 1937 também registra que os exemplares da revista de números 22 (março), 23-24 (julho e agosto) e 25-26-27-28 (setembro, outubro, novembro, dezembro) circularam num total de 4.000 volumes.

Verifica-se na circular n. 2 (13 de janeiro de 1934) do SCEC o pedido para suprir a seção de recortes de jornais e revistas. Claudionor Ribeiro solicitou assinatura gratuita a alguns periódicos nacionais, com a justificativa de que naquele momento não poderiam ter maiores dispêndios. Como retribuição, enviaria ao periódico suas publicações. Não há referência à quais periódicos receberam essa solicitação. Mas há àqueles que atenderam ao pedido:

De São Paulo: O Estado de São Paulo, a Folha da Manhã, o Diário de São Paulo, o Correio de São Paulo, o Diário da Noite, e a Revista de Educação.
Do Rio de Janeiro: O Jornal, *O Jornal do Brasil*, A Nação, O País, Diário Carioca, O Diário de Notícias e a Revista Brasileira de Pedagogia.
Do Estado de Minas Gerais: O Jornal do Comercio, o Estado de Minas, o Minas Gerais, o Farol, o Correio Mineiro e a Revista do Ensino.
De Pernambuco: O Estado.
Do Rio Grande do Sul: A Revista do Globo.
Do Maranhão: O Diário Oficial.
De Goiás: O Correio Oficial.

Da Bahia: Revista de Educação.
Do Ceará: Educação Nova.
Da Paraíba: Revista do Ensino. (Ribeiro, 1934c, p. 37-38).

Como Claudionor Ribeiro disse que retribuiria enviando a REES, dá para se ter uma noção de sua circulação entre esses periódicos. A secção de recortes de jornais e revistas informava aos professores notícias de outros estados.

Organizado o SCEC no Espírito Santo, Claudionor Ribeiro fez o trabalho de divulgação desse serviço para outros estados e outros países. A REES contém algumas cartas enviadas em resposta a Claudionor Ribeiro, com congratulações pela iniciativa. É interessante observar para quem foram enviadas cartas e como elas indicam a circulação da REES. Transcreveram-se as cartas porque trazem informações interessantes:

WASHINGTON, D. C., 10 de fevereiro de 1934.

Prezado sr. Inspetor,

De regresso de uma viagem pela América do Sul, só agora me foi entregue uma carta de v.s., datada de 7 de dezembro de p. passado, á qual desejo responder imediatamente, congratulando-o pelo importante passo que acaba de dar, organizando o Serviço de Cooperação e Extensão Cultural. Pode v. s. ficar certo de que a União Pan-Americana lhe prestará constante e sincero apoio em tudo que lhe fôr possível.

Esperando que v.s. não hesitará em fazer uso das facilidades oferecidas por essa instituição, sempre que delas precisar, aproveito o ensejo para lhe apresentar os protestos de minhas estima e apreço.

Ass. L. S. Rowe

Diretor Geral

Do Diretor Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministério de Educação e Saúde Pública

Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1934.

Snr. Inspetor

Tenho o prazer de acusar o recebimento do ofício, datado de 11 de novembro último, do qual me inteirastes da organização do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural do Departamento de Ensino Público e de algumas atividades aféts a esse importante órgão do referido Departamento.

É com a mais viva satisfação que envio minhas congratulações pela instituição de tão útil serviço, de par com os meus agradecimentos pela gentileza da comunicação recebida e com os votos que formulo pelo êxito dos trabalhos do novo centro de divulgação cultural destinado a prestar á já modelar organização de ensino nêsse Estado um concurso da maior relevancia.

Valho-me do ensejo para apresentar-vos os protestos de minha elevada estima e distinta consideração.

Ass. M. S. Teixeira de Freitas

Diretor Geral

Do Diretor do Instituto de Educação de São Paulo

São Paulo, 20, Dezembro, 1933.

Ao prezado snr. Prof. Claudionor Ribeiro

FERNANDO DE AZEVEDO, felicitando-o calorosamente pela excelente obra de cooperação e extensa cultural que vem realizando nesse Estado,

agradece a gentileza, com que muito o cativou, do convite para colaborar na "Página da Educação", do Diário da Manhã, e da "Revista de Educação".
Cordiais saudações
Rua Bragança, 1.

Do professor catedrático de Psicologia e Pedagogia da Escola do Magistério Primário de Lisboa:

Queluz, rua Vieitas Costa, 47. 14-1-934

Ilmo. Snr. Claudionor Ribeiro:

Sumamente honrado com o pedido para colaboração que o V. S. me fez para a página de educação e a revista a cargo do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural do Departamento do Ensino público do Espírito Santo, gostosamente lhe comunico que podem uma e outra contar com minha modesta participação e que ainda no corrente do atual mês de janeiro enviarei para aí qualquer trabalho meu.

É sempre com íntima satisfação que me dirijo ao público desse grande país irmão, onde a renovação pedagógica vem assumindo a feição de um nobre, patriótico e inteligente esforço.

A V. S. rogo a fineza de me enviar regularmente uma e outra daquelas publicações, que muito conviria viessem em duplicata, afim de eu poder destinar um dos exemplares à Biblioteca da Escola do Magistério Primário de Lisboa. Releve-me V. S, êste desbusado pedido.

Envio-lhe a expressão de minha subida estima e apreço

Ass. Alberto Pimentel Filho

P.S. – dentro de alguns dias, enviarei para êsse Departamento um exemplar de meu novo livro, "Sumula Didática".

Do "Bureau International d'Education" da Suíça?

Genève, le 19 janvier 1934

J'ai l'honneur de vous accuser réception de votre communication du 11 novembre et e'est avec le plus grand plaisir que nous avons appris l'organisation du Service de coopération et d'extension culturelles du Département de l'Enseignement Public, qui est destiné à établir une étroite et intelligente relation entre le Département de l'Enseignement Public de l'Estado do Espírito Santo et les institutions culturelles do país et de l'étranger.

Nous nous empressons de vous faire parvenir une liste de nos publications, au cas où vous estimeriez utile que votre Département s'abonne à celles-ci. Veuillez croire, Monsieur l'Inspector, à l'expression de ma haute considération.

(Ass.) P. Rossello

Directeur-adjoint

(Revista de Educação, 1934c, p.38-41)

As cartas indicam que Claudionor Ribeiro pediu contribuições para a REES de longe e que o periódico foi mandado até para fora do país. As cartas são assinadas por representantes ilustres da Escola Nova. As publicações dessas cartas logo na REES de n. 1 mostram o esforço de legitimar o impreso perante a sociedade capixaba e mostrar a revista como um feito de suma importância. Ao mesmo tempo, os princípios da Escola Nova eram corroborados e vulgarizados entre o professorado por meio do impreso. De acordo com Chartier (1990) a representação também se relaciona com a identidade dos indivíduos, isto é, como alguém se representa no seu meio social e, deste modo, ela funciona como um instrumento de

violência que pode produzir constrangimentos, respeito e submissão. Nesse caso, respeito. As cartas demonstram a representação que a REES fazia de si: um veículo de fala, reconhecido internacionalmente, com certos princípios por trás.

Mais cartas foram publicadas na REES, indicando sua circulação:

Do Ministério da Guerra, recebemos o seguinte telegrama: Rio - A. B. C. – Agradeço-vos em nome do Snr. General o exemplar da Revista de Educação. Cordiais saudações – (a) Capitão Alexínio Bittencourt, ajudante de ordens. (Revista de Educação, 1935a, p. 55).

[...]

A professora Maria Cibeira, pertencente ao corpo docente da Escola Normal de Porto Alegre, enviou-nos a carta seguinte:

Ilmo^o Snr. Claudionor Ribeiro

Cordiais Saudações

Apraz responder-me sua carta de 7 de novembro na qual me confia a incumbência, para mim muito honrosa, de collocar entre os professores de Porto Alegre os 15 exemplares da “Revista de Educação, que se edita nessa prospera cidade de Victoria.

[...]

A circunstancia do registrado me ter chegado ás mãos já em pleno período de férias dificultou a collocação da sua excelente “Revista de Educação” entre os professores da capital, quais todos já em ponto de veraneio, no inteiro do Estado.

Não obstante, consegui a adesão para 7 assignaturas entre professores ainda na capital, e mais interessados por assumptos de educação. Quanto aos demais numeros, parmitti-me a liberdade de offercel os em venda avulsa a outros collegas.

Quer-me parecer que não lhe desagradará esse meu gesto, porquanto essa venda avulsa se tornará um meio utilíssimo de propaganda não só da Revista, mas do Estado em que se edita.

Envio-lhe junto a relação dos assignantes, com o respectivo endereço e, em vale postal, a importância das assignaturas e da venda avulsa.

Agradecendo as referências linsongeiros que faz á minha pessoa, ponho-me a dispor das suas ordens, esperando apenas que me envie os esclarecimentos sobre o que me cabe fazer para dar cumprimento á função de representante, neste Estado, da Revista de Educação.

[...]

Sou, com apreço e cordialidade,

(a) Maria Cibeira

Poto Alegre 6/2/935

Do Director do “El Universo, de Madrid:

Monsieur le Directeur

A l’objet de faire une nouvelle edition de la brochure ci-joint avec une description détaillée de votre excellente revue, je vous prie l’envoi d’un exemplaire du numéro dernier á titre de *specimen*.

A cette ocasión veuillez agréez, l’ expression de ma considération la plus distinguée.

(a) Rufino Blanco

(Notas & Informações. 1935c, p. 55-57).

Conforme a Mensagem de 1937, que afirmava a remessa do impresso à várias repartições públicas, a revista foi expedida ao Ministério da Guerra. A carta de Maria Cibeira indica uma função dos representantes da REES: promover assinaturas da revista. Como a revista tinha representantes em vários estados, é provável que

circulasse por eles também. A carta de Madri mostra mais um local para onde a REES foi enviada. Além do Brasil, os dados fornecem indício de circulação da revista no exterior.

O projeto da REES também abarcava um intercâmbio cultural, mantido pelo Serviço de Cooperação e Extensão Cultural. Esse intercâmbio fazia-se com as seguintes associações, de acordo com um documento oficial do governo Punaro Bley:

Do Rio de Janeiro – Helenica - Publicidade Eficiente, Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, Federação Brasileira de Imprensa, Publicidade Continental Ltd, Instituto de Educação, Casa do Estudante do Brasil, Escola de Educação Física do Exército, Museu Nacional, Sindicato dos Professores, Centro dos Inspetores de Ensino, Cruzada Nacional de Educação, Confederação Católica Brasileira de Educação, Associação dos Professores Primários, Associação Brasileira de Educação, Federação Nacional das Sociedades de Educação, Sociedade Carioca de Educação, Centro do Professorado e Coadjuvantes do Ensino, Liceu de Humanidades de Campos, Liga Carioca de Atletismo, Biblioteca Central de Educação, Associação Cristã Feminina, Federação Brasileira pelo Progresso Feminino; De São Paulo – Centro do Professorado Paulista, Instituto de Educação, Faculdade de Pedagogia, Biblioteca Pedagógica Brasileira, Companhia Melhoramentos de São Paulo, União Jornalística Brasileira,, [sic] A Eclética, Centro Republicano Espanol de San Pablo, Faculdade de Direito e Bandeira Paulista de Alfabetização.

Do Rio Grande do Sul – Grêmio Cultural Mauá, de Pelotas.

Da Bahia – Associação Baiana de Agronomia.

Do Amazonas – Sociedade Amazonense de Professores, de Manáus [sic].

De Sergipe – Associação Sergipana de Educação.

De Lisbôa, Portugal – Escola Magisterio Primario.

Da Suíça – Institu [sic] des Scienses de l'Education e Bureau International d'Education.

Da França – Institut International de Cooperation Intellectuelle.

De Nova York – Brasil [sic] Information Service.

Dos Estados Unidos – União Pan Americana.

Da Argentina – Instituto Nacional del Professorado en Linguas Vivas. (Espírito Santo, 1937, p. 344-345).

Dentre os artigos principais da revista, havia alguns textos provindos de tais instituições; nas seções de *Cooperação e Extensão Cultural* e de *Notas & Informações* eram publicados textos, artigos e notas também oriundos desses estabelecimentos. A rede de redatores correspondentes ao intercâmbio cultural procuravam mostrar a REES como uma revista atualizada e bem informada.

A União Pan-Americana marcava presença na REES em sua colaboração com o SCEC. Segundo Claudionor Ribeiro (1934e), chefe do SCEC no Espírito Santo, a União Pan-Americana englobava os seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Estados Unidos, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República

Dominicana, El Salvador Uruguai e Venezuela. De acordo com Ribeiro (1934e, p. 38), tinha sua ação voltada para “[...] o desenvolvimento comercial, o intercuro de amizade, e a melhor e mais inteligente aproximação entre todas as Repúblicas Americanas [...]”. Sua administração era composta por um diretor geral e um sub-diretor, compiladores, tradutores, estatísticos, editores, peritos comerciais, bibliotecários e amanuenses (Ribeiro, 1934e). De acordo com os textos da REES, o diretor geral da União Pan-Americana chamava-se W. S. Rowe.

Nessa organização havia uma seção que trabalhava com a circulação de publicações afins entre esses países – a Seção de Cooperação Intelectual, chefiada por Heloise Bainerd, de Washington. Segundo um relatório das atividades da União Pan-Americana entre 1932 e 1933, enviado à REES, o fomento de permutações entre professores e estudantes ocupava um lugar importante nessa organização, que estimulava:

A permutação de publicações cartas e albus entre as escolas; excursões de estudos; exposição de arte; congressos; a preparação de diretorios de associações culturais e científicas; mantém e conserva em dia numerosas fichas de escritores, arqueólogos, historiadores, artistas, educadores e em geral todas as pessoas que se destacam na vida intelectual das nações da América (Revista de Educação, 1934e, p. 29).

O SCEC e a União Pan-Americana trocavam publicações. Na carta que Heloise Bainerd enviou a Claudionor Ribeiro pode-se conferir tal fato:

[...] a carta que v. s. datada de 13 de março p. passado foi entregue a esta Seção para ser devidamente atendida e é com o máximo de prazer que venho agradecer-lhe **a remessa que v. s. nos fez de várias publicações relativas á educação no Estado do Espírito Santo, publicações essas que contem informações de muito valor para o nosso trabalho.** Também lhe agradeço os recortes de jornal que nos enviou e que achei muito interessantes.

Atendendo a seu pedido, **envio-lhe pela mesma mala, duas coleções completas de nossa série sobre Educação, em português.** Apreciei muitíssimo o pedido que v. s. nos faz de colaborarmos na “Revista de Educação”, e junto a esta tomo a liberdade de lhe enviar um relatório sobre o trabalho desta Secção, a qual tem a seu cargo assuntos relacionados com a educação [...]” (Ribeiro, 1934e, p. 38-39, grifo nosso).

O SCEC possuía o mesmo objetivo da União Pan-Americana: uma grande rede de troca de informações que pudesse envolver os profissionais da educação nas discussões pedagógicas correntes, de modo que pudesse enriquecer a cultura do professorado. O estabelecimento dessa rede intercultural no Espírito Santo indica uma estratégia de formação do professor nos moldes pedagógicos em voga no Brasil, na América e na Europa: o escolanovismo.

4 CAPÍTULO

ELEMENTOS DO PROJETO *REVISTA DE EDUCAÇÃO*

O livro, meu caros ouvistes, [...] é mais do que uma intenção: é um gesto. E essa intenção e esse gesto, digo eu, serão bons ou maus, se bons ou maus forem aqueles que os conceberam e praticaram (Paixão, 1934, p. 34).

Conforme as proposições de Chartier (1990), a análise de um texto deve fundamentar-se no suporte que lhe permite ser lido. A construção do sentido perpassa pelos editores e por outros que estão envolvidos na publicação do texto: transformam-no em objeto impresso. Para Barzotto (1998, pp. 14-15), “[...] uma revista é dada a ler como um todo e não enquanto texto isolado [...], [ou seja] [...] os sentidos não são limitados a um único texto, mas encadeiam-se com outros suscitados em outros textos [...]”.

O estudo de textos impressos deve considerar como eles podem ser diversamente apreendidos, manipulados, compreendidos e qual o processo em que seu sentido é produzido aos leitores. A recomendação de Barzotto (1998, p. 109) para a análise de revistas periódicas é considerar que “[...] o leitor aborda um texto a partir de sentidos com que ele já está familiarizado devido leituras feitas anteriormente ou devido a sua maneira de compreender o mundo”.

Os textos ou as imagens não possuem significados universais por si mesmo e o consumo ou a recepção de um texto não é um processo passivo, mas um processo que produz apropriações. A apropriação é a forma como um texto é interpretado que se inscreve nas práticas que a produz. Segundo Chartier (1990), deve-se restituir a historicidade dessas categorias de maneira que se tome o consumo cultural como uma produção constituidora de representações distintas daquelas inscritas pelo produtor da obra: “[...] a obra só adquire sentido através da diversidade de interpretações que constroem as suas significações [...]” (Chartier, 1990, p. 59). O autor afirma que pensar deste modo leva a considerar que dispositivos de vigilância e inculcação têm que estar em sintonia com as táticas de consumo daqueles que se pretendem modelar.

Esses dispositivos também constituem a *materialidade*, ou seja, a forma material que organiza, sistematiza e orienta a leitura, apreensão e compreensão dos

textos e que, desse modo, produz sentido e significações (Chartier, 1991). Para seguir por esse caminho comparei em cada exemplar as seguintes características: capas, sumário, quarta-capas, fotografias, propagandas, número de artigos e seus assuntos, seções (O **quadro 5** mostra a presença dessas categorias em cada número da revista).

4.1. Capa

A capa é a apresentação inicial do impresso, pela qual o leitor antecipa sua idéia do que é a revista sem folheá-la. As imagens ou figuras são usadas como estratégia pelos editores a fim de produzirem sentidos e significações, não só a respeito do que se trata a revista, como também de conceitos e de filosofias do grupo que a confecciona. A capa ainda funciona como um tipo de “marca registrada”, que dá uma identidade ao periódico.

A Revista de Educação possuía suas características peculiares nas capas. As imagens ora mudavam, ora se repetiam em mais revistas. Sempre imagens que aludiam à educação, como é de se esperar em um periódico pedagógico. Os editores usaram mais o recurso de desenhos do que de fotos. As indicações de número, mês, ano e localidade (Vitória, Espírito Santo, Brasil) também variavam em cada capa.

Dentro do período *crecimento* pode-se observar que a capa é melhorada a partir da simplicidade gráfica em que é lançada. Para a capa, investimentos são feitos para que se torne mais atraente aos leitores. Os produtores da Revista de Educação, em 1934, investiram de forma modesta. Algumas das capas tiveram no máximo duas cores. Os textos e as fotografias, nesse primeiro ano da REES, foram impressos apenas com tinta preta. As letras apareciam em cada capa com formato diferente. Os desenhos das capas não tinham qualidade técnica

Em 1935, os editores começaram o ano procurando melhorar o projeto gráfico da capa da revista. A capa apresentou-se mais colorida – **figura 6**. A maior diferença é que não são apenas linhas coloridas que contornam o desenho. O fundo também foi preenchido. Pode-se pensar em uma tentativa de padronização: as revistas n. 10-11, 12, 13 apresentaram as mesmas ilustrações, embora uma entre elas com qualidade inferior (n. 13). Pode-se considerar a REES n. 14 dentro desse

padrão, pois o desenho está associado aos anteriores. As letras do nome da revista são as mesmas nesses exemplares e nenhum deles indica ano, mês, número, localidade.

Enquanto no primeiro ano os desenhistas da capa não eram especializados para esse fim, no ano seguinte houve atenção para esse aspecto. Na seção de *Notas & Informações* da REES n. 10-11 há uma identificação de quem fez a ilustração da *capa 9*: “A bella capa que estampamos no nosso numero de desembro [sic] transacto foi ilustrado pelo dr. Quintino Barbosa, alto funcionario da Alfandega desta Capital” (Notas & Informações. 1935d, p. 59). Em 1935, a capa da REES passou a ser desenhada por um profissional: “O Convento da Penha, magnífico symbolo do Estado, que ilustra nossa capa, é desenho de Oséias Duarte Leão, conhecido artista do lápis” (Notas & Informações. 1935d, p. 59, n. 10-11).³⁰

Os números da REES no final dessa fase de crescimento foram impressos pelas oficinas da revista *Vida Capixaba*. Isso pode explicar a melhor qualidade na impressão. Além de melhorar o atributo visual, novos valores foram estabelecidos para atrair os leitores: assinatura anual: 12\$000 (doze contos de réis); assinatura semestral: 7\$000 (sete contos de réis); número avulso: 1\$000 (um conto de réis).³¹

Outra observação interessante para esse período é a preocupação com a estatística escolar, com a **quantidade** de escolas, de matrículas e de freqüência. Duas capas em 1934 se repetem e dão a ver essa preocupação. No canto esquerdo da capa estão os números de escolas (803), de matrículas (44.783) e de freqüência (30.140). Esses números referem-se à soma dessas categorias em todos os municípios capixabas.

No período de *turbulência* verifica-se baixa qualidade gráfica da capa, que perdura até o período *decadência*. A *capa 15-16 (figura 10)* apresentou características de baixa qualidade gráfica das capas de 1934 e rompeu com o padrão que se buscava adquirir.

Entretanto, a edição especial que serviu de Anais do 1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico, da 3ª Região Escolar, lançou a capa que se tornou

³⁰ O Sr. Oséias Duarte Leão foi representante geral da Revista de Educação durante a produção dos números 10-11, 12 e 15-16 (ver página 39).

³¹ A REES n. 13 volta aos valores iniciais: assinatura anual: 15\$000; assinatura semestral: 8\$000; número avulso: 1\$500. Essa revista foi publicada sob nova direção: Dr. Manoel Clodoaldo Linhares, que precedeu o Capitão Wolmar Carneiro da Cunha, diretor dos números 2 a 12. Um novo diretor pode ser o motivo da mudança.

modelo desde o final de 1935 até os últimos números da Revista de Educação, publicados em 1936 e 1937. Quando a REES adquire um padrão de capa, entra em decadência de produção. Uma mesma capa pode significar economia de recursos financeiros e praticidade de produção – a ilustração da capa já estava pronta. Ou pode denotar a intenção de homogeneizar um modelo para o periódico.

O desenho foi assinado, mais uma vez, por Oséias Duarte Leão. Retrata uma menina escrevendo num quadro-negro uma frase muito sugestiva: *Só pela educação se pode avaliar a pujança de um povo*. Interessante que nas capas da revista, quando um estudante era ilustrado, era sempre do gênero feminino. Seria uma forma de atrair leitoras para a REES? Essa ilustração monocromática prevaleceu nas capas seguintes da Revista de Educação. Às vezes, a cor azul era substituída pelo verde ou vermelho.

Além da ilustração com uma frase muito significativa, outros elementos foram veiculados: as letras do nome da revista, as indicações de localidade (Vitória, Espírito Santo), dos produtores (SCEC), de seu órgão de origem (Departamento de Educação), do ano, do mês e do número do impresso. Deste modo, a REES podia ser lembrada como aquela revista que incitava a educação como meio de pujança de um povo, produzida em Vitória – ES, pelo SCEC do Departamento de Educação.

As capas foram modificadas até atingirem um padrão gráfico. Percebem-se nas imagens algumas idéias que os editores buscavam passar para os leitores:

- Cientificidade da pedagogia: imagens que representavam a ciência;
- Preocupação com o número de escolas e matrículas pelo governo estadual;
- Identidade espírito-santense, valorização de seus ícones;
- Educação como fator intrínseco ao progresso.

4.2. Sumário

Todos os exemplares disponíveis para o estudo continham um sumário no verso da capa. O sumário era simples e anunciava os artigos e as seções contidos na edição do periódico. Como era impresso no verso da capa, acompanhava o tipo

de papel e o tipo de impressão dela. Sempre impressas em uma única cor, as letras do sumário podiam ser pretas, azuis ou verdes, conforme a capa.

Os artigos anunciados no sumário acompanhavam a seqüência em que estavam dispostos na diagramação da revista. Após o título do artigo, na maioria das vezes em maior destaque, seguia-se o nome do autor e sua profissão.

Há dez variações nos caracteres do sumário ao longo das publicações da REES (**figuras 17. a 26**). Nas REES n. 1 e 2, o título do artigo encontra-se em *caixa alta*, em negrito e ocupa uma linha sozinho. Logo abaixo o nome do autor, em itálico, acompanhado da informação sobre sua profissão (**figura 17**). O sumário da revista n. 6 possui essas características, mas a diferença está na mudança da grafia “sumário” para “summario”, além da disposição dessa palavra ao centro (**figura 18**).

As revistas n. 7-8, n. 9, n. 10 e n. 12 apresentaram apenas a primeira palavra do título do artigo em letras maiúsculas. Os tipos não estavam mais em negrito, mas em itálico. Seguiu na mesma linha do título o nome do autor, sem algum destaque, e sua profissão. A palavra “summario” aparece com letras maiores que as anteriores. (**figura 19**). As diferenças dessa última modificação para o sumário 13 são que os títulos de artigos não estão em destaque itálico e que a palavra “summario” recebeu mais destaque quando disposta entre quatro linhas.

Nessa fase, a REES encontrava-se no período *crescimento*. Pode-se perceber, então, que nesse período os editores preocuparam-se em destacar os artigos veiculados, buscando a atenção do leitor pelos títulos. É uma fase crucial para a difusão da política reformista, tendo em vista as eleições que se aproximavam.

Os sumários dos números 14 e 15-16 sofreram uma inversão: o título do artigo não possui mais letras maiúsculas, somente destaque em itálico; foi o nome do autor que recebeu tipos em *caixa alta*. Foram os números da REES rodados após as eleições de abril de 1935. Coincidência ou não, foi a REES n. 14 a primeira a ter publicado um artigo de autoria do Capitão João Punaro Bley, artigo esse que o próprio Bley enaltece suas ações na reforma da educação. Esse número comemorava o *4º centenário da colonização do Espírito Santo*. A palavra “summario” estava sem as linhas de destaque em suas laterais.

A REES n. 17-18-19 volta a trazer no seu sumário os títulos em *caixa alta*. Os nomes dos autores tiveram destaque itálico. No sumário da REES n. 22 acrescentou-se apenas as quatro linhas nas laterais da palavra “summario”. O

sumário da revista n. 23-24 não destaca os títulos, autores e profissões: quase todos estão com os mesmos caracteres, exceto o título “Cooperação e Extensão Cultural”, que foi impresso em *caixa alta*. Na edição n. 25-26-27-28, as características das letras assemelham-se as do sumário 17. A palavra “summario” foi destacada com uma linha em cada lado. Essas edições foram produzidas no período *turbulência* da REES. Percebe-se que não houve padrão para o sumário.

Os caracteres dos sumários das edições n. 29 e 30-31 apresentaram os títulos em *caixa alta* e autores em itálico, entretanto, as letras estão em tamanhos maiores. “Summario” foi destacado com duas linhas em cada lateral. Essas duas edições estavam no período *decadência* da revista. O fato de apresentarem letras maiores está relacionado com a menor quantidade de artigos em cada revista, uma questão de aproveitamento de espaço na parte destinada ao sumário.

Mesmo sem um padrão, basicamente o destaque estava sempre no título e no nome do autor. Roger Chartier (1994), em *A Ordem dos Livros*, discute que as novas abordagens sobre a história do livro, apoiadas na sociologia da produção cultural, rearticulam o estudo do texto ao seu autor.³² Cita a denominação proposta por Michel Foucault³³, de: uma “função-autor”:

[...] a “função-autor” é (...) característica do modo de viver, da circulação e do funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” – e pressupõe um estado de direito que reconheça a responsabilidade penal do autor e o conceito de propriedade literária[...]é o resultado de “operações específicas e complexas” que atribuem a inscrição histórica, a unidade e coerência de uma obra (ou de um conjunto de obras) à identidade de um assunto construído [...] (Chartier, 1994, p. 36).

A “função-autor”, conforme o conceito de Foucault, define peculiaridades nos discursos, produz sua identidade e o legitima perante a sociedade. Por um lado, temos que a publicação de um texto cujo autor possui discurso reconhecido na sociedade acarreta prestígio à revista. Por outro lado, de acordo com Chartier (1994: p. 58), um autor pode ser “[...] visto como aquele cuja posição social dá autoridade ao discurso do conhecimento [...]”. Nos sumários da REES, além do destaque para o nome do autor, a identificação de sua profissão – sua posição social – chama a

³² Antes disso o *new criticism* e a *analytical bibliography* haviam proclamado a “morte do autor”, ou seja, a produção do sentido era “[...] atribuída um funcionamento automático e impessoal de um sistema de signos” (Chartier, 1994, p. 33). Os autores não entravam no domínio dos historiadores, pertenciam à história literária (Chartier, 1994).

³³ Michel Foucault, “Qu’est ce qu’un auteur?”, 1969. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, tomo LXIV, jul.-set., p. 73-104 (apud Chartier, 1994, p. 59).

atenção para “quem” havia escrito tal artigo: um professor, um diretor de grupo escolar, um inspetor de ensino, o governador. Essa identificação autoriza a fala do autor para tal assunto, dá reconhecimento ao seu nome, valida seu discurso e, também, traz prestígio ao periódico.

Apenas uma vez, dentre os números da REES que foram analisados neste estudo, foi impressa uma propaganda do sumário de uma próxima revista. Foi na revista n. 17-18-19 que anunciou a revista n. 20. O anúncio foi impresso na última página da revista. Nele, lê-se:

Sumario do Proximo Numero da “Revista de Educação”

No n.º de novembro vindouro publicaremos, entre outras colaborações de valor, as seguintes:

“O Café na Escola”, trabalho premiado nos Jogos Floraes de Costa Rica, por José M. Mara Valverde.

“Escolas Superiores de Agricultura”, por Bemvindo de Novaes, director do Ensino Agrícola do Ministerio da Agricultura.

“O Ensino da Historia na Escola Primária”, pela prof.^a Rosa Kolady, do Grupo Escolar “D. Pedro II” de Curityba.

“Micróbios e Lobis-Homens”, por Aristophanes Barbosa Lima, Secretario do Tribunal Eleitoral.

“Castello”, por Ciro Vieira da Cunha, director da Escola Normal “Pedro II”, de Vitória.

“Terra Dantesca”, por Ernani de Cunto, da Academia Rio Grandense de Letras.

(Notas & Informações, 1935b, p. 200).

O sumário anunciava a revista de novembro de 1935. Divulgar os assuntos da próxima revista é uma estratégia de atrair leitores para o próximo número. Esse sumário também indica certa organização dos editores, um planejamento para a próxima edição. De acordo com o que já foi citado no item *Periodicidade* (p. 59), esse número deve ter sido publicado.

4.3 Propagandas

Os anúncios apareceram a partir do terceiro número da REES. Conforme A REES, as propagandas veiculadas tinham o objetivo de financiar livros para a Biblioteca Irradiante (do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural):

O producto dos annuncios estampados nesta revista é destinado á compra de livros para a Bibliotheca Irradiante do Serviço de cooperação e Extensão Cultural

Na capa (lado externo) 1 pagina 100\$000

Na capa (lado externo) ½ pagina	60\$000
Na capa (lado externo) ¼ pagina	35\$000
Na capa (lado interno) 1 pagina	80\$000
Na capa (lado interno) ½ pagina	50\$000
Na capa (lado interno) ¼ pagina	30\$000
No corpo da Revista 1 pagina	60\$000
“ “ “ “ ½ pagina	40\$000
“ “ “ “ ¼ pagina	25\$000

Terão descontos de 20, 30 e 40% as publicações para mais de uma vez”
(Revista de Educação, 1935, p. 59).

Algumas propagandas foram veiculadas na quarta-capa da revista. O gráfico mostra o número de anúncios publicados em cada número da REES:

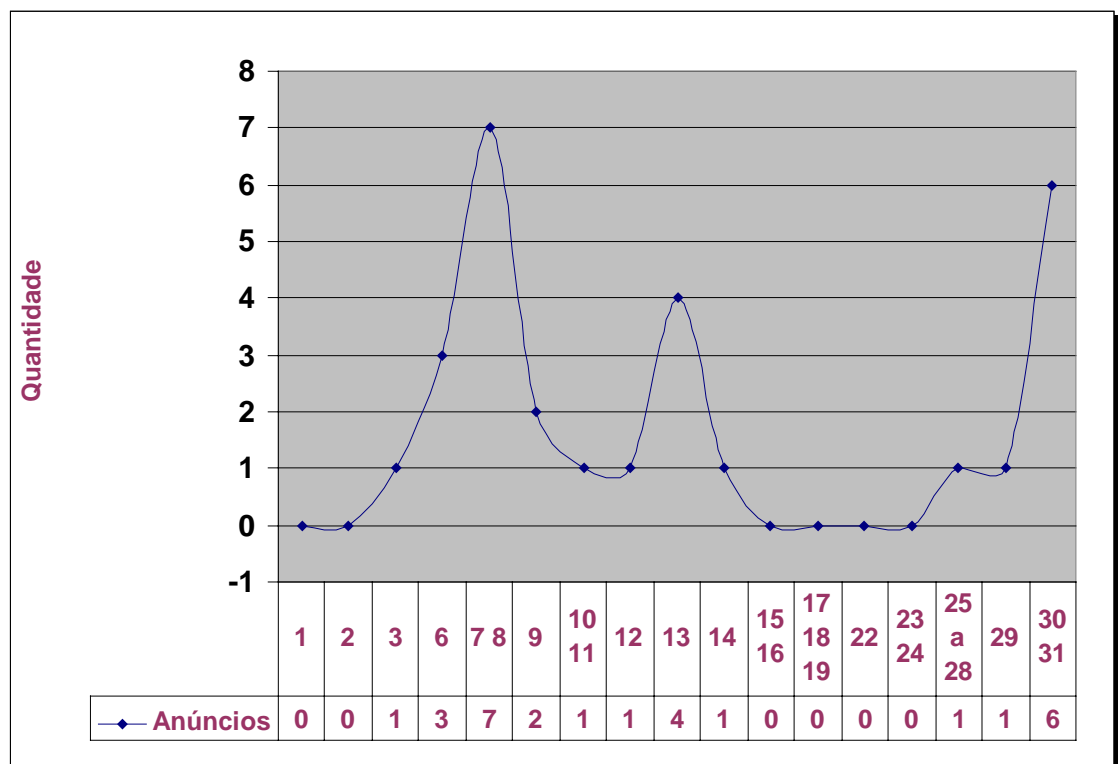


GRÁFICO 4: N. DE ANÚNCIOS NA REES

Esse gráfico apenas mostra que não há uma regularidade no número de propagandas publicadas nas REES. As propagandas foram as seguintes:

- Armando Pinto & cia. – empréstimo para casa própria.
- Cia. Central Brasileira de Força Elétrica;
- Papelaria
- Livraria “A Vidralia
- Vivácqua Irmãos S. A (maq. escrever, somar, calcular);

- Refrigerador General Electric pela Cia Central Brasileira de Força Elétrica;
- Cia. Melhoramentos de São Paulo;
- Livro de Claudionor Ribeiro sobre geografia escolar (Cia. Melhoramentos);
- Colégio Americano Baptista;
- Casas Pernambucanas;
- Feira de Amostras da Cidade de Vitória, no GE Gomes Cardim
- Propaganda de Visiometro (provável ser da Cia. Central Elétrica do Brasil)
- Pedro Moreira – Armarinho, ferragens, perfumaria e fogos adrianinos,
- Próxima Revista de Educação
- Saudação aos colaboradores do 1º Congresso de Aperfeiçoamento Escolar,
- Iluminação para intelectuais
- Casa Victoria – Rio Modas; Radio Philips – Rabello e Cia;
- Escola Superior de Comercio;
- Reflector Renovalite (GE) e Visiometro, ambos da Companhia Central Brasileira de Força Elétrica;
- Escritório de Mandatos e Representações Civas Asdubral de Resende Peixoto;
- Companhia Editora Nacional

Em resumo, as propagandas (**figuras 27 a 34**) variam entre comerciantes e empresários que oferecem produtos e serviços de interesse dos professores e professoras. A maioria dos anúncios é de empresas locais. Houve o caso do anúncio da próxima edição da REES e de um reconhecimento aos colaboradores do 1º Congresso de Aperfeiçoamento Escolar. Um detalhe importante é que Vivacqua Irmãos S/A e Armando Pinto & Cia eram empresas brasileiras exportadoras de café, ou seja, mercantis-exportadores. A primeira era capixaba.

4.4 Seções

A Revista de Educação possuía artigos de abertura, artigos de fundo e algumas seções. A primeira edição do periódico veiculou três seções: *O Serviço de Cooperação e Extensão Cultural*,³⁴ *Secretaria do Interior* e *Dos Jornais e Revistas*. Foram publicados em cada uma dessas seções, respectivamente, circulares provenientes do SCEC, atos oficiais da Secretaria, notas de jornais e revistas.

A partir do segundo número houve veiculação regular de três seções: *Cooperação e Extensão Cultural*, com artigos, comunicados, decretos e notas de jornais e/ou revistas; *Bibliografia Pedagógica* com recomendações de leituras aos professores; *Notas e Informações*, também com pequenas notas de jornais e/ou revistas, cartas de resposta à REES, erratas e informações sobre publicações recebidas. Essa três seções foram as mais freqüentes durante a publicação da revista.

Em alguns números da REES surgiram outras seções, a partir de 1936, durante o período de turbulência: *Cine-Rádio Escolar*, *Sociedade dos Amigos de Alberto Torres*, *Escotismo*, *Secção Literaria* e *Perlustrando Revistas*. O quadro indica as seções presentes em cada número da revista.

	1934						1935						1936			1937	
	1	2	3	6	7	9	10	12	13	14	15	17	22	23	25	29	30
Cooperação e Extensão Cultural	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑			☑
Bibliografia Pedagógica			☑	☑	☑	☑	☑	☑		☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑
Notas& Informações		☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑
Secretaria do Interior	☑														☑	☑	☑
Dos Jornais e Revistas	☑																
Cine-Rádio Escolar													☑	☑	☑		☑
Sociedade dos Amigos de Alberto Torres													☑	☑	☑		
Secção Literaria															☑	☑	☑
Escotismo															☑	☑	☑
Perlustrando Revistas															☑		

QUADRO 9: SEÇÕES DA REES

³⁴ Depois denominada Cooperação e Extensão Cultural.

Nessas outras seções foram publicados comunicados, notas e textos específicos ao tema correspondente da seção: *Cine-Radio Escolar* – ações do Serviço de Educação pelo Radio e Cinema Escolares, chefiado por Luiz Edmundo Malizek; *Sociedade dos Amigos de Alberto Torres* – educação rural; *Escotismo* – ações dos escoteiros e bandeirantes no Espírito Santo e nos estados vizinhos; *Secção Literaria* – poemas e contos de autores brasileiros. As seções *Dos Jornais e Revistas* e *Perlustrando Revistas* referem-se a publicações de outros impressos ou informações sobre eles. Ambas apareceram apenas uma vez na revista, em edições diferentes, como pode ser verificado no quadro. Por cada uma dessas seções possuírem temas específicos e veicularem textos somente a respeito de seu assunto, não é necessário incluir esses textos na divisão de um temário geral das seções, como foi feito com os artigos. Entretanto, a seção de *Cooperação e Extensão Cultural*, que é uma seção exclusiva do SCEC, foi analisada por temas, devido à veiculação de textos diversos. Esse trabalho foi interessante para visualizar a importância dada pelo SCEC a determinados temas.

Muitos dos textos publicados nas seções, principalmente na seção *Cooperação e Extensão Cultural*, não possuíam identificação de autoria. Eram textos informativos do SCEC ou retirados de outros jornais. Os textos de outros jornais veiculados na revista procuravam cumprir o objetivo proposto para o intercâmbio cultural promovido pelo SCEC, a fim de manter o professorado capixaba informado das discussões correntes:

Uma das modalidades bem interessantes desse Serviço [SCEC] e a sua secção de recortes dos jornais e revistas sobre os assumptos scientificos da mais palpitante actualidade. Mantém ainda, o alludido Serviço uma secção de propaganda e informação através de correspondências trocadas entre as varias instituições do paiz e pela imprensa (Diário da Manhã, 1934, p. 51).

O temário dos artigos da REES, artigos de abertura, artigos de fundo e artigos da seção *Cooperação e Extensão Cultural* (CEC) foram divididos nas mesmas categorias. O próximo item analisou esse temário.

4.5 Temário

Nesse item foram analisados os temas dos artigos de abertura, juntamente com os artigos de fundo e os temas dos artigos da seção CEC. O temário da REES foi dividido nas seguintes categorias:

1. **Didática:** textos que procuram prescrever e teorizar práticas de ensino específicas ou não para uma disciplina escolar, métodos de ensino, condutas para o professor, formas de avaliar, conteúdos a serem ensinados, etc.
2. **Educação Física:** textos que dizem respeito a essa disciplina. Essa categoria, que poderia ser incluída em didática, foi separada porque os textos são os primeiros trabalhos teóricos da Educação Física produzidos no Espírito Santo e porque essa disciplina estava inserida numa discussão à parte no período como meio de difusão de ideais militares, higienistas e eugenistas.
3. **Educação Rural:** textos referentes à Educação Rural: Clubes Agrícolas Escolares, escolas rurais, ensino técnico rural, Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.
4. **Escolas:** textos sobre prédios escolares.
5. **Estatística Escolar:** textos que discutem a importância da estatística para a educação, que trazem estatísticas escolares do Espírito Santo e que relatam ações da Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministério da Educação e da Saúde Pública.
6. **História:** textos que dissertam sobre a história da educação ou do Espírito Santo.
7. **Linguística:** textos sobre a língua portuguesa e vocábulos regionais.
8. **Material Didático:** textos sobre livros didáticos, revistas periódicas a serviço da educação e imprensa escolar.
9. **Práticas Auxiliares ao Ensino:** textos que difundem, incentivam, prescrevem, justificam (com base em teorias da educação) práticas educativas com a finalidade de enriquecer o currículo escolar, entre as quais: escotismo, bandeirantismo, cooperativas escolares, rádio e cinema escolares, museus escolares, colônias de férias.

10. **Psicologia:** textos sobre psicologia educacional, que se utilizam dos pressupostos teóricos da psicologia para estabelecer preceitos pedagógicos.
11. **Política Educacional:** textos que discutem ideais, projetos e ações para a transformação da educação no Brasil e no Espírito Santo e os textos que apresentam as ações do governo Bley para o campo educacional no estado capixaba.
12. **Pedagogia:** textos que buscam subsídios nas diversas áreas do conhecimento para fundamentar teorias da educação.
13. **Saúde:** textos que se referem à saúde pública e idealizam a escola como meio de difusão de conhecimentos básicos de higiene e prevenção de doenças.
14. **SCEC:** textos a respeito das áreas de atuação do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural (Revista de Educação, Biblioteca Irradiante e Biblioteca Circulante).
15. **Variedades:** são contos, poemas, discursos, referências a comemorações nacionais e internacionais, biografias. Nessa categoria está incluído o documento de beatificação do Padre José de Anchieta, publicado na REES.

Os próximos gráficos indicam os temas veiculados na Revista de Educação de acordo com a periodização proposta. Os **gráficos 5, 6 e 7** referem-se ao temário dos artigos de fundo; os **gráficos 8, 9 e 10** foram construídos com base no temário da seção CEC. Todos esses gráficos indicam a **quantidade** de artigos em cada tema e em cada fase da periodização proposta: **Fase 1** – crescimento; **Fase 2** – turbulência; **Fase 3** – decadência.

Os gráficos 5 e 8 indicam a quantidade de temas veiculados na REES para serem visualizados individualmente em cada fase. Por exemplo, na **fase 1** foram veiculados 26 artigos de didática (coluna verde), já na **fase 2** foram 18 artigos desse tema (coluna azul) e, na **fase 3**, apenas dois artigos (coluna laranja). A diferença para os **gráficos 7 e 10** é que nesses, as três colunas que representam cada fase da periodização proposta somam-se formando uma única, o que possibilita uma visualização geral dos temas veiculados nos artigos. Os **gráficos 6 e 9** foram construídos para que se possa visualizar a composição temática da revista em cada fase.

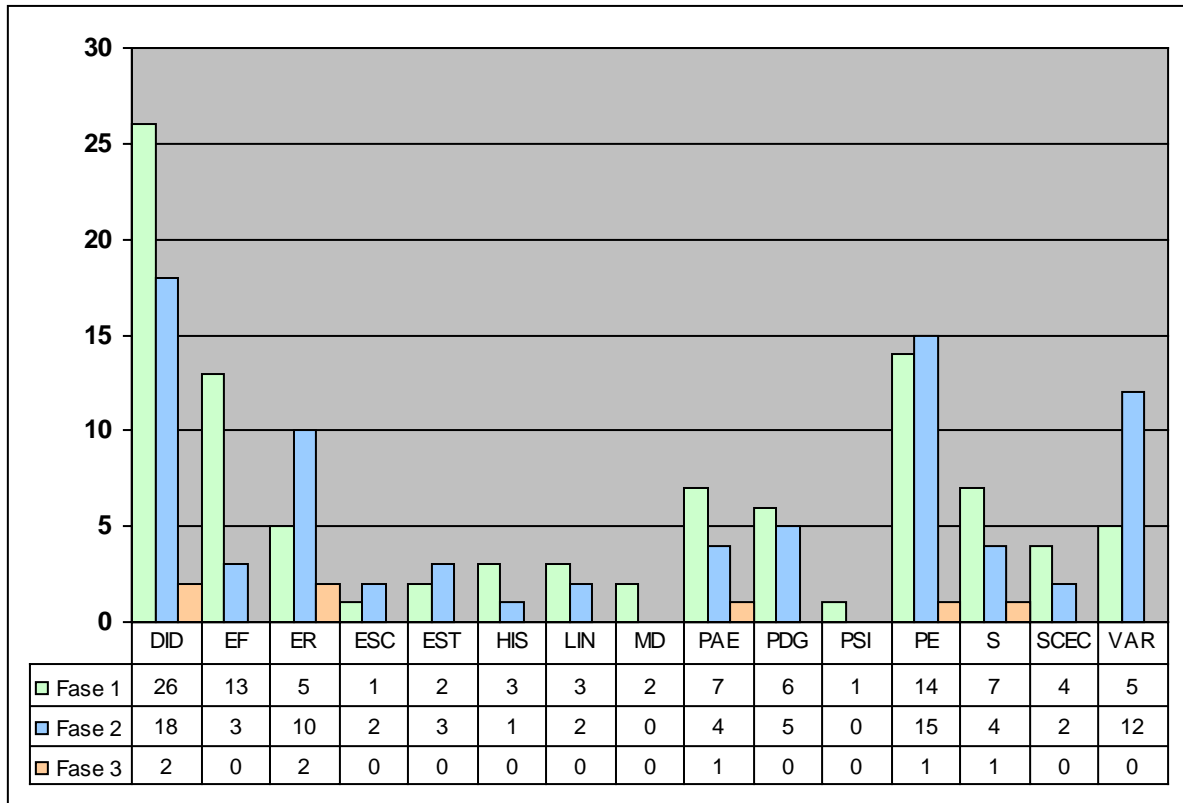


GRÁFICO 5 – TEMÁRIO DA REES I (ARTIGOS DE ABERTURA + ARTIGOS DE FUNDO)

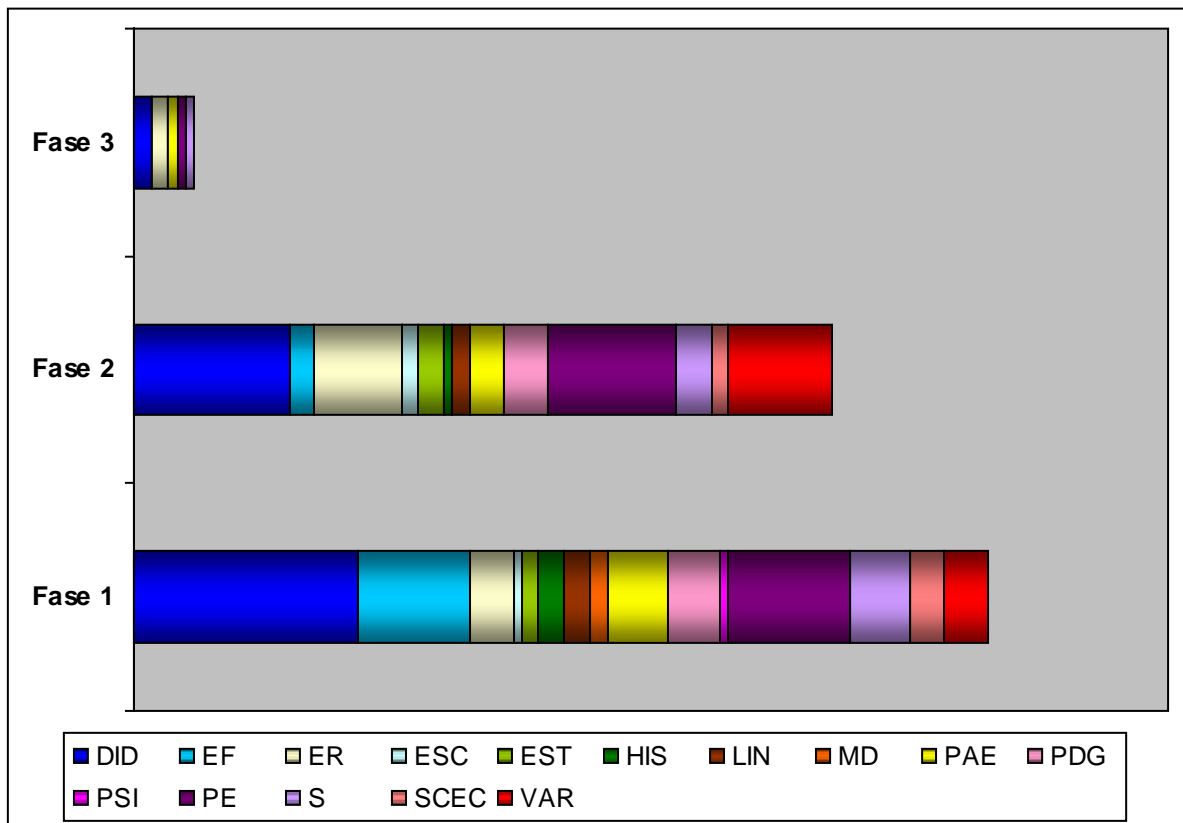


GRÁFICO 6 – TEMÁRIO DA REES III (ARTIGOS DE ABERTURA + ARTIGOS DE FUNDO)

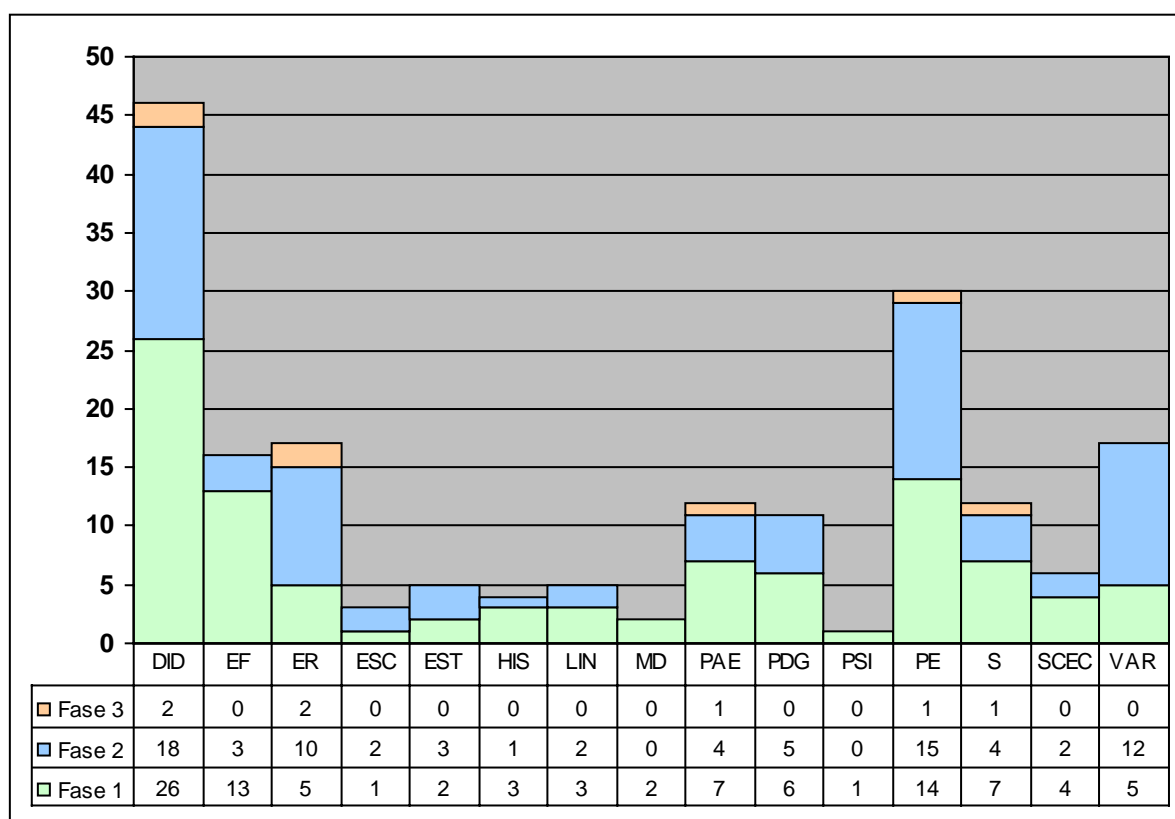


GRÁFICO 7 – TEMÁRIO DA REES II (ARTIGOS DE ABERTURA + ARTIGOS DE FUNDO)

Ao observar a composição da revista, nota-se que as prescrições de práticas pedagógicas (didática) ocupam o maior espaço em relação aos outros temas, tanto na **fase 1** quanto na **fase 2**. Na **fase 3**, mesmo com poucos artigos, o tema didática ainda está bem presente. Isso está relacionado ao fato de que os autores que mais tiveram artigos publicados eram inspetores técnicos de ensino.

Em segundo lugar na veiculação da revista, nas **fases 1 e 2** estão textos que dizem respeito à política educacional – neles inclusos os textos que difundem os feitos do Governo Bley. Na **fase 3**, esse tema ocupa menos espaço que o tema Educação Rural.

Na **fase 1** é interessante notar que os textos referentes à pedagogia, ou seja, aqueles que buscam subsídios em outros campos do saber para fundamentar teorias da educação, possuíam menos veiculação do que as discussões sobre Educação Física, Educação Rural, Saúde e Práticas Auxiliares ao Ensino (escotismo, museus escolares, cinema escolar, etc.). Já na **fase 2**, no período de turbulência da REES, chegou a ocupar um pouco mais de espaço. Entretanto, na **fase 3** esse tema nem apareceu. Um indício de que o projeto da revista estava mais

preocupado em prescrever práticas para o sistema escolar que discutir as correntes teóricas da educação. Tanto que se registrou apenas um texto sobre psicologia educacional.

Os textos que tratam das Práticas Auxiliares ao Ensino prescrevem e difundem práticas para além da sala de aula ou para enriquecer o que acontece nela. Junto com os textos de Didática, a maior parte da REES disse o que fazer na rotina escolar, e como fazê-lo. Isso sem contar com alguns dos textos a respeito da Educação Física, da Educação Rural e da Saúde, que se enquadram nessa linha de prescrições. As Práticas Auxiliares ao Ensino também fazem parte das medidas políticas tomadas por Bley para o sistema de ensino espírito-santense. Esse tema foi veiculado com um espaço considerável em relação aos outros nas três fases.

Pode-se pensar que notável índice de textos sobre Saúde deve-se às experiências com epidemias vividas pela população brasileira no final do século XIX e início do século XX.³⁵ A Educação Sanitária surgia, então, como uma necessidade urgente de se conscientizar a população ignorante a respeito de noções básicas de higiene. Deste modo, muitas doenças poderiam ser evitadas e os recursos financeiros na área da saúde poderiam ser mais bem direcionados. Mas não se deve ignorar que a Educação Sanitária estava dentro das pastas do Governo Bley e que, junto com a Educação Física, participava de um projeto ideológico nacional de eugenia da raça brasileira.

A Educação Física, como já foi dito, possuía grande influência do militares. No estudo feito sobre o discurso dos artigos referentes a essa disciplina³⁶ identificaram-se algumas justificativas para introduzi-la na escola: desenvolver uma raça forte, próspera e respeitada, além de prevenir doenças. Na **fase 1** foi um dos temas mais veiculados. Na **fase 2** perdeu muito espaço e desapareceu na **fase 3**.

O tema Educação Rural teve um aumento na veiculação da Revista na **fase 2** e, na **fase 3** ocupava o mesmo espaço que o tema Didática. Segundo os editores da REES, a política da Educação Rural objetivava preservar as peculiaridades do

³⁵ As referências às estatísticas de doenças que constituíam um problema para a sociedade estão presentes em alguns artigos, onde também se descreve a situação em que se encontrava o país naquela época. Christiano Fraga (Diretor do Departamento de Saúde Pública) comentou os índices da lepra: “Quanto ao Brasil, no capítulo da lepra, é hoje citado como um dos maiores focos do mundo, com um coeficiente só suplantado pelo de alguns focos da Ásia e da Oceania, donde a doença é originária. [...] Consultando os diversos fichários, censos e notícias sobre o índice dos demais Estados, do Centro, Sul e do Distrito Federal, não é exagerado atribuir aos quarenta milhões de habitantes do país um total de 40.000 leprosos” (Fraga, 1934a, p. 19).

³⁶ (Lauff, 2005).

homem do campo. Porém, era na zona rural que se encontrava um dos problemas mais preocupantes do período: as colônias de estrangeiros. Segundo Schwartzman, Bomeny & Costa (2000), os estrangeiros que habitavam o país ameaçavam o projeto de construção da nacionalidade. De acordo com o autor, desde 1906 já havia alerta para o perigo de se criar outras nacionalidades dentro do Brasil. Isso era um empecilho à coesão nacional. Além dessa preocupação em nacionalizar os estrangeiros, a educação rural atendia a fins econômicos.

Os temas Educação Física, Educação Rural, Saúde e Práticas Auxiliares de Ensino, mais do que prescrever práticas aos professores, eram políticas para a educação que seguiam as diretrizes do Governo Central. Fazia parte do projeto político prescrever tais práticas e sua difusão. Além de atender esse fim por meio da REES, legitimava as ações do governo Bley para a educação no Espírito Santo. Ao observar a composição da revista, percebe-se que nas três fases, juntos, esses temas ocupam praticamente o mesmo espaço dado ao tema Didática. Somados ao tema Política Educacional, tomam a maior parte da REES nas três fases. Nesse aspecto, a REES, uma revista que à primeira vista objetivava prescrever práticas de ensino, sendo, portanto, útil à reforma educacional seguida, era agradabilíssima como meio de inculcação de que essa reforma estava direcionando o Espírito Santo a caminho do progresso.

Os vários outros temas também demonstram peculiaridades da revista: além de forte identificação com o Espírito Santo por meio das capas e dos autores locais, temas a respeito do estado reforçaram esse aspecto: Serviço de Cooperação e Extensão Cultural, Estatística Escolar, Escolas, Material Didático estavam entre as responsabilidades do Departamento de Educação; Em História e Lingüística encontram-se textos sobre o passado capixaba e seus vocábulos peculiares. Poesias escolares e contos faziam parte das prescrições de modelos aos professores.

Os próximos gráficos analisam o temário dos textos da seção CEC:

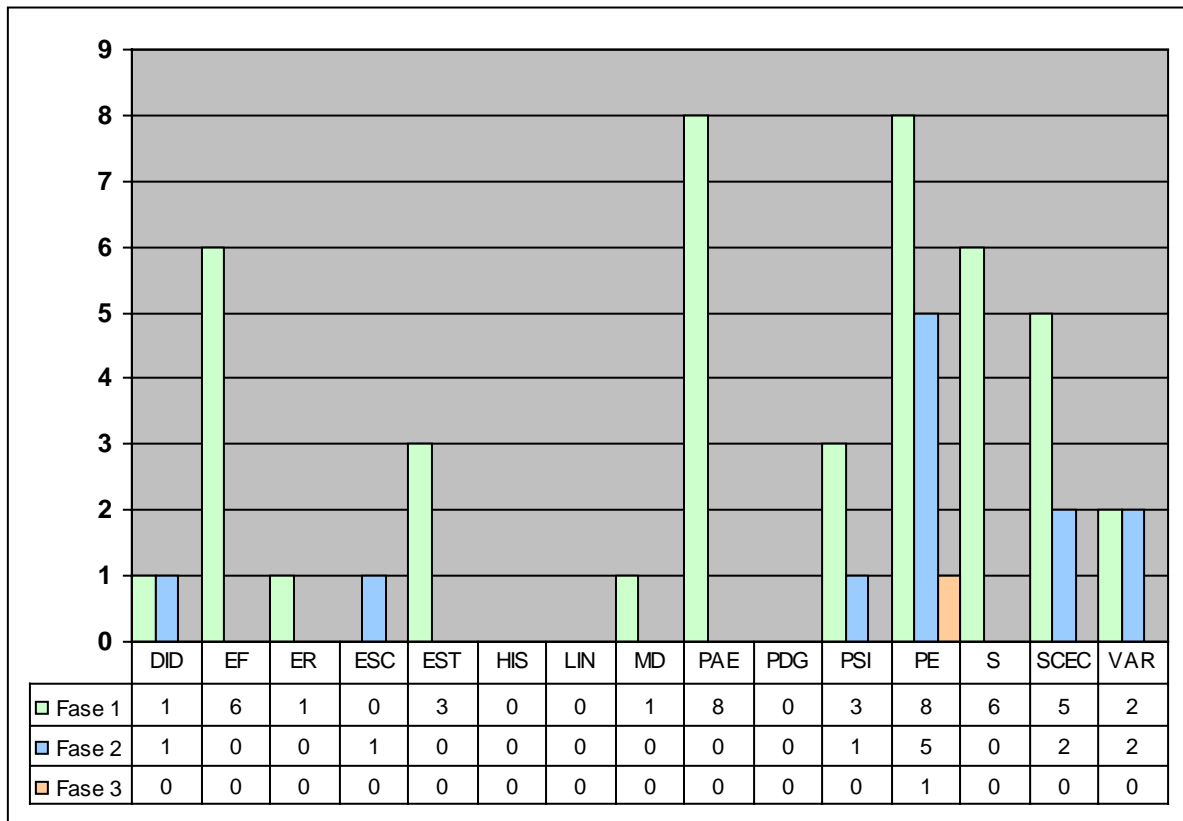


GRÁFICO 8 – TEMÁRIO DA SEÇÃO CEC I

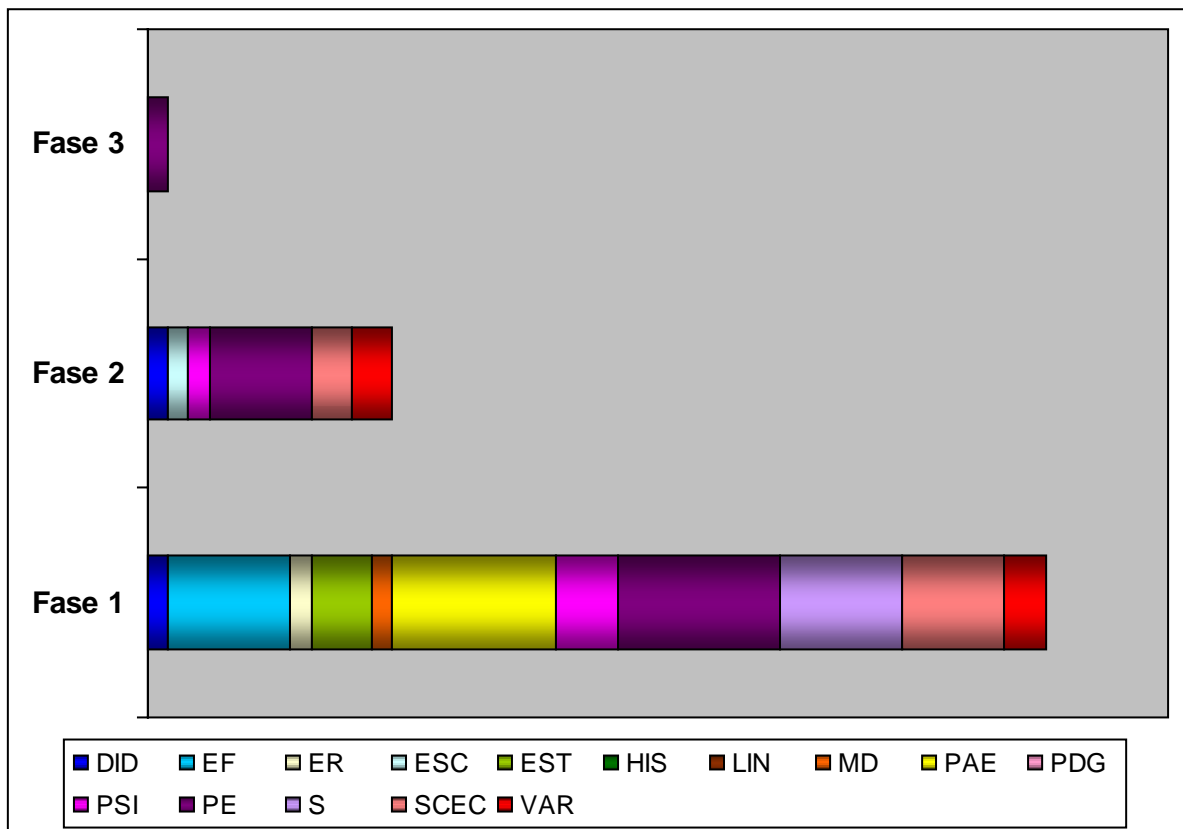


GRÁFICO 9 – TEMÁRIO DA SEÇÃO CEC III

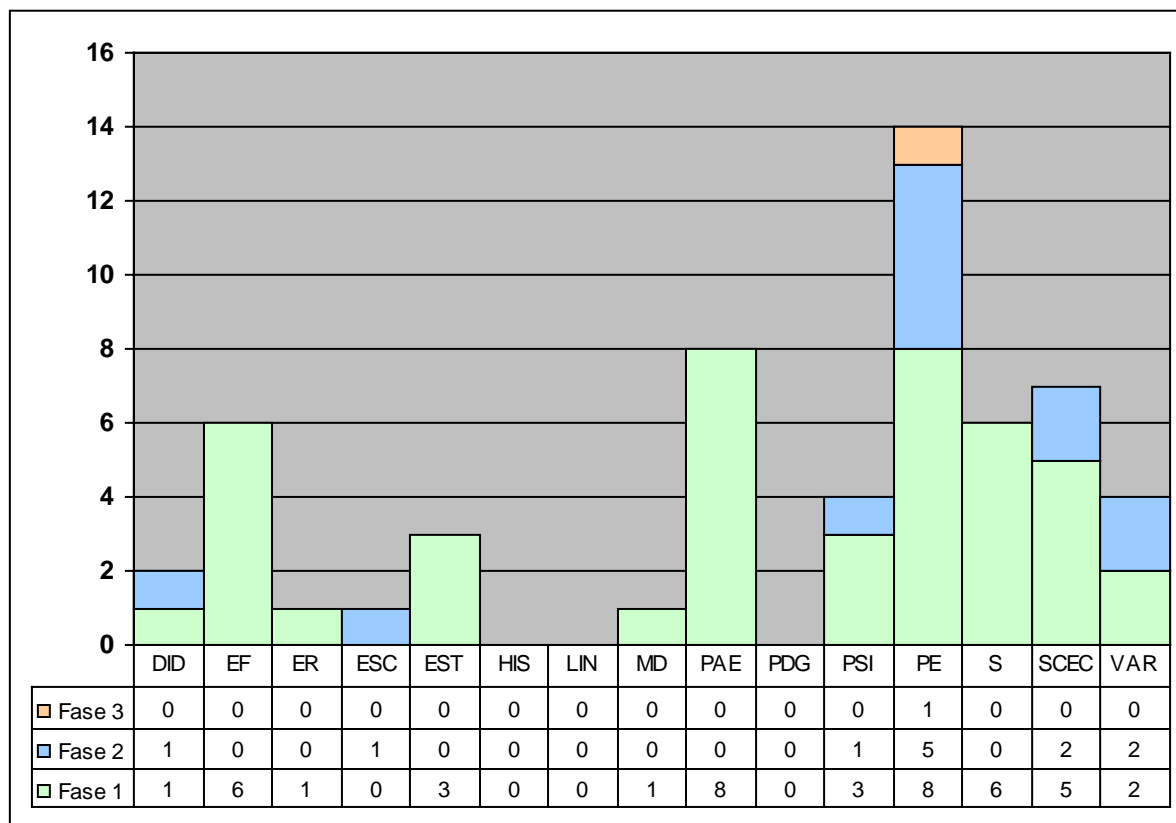


GRÁFICO 10 – TEMÁRIO DA SEÇÃO CEC II

Os gráficos demonstram que a parte da REES dedicada exclusivamente à Cooperação e Extensão Cultural preocupou-se mais em discutir ou apresentar política educacional nas três fases da REES. Foi o tema mais veiculado. Esse dado reforça o caráter político-ideológico da REES.

Os temas sobre Práticas Auxiliares ao Ensino, SCEC, Saúde e Educação Física também foram muito veiculados na seção, entretanto, estiveram presentes apenas na fase *crescimento* da revista, com exceção da categoria SCEC, que chegou a ser veiculada na seção na segunda fase da revista. Essas categorias, como já foi dito, eram áreas de atuação da política de reforma do ensino. Essas informações também reforçam a utilização da revista para divulgação da política educacional do Governo Bley.

Psicologia, que quase não teve artigos a respeito no corpo principal da REES, recebeu mais espaço nessa seção. Eram textos que discutiam a utilização dos preceitos científicos da psicologia na educação: uma das características da pedagogia da Escola Nova. Os demais temas, Variedades, Material Didático, Educação Rural, Didática e Escolas foram temas pouco abordados na seção.

Percebe-se que na fase *turbulência* até a fase *decadência* diminuiu-se bastante a quantidade de artigos veiculados nessa seção.

A análise mostra que as prioridades nessa seção são diferentes das prioridades do corpo principal da revista. Entretanto, a seção reforçou o tom político-ideológico adotado na REES.

4.6 Artigos de Abertura

Com exceção do n. 6 e do n. 30-31, todos os outros números da revista possuíam sempre o primeiro artigo assinado por Claudionor Ribeiro, o redator-secretário “vitalício” do periódico. No entanto, o primeiro artigo da REES n. 30-31 não indica autoria, mas pode ter sido sim de Claudionor Ribeiro.

Os artigos de abertura ilustram aspectos que Ribeiro procurava destacar. Muitas vezes, os assuntos desses artigos estavam em harmonia com os assuntos veiculados no resto da revista. Uma característica percebida nos textos de Ribeiro é elogiar o governo Bley. Segue o quadro com os títulos dos artigos de abertura:

Ano	N. da REES	Título do Artigo	Tema
1934	1	Breve relato do problema pedagógico no E. Santo	PE
1934	2	Aos professores [circular n. 3]	SCEC
1934	3	Radio e cinema escolares	PAE
1934	6	Aos professores [circular n. 4]	SCEC
1934	7-8	A educação e o Porvir do Espírito Santo	PE
1934	9	Educação Progressiva	PE
1935	10-11	Alberto de Almeida	VAR
1935	12	Os clubes agrícolas escolares	ER
1935	13	Etapa Gloriosa	SCEC
1935	14	4º Centenário da Colonização do Estado do Espírito Santo	HIS
1935	15-16	Radio Club do Espírito Santo	PAE
1935	17-18-19	Congressos de Educação	PE
1936	22	Colônia de Férias	PAE
1936	23-24	3ª Exposição de Imprensa Escolar	PAE
1936	25 a 28	Congresso Rural	ER
1937	29	Bibliothecas Circulantes	SCEC
1937	30-31	Aspectos Mexicanos: a casa do povo	ER

QUADRO 10: TÍTULOS DOS ARTIGOS DE ABERTURA

No quadro também se encontra a classificação temática do artigo. Um dos temas mais abordados no período *crescimento* da REES foi Política Educacional. Ao ser lançada a Revista de Educação, a capa de sua primeira edição foi ilustrada com uma foto do Grupo Escolar Padre Anchieta, recém inaugurado. Antes do artigo de abertura há uma página que faz menção a respeito e onde se lê:

É de salientar que foi o primeiro educandário, cuja construção foi inteiramente determinada e superintendida pela Secretaria do Interior e Justiça. É uma construção que mostra a evidência e o empenho carinhoso do Governo do Estado pelo reajustamento da nossa máquina educativa. É, ainda, no gênero um dos bons padrões que muito enaltecem o nosso sistema educacional (Revista de Educação, 1934a, p. 1).

Percebe-se aí um dispositivo que prepara o leitor para reconhecer o empenho do governo na reforma da “máquina educativa”. E o artigo de abertura continua: intitulado *Breve relato do problema pedagógico no E. Santo* (REES n. 1), na verdade, contraria o título, apresentando as iniciativas políticas do Governo Bley como solucionadoras do problema pedagógico. Já no primeiro parágrafo afirma:

No que concerne às questões educacionais, é nitidamente estupendo o progresso do Espírito Santo. Não há aqui literatura pedagógica. Não se faz pedagogia de gabinete. Realiza-se modestamente, é certo. Mas realiza-se e constroeu-se dentro das nossas curtas possibilidades econômicas. O pouco que temos feito nesse particular é muito, em relação ao que têm produzido outros Estados de desenvolvimento econômico mais próspero do que o nosso (Ribeiro, 1934a, p. 3).

Ribeiro (1934a, p. 1) buscou equiparar o Espírito Santo aos estados de São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Pernambuco, “vanguardeiros da educação no Brasil”, segundo o autor: “[...] Não será de mais juntar-se a esses Estados, paradigmas e justo orgulho da civilização brasileira, o Espírito Santo [...]”. Parece sugerir que Bley fazia uma reforma tal qual as que aconteciam nessas localidades, lideradas por intelectuais da educação. E ainda afirma convictamente que havia “sobejas provas” que o Espírito Santo foi o primeiro estado do Brasil a introduzir nas escolas as Bibliotecas Circulantes, os Clubes Agrícolas Escolares, as Cooperativas Escolares, o Cinema Educativo e o Seguro de Saúde.

Apresenta no texto uma série de medidas tomadas pelo governo espírito-santense para beneficiar a educação: ampliação do escotismo e instituição bandeirantismo escolar, oficialização da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Vitória e da Faculdade de Direito do Espírito Santo, regularização dos professores normalistas para atuarem no magistério primário, criação das escolas rurais, dos

cursos noturnos de educação popular, da Inspetoria de Educação Física, do Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitária Escolar, inauguração do cinema escolar em vários educandários do estado, reformas dos edifícios escolares em “moldes pedagógicos modernos” (Ribeiro, 1934a), organização da Biblioteca Irradiante e do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

Logo na estréia da REES, Claudionor Ribeiro não economizou elogios ao Governo Bley. Não sugeriu nenhuma crítica à administração de Punaro Bley, ao invés disso, segundo suas afirmações, essa era a administração que estava resolvendo os problemas pedagógicos no Espírito Santo. Afirmou que Bley estava conduzindo a administração do estado ao “porto de salvação” e à “properidade” com a colaboração de Fernando Duarte Rabelo. Ou seja, Bley aparece como agente da ação reformadora.

A próxima edição da REES chama a atenção dos professores para a revista. A circular n. 3 do SCEC apresenta-se como artigo de abertura, onde relaciona o aperfeiçoamento dos professores à leitura da Revista de Educação. Segundo Ribeiro (1934d), o professor que não fosse estudioso estaria destinado ao fracasso. Nas suas palavras, já havia passado os tempos em que se consultavam livros “velhos” para se fazer ciência: “[...] Quem quer fazer ciência nova há de consultar as revistas bem orientadas, que, melhor do que os livros, condensam em suas paginas, por especialistas em varios assuntos, as ultimas conquistas no campo das ciencias [...]” (Ribeiro, 1934d, p. 1). De acordo com Ribeiro, o motivo da organização do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural foi levar ao professor os conhecimentos pedagógicos modernos que estavam em conformidade com o movimento reformista daquele momento. A circular é uma chamada para que os professores se interessem pela revista.

A ilustração da capa dessa edição é um mapa do Espírito Santo que indica a cidade de Vitória e várias sedes de municípios. Traz uma insígnia do estado e os números de escolas (803), de matrículas (44.783) e de freqüência (30.140). Esses números referem-se à soma dessas categorias em todos os municípios capixabas.

A capa procura despertar o leitor para o crescimento de escolas, matrículas e freqüência no Espírito Santo, e Ribeiro incentiva a leitura da Revista de Educação para que os professores possam acompanhar o crescimento do movimento escolar, aperfeiçoando seus conhecimentos pedagógicos. Esse aperfeiçoamento aconteceria por meio SCEC, criado pelo governo para esse fim. Uma das características da

REES são as prescrições didáticas, difusão de modelos de planos de aulas. O aperfeiçoamento dos professores, para os editores da revista, deveria estar de acordo com suas prescrições.

A terceira edição da REES discute no artigo de abertura a importância do rádio e cinema escolar. Ribeiro (1934f) inicia o texto com a defesa de que o progresso brasileiro depende da educação, pensamento comum de sua época. Segundo ele, as escolas não preparavam os alunos para a vida prática e não havia uma harmonia entre pais e mestres: os lares destruíam o processo educacional. Para resolver esse problema, o rádio e o cinema escolar seriam armas eficientes na difusão da cultura popular e no apoio à escola.

Para o autor, as escolas deviam centrar-se mais na iniciação artística e profissional e menos na alfabetização. Deviam renovar seus métodos e processos de ensino. Mais uma vez, Ribeiro (1934f) insiste na renovação:

Precisamos combater o espírito de rotina que tem atravancado a marcha grandiosa da nossa civilização. Para isto, faz-se mister uma renovação completa nos nossos métodos e processos educacionais, ainda em desacôrdo com o espírito renovador do momento (Ribeiro, 1934f, p. 1).

O rádio e o cinema auxiliariam a cumprir esse papel. Utilizou a definição encontrada na resolução n. 326 de 21 de março de 1934, que regulamentou o Serviço pelo Rádio e Cinema Escolar (SERCE), para justificar a importância desse serviço: cooperar com a integração brasileira e estimular o sentimento de civismo e união nacional.

A REES n. 3 encontrada para a pesquisa estava com sua capa rasgada. Mas antes do artigo de abertura, na primeira página ao abrir a revista encontra-se uma foto de João Punaro Bley, na página inteira, com a seguinte legenda: “Capitão João Punaro Bley, Interventor Federal neste Estado, cuja órbita administrativa tem sido, na sua quasi totalidade, consagrada a nobilitante causa da Educação” (Revista de Educação, 1934b, s.p.). Tal dispositivo parece constituir Bley como o único agente da reforma da educação no Espírito Santo. Outros agentes do governo aparecem em segundo plano. Na página seguinte ao artigo de abertura, dividem o espaço as fotos de Wolmar Carneiro da Cunha e Carlos Marciano de Medeiros. O primeiro estava no posto de Secretário do Interior e Justiça “[...] extremado batalhador das causas vitais da educação [...]” e o segundo dirigia “[...] incansável e zeloso [...]” a Inspeção de Educação Física e a Associação Espírito Santense de Escoteiros

(Revista de Educação, 1934b, p. 3). Ambos militares. Mesmo que Bley apareça como personagem principal do movimento de renovação pedagógica no estado capixaba, a revista procura mostrar o interesse da equipe de governo nessa causa.

Os editores da REES insistem para que os professores leiam a revista. Na edição n. 6, o Capitão Wolmar Carneiro da Cunha escreve que por determinação superior solicita colaboração dos professores capixabas para a Revista de Educação, a qual estava sendo enviada a pedidos para São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul e, no entanto, estava sendo tratada com indiferença no Espírito Santo. Em seguida há um artigo de Ribeiro intitulado *O Problema da Educação*, no qual o autor disserta sobre a importância da educação para a sociedade, argumentando que o descaso pelo ensino no passado resultou na confusão que se passava. Os professores precisavam de competência:

São os mestres os jardineiros das mimosas plantinhas humanas, os constructores da nacionalidades.

Quanto mais habilidosos e competentes forem, mais robustas e formosas serão as plantinhas dos seus jardins, mais respeitadas e prósperas as nações.

A confusão na hora que passa, é oriunda, exclusivamente da má orientação pedagógica de outros tempos (Ribeiro, 1934g, p. 3).

A capa da REES n. 6, segundo os editores da REES, simbolizava a ciência. A quarta capa trazia um anúncio da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho (**figura 27**). Ao mesmo tempo em que a revista construía uma imagem de um governo enérgico na área da educação, incitava ao professorado a buscar alicerce científico-pedagógico para suas ações no ensino. Está claro que esse alicerce estaria no que os editores da REES entendiam da pedagogia da Escola Nova.

No texto *A educação e o Porvir do Espírito Santo* (REES n. 7-8), Claudionor Ribeiro escreveu com certa empolgação sobre a renovação escolar que estaria acontecendo no Espírito Santo. Procurou deixar em evidência que o governo e o professorado estavam empenhados nisso:

Ora, é o Governo do Estado imprimindo orientação mais orthodoxa ao nosso ensino, consubstanciadas nas criações eficazes do Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitária Escolar, do escotismo e do bandeirantismo, na vulgarização empolgante da physiocultura escolar, na eficiencia do Serviço de Educação Pelo Radio e Cinema Escolares, etc. Ora, é o professorado que se agita em prol do melhoramento da classe, fundando instituições de elevado cunho cultural e pedagógico (Ribeiro, 1934h, p. 1).

Nas palavras de Ribeiro percebe-se que ele entendia que movimento da Escola Nova era um movimento de transição para a renovação do sistema de ensino:

É a escola renovada, com seus processos de eficiência pedagógica, que vae infiltrando, paulatinamente, no regime de transição educativa pelo qual atravessa nosso systema de Ensino (Ribeiro, 1934h, p. 1).

A renovação estaria trazendo processos mais eficientes do que até então se fazia. Segundo ele, havia duas características desse movimento no estado capixaba: uma de fundo biológico e social, pela qual o governo era responsável, e outra de cunho “exclusivamente sociológico”, oriunda dos professores. Ribeiro não explica o que seria essa característica biológica da renovação escolar. Com relação à característica social, esclarece: “[...] As considerações acima foram-nos inspiradas pelas três sociedades de Educação, fundadas nesse Estado, com objetivos sublimes [...]” (Ribeiro, 1934h, p.2). Refere-se à Associação de Professores, ao Centro de Cultura e Ensino de Cachoeiro de Itapemirim e ao Centro de Extensão e Cultura Educacionais de Castello.

A capa dessa edição repete a *capa 2*, que traz um mapa do Espírito Santo com a quantidade de escolas, matrículas e freqüência. A revista foi ilustrada com diversas fotos de atividades dos Grupos Escolares. Nesse momento, também indica mais atores no movimento de renovação pedagógica: os professores. A quarta capa ilustra um anúncio da *Casas Pernambucanas*, que se utiliza das premissas do desejo de progresso brasileiro:

Comprar nas “Casas Pernambucanas” é quasi uma obrigação de todo brasileiro que almeja o desenvolvimento e a pujança da Indústria Nacional [...] É denotação de requintado gosto defender seu próprio dinheiro ter sempre vestuário novo economizar Augmentar o progresso do Brasil (Revista de Educação, 1934b, s. p.).

O discurso do progresso foi usado para justificar até onde o cidadão deveria consumir seus produtos. Os editores estavam procurando mostrar que o progresso chegaria com o movimento de renovação pedagógica liderado pelo Governo Bley e assumido pelos professores. Os empresários da Casas Pernambucanas aproveitaram os ideais que circulavam naquele momento a fim de incentivar consumidores para seus produtos.

No texto *Educação Progressiva* (REES n. 9), Ribeiro demonstrou a crença na eugenia da raça. Para ele a sociedade precisava de indivíduos cada vez mais fortes, tendo em vista que a maioria, mais fraca, sucumbia. Conforme o autor, a Primeira Guerra Mundial, embora destrutiva, era uma conseqüência natural da vida em renovação: “[...] Voltando a atenção para o passado parece-nos haver perecido uma antiga humanidade, tendo surgido outra nova, nimamente exigente e empreheadora. E tudo evoluiu, violentamente” [...] (Ribeiro, 1934i, p. 1).

Essa renovação da sociedade exigia “[...] indivíduos sadios, braços possantes e energias mentaes creadoras, que possam suprir, efficazmente, a necessidades do momento [...]” (Ribeiro, 1934i, p. 1). Precisava-se de eficiência. Ao analisar os artigos desse autor, isso fica explícito. E a educação renovada em seus métodos e processos de ensino produziria o efeito solucionador e tão desejado para os problemas da sociedade. Porque ela desenvolveria a potência máxima das capacidades físicas, intelectuais e morais do ser humano.

A educação deveria estar em sintonia com o que era funcional: [...] Extingamos as escolas meramente livrescas, que matyrizam a memória das creanças ‘com cousas inuteis e estupidas, não relacionadas com a vida e com a própria realidade’ [...] (Ribeiro, 1934i, p. 2). Precisava-se de ação: [...] Nos dias rumorosos que passam, de incessante progredir, precisamos de acção, muita acção, e menos palavras almiscaradas [...] (Ribeiro, 1934i, p. 2). A escola primária deveria refletir a sociedade, como uma miniatura desta: “[...] A escola deve, por conseqüência, ser uma pequena comunidade, cuja existencia seja processada de perfeito acordo com a vida das outras instituições collectivas que a cercam [...]” (Ribeiro, 1934i, p. 2). Quanto ao ensino secundário e superior, Ribeiro (1934) evidencia a divisão entre uma elite intelectual e a massa popular:

[...] o curso secundário e o superior não devem continuar a ser uma fonte de doutores e bachareis que só vêm augmentar o proletariado intellectual; mas constituir um centro de altos estudos onde os que se a elles se votam adquiram a capacidade necessária para ampliar os conhecimentos que reclamam o estudo da natureza do paiz e lhe indiquem, com segurança, o caminho que devem percorrer para engrandecer-se e progredir [...] para a grande massa popular [...] a necessidade indeclinável e urgente é a de ter estabelecimentos onde lhe ministre o ensino profissional, agrícola e técnico [...] (Bernadino de Campos apud Ribeiro, 1934i, p. 2).

A seção CEC veicula o texto *O Avanço Pedagógico no Espírito Santo*, que se assemelha ao primeiro artigo de abertura da REES, pelo qual Ribeiro anuncia de maneira positiva as iniciativas políticas do governo para a educação espírito-

santense. Ribeiro (1934j, p. 35) começa com a afirmativa de que o Governo Interventorial não poupava esforços e medidas “louváveis” para “garantir o futuro tranqüillo fecundo deste Estado prospero e feliz [...]”. Após uma introdução com apologia às medidas tomadas para a educação, é transcrito um discurso que Bley havia pronunciado em Cachoeiro de Itapemirim, pelo qual descreve tais medidas. Ribeiro (1934j, p. 40), então, conclui com firmeza: “Negar, por conseguinte, a obra de elevado patriotismo que o actual Governo deste Estado vem realizando no Departamento de Ensino Público é o mesmo que negar a grandeza dos astros”.

Mais uma vez, os dispositivos textuais utilizados por Claudionor Ribeiro procuram evidenciar que o Governo Bley seguia a trilha do progresso com suas ações. Percebe-se que o redator da REES estava sempre tentando demonstrar que a necessidade de renovação da educação (que aludiu no artigo de abertura) estava sendo suprida pelas iniciativas políticas de João Punaro Bley.

A REES n. 10-11 veiculou, em seu artigo de abertura, uma biografia de Alberto de Almeida (1903-1931), como homenagem póstuma ao professor normalista capixaba propagador da educação escoteira. O Governo Bley e os editores da REES mostravam muito interesse pela difusão do escotismo no Espírito Santo. O nome Alberto de Almeida foi dado a um educandário capixaba. Observa-se, assim, que os artigos de abertura da revista também acompanhavam cada passo seguido na gestão espírito-santense. Cada ação não deveria passar despercebida.

O texto *Os clubes agrícolas escolares* (REES n. 12) referiu-se à Federação dos Clubes Agrícolas Escolares da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Ribeiro (1935b, p. 1, grifo do autor) não deixou de expressar sua crítica ao ensino “[...] demasiadamente theorico e urbanista, completamente divorciado das nossas necessidades e realidades mais prementes [...]”, que fazia com que a criança crescesse “[...] sem amor às cousas da natureza, estranha ao seu *habitat*, sendo mais parazita do que produtor [...]”. Conforme o autor, os clubes agrícolas escolares possuíam grande valor na formação física e moral dos jovens, transformando-os úteis à comunidade e tornavam a vida nas zonas rurais mais atrativas. Para Ribeiro (1935b), essa era uma iniciativa patriótica importante para a “grandeza da Nação Brasileira”.

O texto *Etapa Gloriosa* (REES n. 13) exalta a própria REES como vencedora de uma primeira etapa: um ano de publicação Segundo Ribeiro (1935c) pedagogistas avançados e órgãos dos mais autorizados da Imprensa Nacional

auxiliaram na solidificação do projeto da revista que divulgou doutrinas edificantes, orientou e estimulou com eficiência, exaltou atitudes enobrecedoras e transpôs “descabidos indiferentismos”. Devia referir-se à indiferença protestada pelo Cap. Wolmar Carneiro da Cunha no n. 6 da REES. O texto, além de explicitar os objetivos do projeto - doutrinar, orientar e estimular – procurou demonstrar-se interessado no que é edificante, eficiente e enobrecedor.

Essas três últimas edições da revista exibiram a mesma capa, que se apresentaram mais coloridas. A ilustração era o Convento da Penha, um dos símbolos do Espírito Santo, além de ícone da religião católica. Dessa forma, a capa da REES produz uma identificação regional. Além de mais atributos visuais, a capa da REES foi desenhada por um profissional: Oséias Duarte Leão. Novos preços também foram estabelecidos para a REES. O projeto ganhava novo fôlego. A quarta capa anunciou a próxima edição do periódico, edição especial em comemoração ao 4º centenário da colonização do Espírito Santo. Prometia discutir o avanço pedagógico no estado.

O artigo de abertura, denominado *4º Centenário da Colonização do Estado do Espírito Santo* (REES n. 14), contou uma breve história da capitania doada a Vasco Fernandes Coutinho, homenageando-o como pioneiro na colonização do Espírito Santo. Após o artigo, uma foto de página inteira de João Punaro Bley. Virando-se a página da foto, um artigo do próprio Bley descrevendo decretos e leis instituídos com objetivo de “[...] tornar mais eficiente o aparelho educativo do estado [...]” (Bley, 1935, p. 6). Nesse artigo encontra-se também a súmula da estatística escolar de 1934. Na verdade, o artigo é aquele mesmo discurso que Bley pronunciou em Cachoeiro de Itapemirim, publicado na seção CEC da REES n. 9. No entanto, a imagem de Bley vai se constituindo como o reformador da educação espírito-santense.

O texto *Radio Club do Espírito Santo* (n. 15-16) enaltece a importância do rádio utilizado para fins educativos e comemora a inauguração do Radio Club do Espírito Santo. Nota-se nas palavras de Ribeiro (1935e, p. 1) sua crença na evolução da sociedade por meio da educação: “Os povos bem organizados são aqueles, cujo problema educacional lhes merecem os melhores desvelos. Por isso caminham a passos acelerados, para a perfeição”.

A partir dessa edição inicia-se o período *turbulência*. Nessa fase, os temas Educação Rural, Política Educacional e Variedades têm um aumento de veiculação

na REES. A *capa 15-16*, com baixa qualidade gráfica, ilustrou uma menina numa sala de aula e um mapa do Espírito Santo ao fundo (a *capa 9* também havia apresentado o desenho de uma menina).

A revista n. 17-18-19 foi especial: serviu de anais do *1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico da 3ª Região Escolar*, que aconteceu na cidade de Alegre (ES). A *capa 17-18-19*, que também retratou uma menina, destacava a frase: *só pela educação se pode avaliar a pujança de um povo*. Essa capa se repetiu até a REES n. 30-31. Os artigos veiculados nessa edição foram discursos e trabalhos apresentados no congresso.

Ribeiro (1935f) fez uma introdução na revista sobre a importância dos congressos. Em *Congressos de Educação* coloca em oposição educação tradicional e educação renovada. De acordo com Ribeiro (1935f), a crise “avassaladora” no mundo era atribuída à deficiente orientação pedagógica e à escola desambientada e improdutiva, o que tornava indispensável capacitar homens para produzir conforme as necessidades “imperiosas” do momento. Mas, de acordo com o autor, os novos métodos e processos de ensino e as organizações complementares à escola surgiram para atender esses devidos fins:

A criança passou a ser o centro de gravitação de todo o systema educacional, ao contrário dos velhos tempos em que a disciplina ferrea e proibitiva, a educação meramente intellectualista e o espírito tradicionalista do povo eram os únicos pontos de apoio do mestre-escola. Procurou se adaptar os programmas de ensino às manifestações bio-physicas das crianças. Médicos e higienistas entraram na escola, apontando erros de legislação pedagógica nefastos ao desenvolvimento physiologico normal do indivíduo e de inexoravel acção no abastardamento de suas forças intellectuaes (Ribeiro, 1935f, p. 1-2).

Os congressos de educação serviriam para “[...] melhorar o ambiente familiar e a capacidade técnica do professor [...]” (Ribeiro, 1935f, p. 2). De acordo com o autor, os congressos estavam acontecendo por todo o país contribuindo para a obra de formação profissional do professor. E ainda, afirma que o apoio “forte e estimulador” de João Punaro Bley e a iniciativa de João Ribas da Costa, inspetor técnico de ensino, e de José Celso Cláudio, diretor do Grupo Escolar Professor Lellis, foram decisivas para a efetivação do 1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico. (Ribeiro, 1935f).

Ao artigo de abertura segue uma foto de página inteira de Getúlio Vargas como homenagem da REES. No verso dessa folha, duas fotos: uma de Punaro Bley

junto de sua comitiva e outra de João Bastos (diretor do Departamento de Ensino) ao lado de diretores e inspetores de ensino, ambos no congresso realizado em Alegre. Na próxima página, mais uma foto de Bley com a seguinte legenda: “[...] cuja administração operosa, à frente dos destinos do Estado, se tem caracterizado por grande e louváveis realizações no domínio da Educação pública” (Revista de Educação, 1935f, p. 5). No verso dessa página duas fotos, uma de professores, outra de alunos que participavam de uma aula prática. Segue uma foto de página inteira de Carlos Gomes de Sá, naquele momento, Secretário do Interior e Justiça. Essa seção de fotos termina com duas, no verso dessa última página, de alunas que fizeram uma demonstração de educação física. Um dispositivo que fazia com que o leitor associasse como sempre vinha se fazendo, a importância das ações governamentais na educação.

Ao longo da revista foram veiculadas diversas fotos: várias de professores no congresso, de demonstrações de aulas práticas, de acampamentos de escoteiros no congresso, da cidade de Alegre e de seu prefeito, uma foto de página inteira em homenagem a Wolmar Carneiro da Cunha, uma foto de João Bastos, diretor do Departamento de Ensino (**figuras 35 a 45**).

Foram veiculados diversos Planos de Aula e Resenhas de Aula Padrão, de autoria de vários professores, provavelmente apresentados no Congresso. Essa edição possuiu um caráter exclusivamente didático. Os professores poderiam utilizá-la como receituário para suas aulas, inspirar-se em novas idéias e conscientizar-se na necessidade de aperfeiçoamento de suas práticas de ensino.

Colônia de Férias (REES n. 22) descreve a importância das Colônias de Férias, na visão de Claudionor Ribeiro. Segundo o autor “[...] Governos clarividentes dão amparo as crianças deficientemente alimentadas, preservando-as das misérias orgânicas [...]” (Ribeiro, 1936a, p. 1). Era indispensável, para Ribeiro, além de ensinar a ler, escrever e contar, suprir as necessidades do organismo do pequeno estudante. As Colônias de Férias serviriam para isso. Conclui com elogio a iniciativa do Dr. Paulino Muller de ter instalado a 1ª Colônia de Férias no Espírito Santo, em Guarapari e lista o aumento de peso de algumas crianças durante o período em que estiveram na Colônia. De acordo com Ribeiro (1936a, p. 3):

Urge a multiplicação dessas colônias por todos os Estados do Brasil pela felicidade do próximo e integridade da Pátria, neste anno de realizações educacionaes, conforme expressão do eminente dr. Getúlio Vargas, em memorável peroração.

Com exceção do artigo de abertura da REES n. 29³⁷, os próximos dizem respeito ao tema Educação Rural. Percebeu-se na análise temática da REES que o tema Educação Rural teve um aumento de veiculação na revista no período *turbulência*, que se iniciou com a edição n. 15-16 e que continuou no período *decadência*.

3ª *Exposição de Imprensa Escolar* (n. 23-24) aborda a exposição que aconteceu em Vitória, organizada pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, patrocinada pelo Departamento de Educação: A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres tinha sua ação voltada para a educação na zona rural.

A edição n. 23-24 serviu de anais dessa exposição. Outra vez, a foto de Bley aparece após o artigo de abertura, agradecendo seu incentivo à exposição por meio do prêmio em dinheiro concedido ao melhor jornal infantil do Estado. Também retrata Paulino Muller, Secretário da Educação e Saúde Pública, Arnulpho Mattos, Diretor do Departamento de Ensino, Claudionor Ribeiro e Placidino Passos, chefe da Inspeção Técnica. O impresso veicula vários textos sobre educação rural e até planos de aula para escolas rurais. A seção *Sociedade dos Amigos de Alberto Torres*, que já havia sido introduzida na edição anterior a essa, manteve-se até a REES n. 30-31.

O artigo que abre a leitura da REES n. 25-26-27-28, *Congresso Rural*, aborda o ensino rural e a iniciativa de Sud Menucci e Francisca Rodrigues de organizar um congresso rural. Defende o ensino rural como capaz de preservar as peculiaridades do homem do campo.

Aspectos Mexicanos: a casa do povo (n. 30-31) diz respeito ao trabalho sobre *A Casa do Povo* (nome das escolas rurais no México), realizado por Katherine M. Cook. Descreve como funciona e sugere um exemplo para o Brasil. As escolas são auto-suficientes. Podem ser instaladas em casas de fazendas, conventos ou igrejas abandonadas. O Governo Federal instala a escola e fornece apenas o professor. Eram fiscalizadas pelas Escolas Normais.

A análise dos artigos de abertura da REES demonstrou como os dispositivos textuais e visuais veiculados na revista incessantemente associavam o movimento de renovação educacional à figura de João Punaro Bley, principalmente na fase

³⁷ O texto sobre as *Bibliothecas Circulantes* (REES n. 29) não estava disponível para a pesquisa, pois está entre as páginas que foram rasgadas.

crescimento. Essa fase antecedeu as eleições de 1935, o que pode representar a utilização da revista numa campanha política. Nas próximas fases, por meio de dispositivos visuais, a equipe de governo ganha algum espaço, mas sempre depois de Bley. Esses dados fazem pensar na hipótese que a prioridade dada à REES seria utilizá-la como um meio de propaganda política, uma campanha para as eleições de 1935. Após as eleições, a revista continuaria a legitimar a política educacional do governo, pois continuaria sendo um veículo importante de inculcação das novas propostas para a educação.

4.7 Artigos de Fundo

A maioria dos artigos publicados na Revista de Educação foi de autoria espírito-santense: professores, diretores de escolas, inspetores de ensino e funcionários públicos estaduais (muitos desses da área de saúde e alguns da área de direito). Autores de outros estados ou até de outros países estavam ligados ao campo da educação. Havia ainda capítulos de livros e artigos enviados à revista pelos redatores correspondentes.

Foram 109 autores diferentes que escreveram os artigos de fundo dos exemplares da REES disponíveis, contando com Claudionor Ribeiro, que sempre escrevia o primeiro artigo de cada revista (artigos de abertura). Como no sumário, a profissão do autor constava junto ao seu nome no artigo. Desse total de autores, 22 (20%) publicaram mais de uma vez na Revista de Educação. São eles: Claudionor Ribeiro, José Queiroz, Placidino Passos, Domingos Ubaldo, Eliseu Lofego, Alvara Feu Rosa, Arnulpho Mattos, Enoe Bruzzi Vieira, Luiz Derenzi, Newton Braga, Oswaldo Marchiori, Alberto Pimentel Filho, Alberto Sampaio, Arthur Meireles, Christiano Fraga, Durval Araújo, João Bastos, José Albuquerque, Maria Leonidia Pereira, Mario Bossois Ribeiro, Ormando de Moraes, Waldemar Mendes.

Alguns desses autores mudaram de cargo ao longo do período de publicação da REES. José Queiroz foi diretor da Escola Normal Muniz Freire, de Cachoeiro de Itapemirim (1934) e assistente técnico de ensino em comissão (1935); Placidino Passos a princípio foi identificado como chefe da inspetoria técnica (1934), depois

como assistente técnico de ensino (1935-1935-1936) e chefe da inspetoria do ensino primário (1936); Domingos Ubaldo foi inspetor técnico de ensino em comissão (1934) e diretor do Grupo Escolar Alberto de Almeida, de Vitória (1935); Arnulpho Matos foi identificado, em 1936, como ex-diretor do Departamento de Ensino e Secretário da Educação e Saúde pública; João Bastos, em 1936, foi deputado estadual.

Alguns dos redatores publicaram textos dentre os artigos de fundo: Placidino Passos, Ulisses Ramalhete Maia, Domingos Ubaldo Lopes Ribeiro, Alfredo Lemos Ananias do Santos Neto; José Elias de Queiroz; João Bastos.

Nome	Profissão	Artigos
Claudionor Ribeiro	Inspetor técnico do ensino e chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural	15
José Queiroz	Diretor da Escola Normal Oficial de C. de Itapemirim	9
Placidino Passos	Chefe da Inspetoria Técnica	7
Domingos Ubaldo	Inspetor técnico do ensino em comissão	6
Eliseu Lofego	Lente de Idioma Nacional da Escola Normal Oficial de Cachoeiro de Itapemirim	5
Alvara Feu Rosa	Do curso de adaptação anexo à Escola Normal "Pedro II"	3
Arnulpho Mattos	Presidente do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo, diretor e catedrático aposentado da Escola Normal "Pedro II", membro da Comissão Especial do Estado, presidente da Liga Esp. Sant. Contra a Tuberculose e Advogado.	3
Enoe Bruzzi Vieira	Do Grupo Escolar "Marcondes de Souza" de Muqui.	3
Luiz Derenzi	Lente da Escola Normal de "Muniz Freire", de Cachoeiro de Itapemirim.	3
Newton Braga	Lente da 1ª cadeira de Idioma Nacional da Escola Normal de "Muniz Freire" de Cachoeiro de Itapemirim.	3
Oswaldo Marchiori	Diretor do Grupo Escolar "Bernardino" de Cachoeiro de Itapemirim.	3
Alberto Pimentel Filho	Professor catedrático de psicologia e pedagogia da escola do magistério primário de Lisboa	2
Alberto Sampaio	Da Secção de Botanica do Museu Nacional	2
Arthur Meireles	Inspetor médico escolar	2
Christiano Fraga	Diretor do Departamento de Saúde Pública	2
Durval Araújo	Chefe da seção de estatística	2
João Bastos	Diretor do Departamento de Ensino Público	2
José Albuquerque	Serviço Especial do Círculo Brasileiro de Educação Sexual	2
Maria Leonidia Pereira	Do curso de adaptação anexo à Escola Normal "Pedro II"	2
Mario Bossois Ribeiro	Chefe do Serviço de Inspeção Medica e Educação Sanitaria Escolar	2
Ormando de Moraes	Professor normalista	2
Waldemar Mendes	Lente da Escola Normal "Moniz Freire" de C. de Itapemirim.	2

QUADRO 11: AUTORES QUE PUBLICARAM MAIS DE UMA VEZ NA REES

Os autores que tiveram algum texto publicado nos “artigos principais” de outros estados do Brasil e de outro país foram: ³⁸

1. Luiz de Oliveira – da Academia Mineira de Letras;
2. Moreira de Souza – Diretor Geral da Instrução Pública do Ceará;
3. Dr. José de Albuquerque – Presidente do Círculo Brasileiro de Educação Sexual;
4. Alberto Sampaio – da Seção de Botânica do Museu Nacional;
5. Flaviana G. Motta – professora do Grupo Escolar “D. Pedro II” de Curitiba;
6. Stella Ferreira Mansur – do Grupo Escolar “D. Pedro II” de Curitiba;
7. Mario A. Freire – membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo e subdiretor de Estatística da Prefeitura Municipal do Distrito Federal;
8. Jurandir Baggio Mockel – do Grupo Escolar D. Pedro II, em Curitiba;
9. Francisca Rodrigues – deputada estadual de São Paulo;
10. Rosa Kolodi – professora do Grupo Escolar Pedro II, em Curitiba – Paraná;
11. Abel Fagundes – professor assistente técnico de ensino em Minas Gerais;
12. Celina Amelia de Resende – do Grupo João Santos de São João d’El Rei, Minas Gerais;
13. M. A. Teixeira de Freitas – diretor de estatística do Ministério da Educação;
14. Sylvio Azevedo – professor do Ginásio do Estado de Tatuí, São Paulo;
15. Noemia Saraiva de Matos Cruz – diretora do Grupo Escolar Butantã, no Estado de São Paulo;
16. Alceu Martins & Mario Autuori – do Instituto Biológico da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo;
17. O. Rodrigues de Freitas – da A. P. I;
18. Alberto Pimentel Filho - Professor catedrático de psicologia e pedagogia da escola do magistério primário de Lisboa;

³⁸ Esses autores estão em ordem de acordo com a ordem de publicação na REES (do nº. 1 ao 31), mas primeiro os autores brasileiros e depois os autores estrangeiros; suas profissões estão conforme a identificação feita pela revista.

19. P. Rossello - Directeur-adjoint (do “Bureau International d’Education” da Suíça)
20. Lorenzo Luzuriaga – Diretor da “Revista Pedagogia” de Madri
21. C. Jinarajadasa – *Magister in Atribus* pela Universidade de Cambridge antigo vice-presidente da *Sociedade Theosophica* 1927-1928
22. Rafael Ramirez – antigo chefe do Departamento de Educação Rural do Ministério da Agricultura do México;
23. Baden Powell – fundador do Escotismo.

Dos autores brasileiros, pode-se verificar que são de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Ceará e Distrito Federal; os autores estrangeiros são de Portugal, França, Espanha, Estados Unidos e México. Todos possuem vínculo com o campo da educação. Esses autores representam 21% do total de autores dos “artigos principais” da REES. Ou seja, 79% da autoria era regional, residia no Espírito Santo. Isso quer dizer que a REES produzia seus sentidos e suas significações centrados no pensamento espírito-santense a respeito de educação.

4.1.8 Apropriações das teorias da educação

A Revista de Educação se justifica nesses termos: “[...] Para os professores em exercício: curso de aperfeiçoamento, curso de férias, bibliotheca, revistas e jornaes pedagógicos – e a Revista de Educação é um magnífico começo [...]” (Marchiori, 1935, p. 13).

Em um artigo cuja autoria foi identificada do *Boletim de Estatística da Secretaria da Fazenda*, intitulado *A moderna legislação sobre o ensino no Estado do Espírito Santo*, publicado na REES, pode-se ler que o ensino no estado tinha por base:

[...] os preceitos da nova pedagogia. A educação é ministrada para adaptar a creatura á realidade social, sendo a escola uma comunidade. Os programmas estão sendo executados em torno de um centro de observação ou ponto de interesse, pelos processos objectivos e praticos, evitando, por completo, a memorização dos factos, mas conduzindo a creança a aprender por si mesma (Art. 75 § 1º e art. 78 do decreto 10.171 de 1930). As aulas são dadas de modo a estimular as actividades espontaneas e livres da creança, a conduzil-a a iniciativas e experiencias, a despertar o insticto de cooperação entre alunos e entre estes e o professor (Boletim de Informações e Estatísticas da Fazenda, 1934b, p. 39).

Por esse recorte da *Revista de Educação*, que se refere à legislação do ensino capixaba, verifica-se uma apropriação que foi feita das teorias científico-educacionais correntes na época e que foram remetidas como normas pedagógicas para as escolas.

As apropriações da filosofia da Escola Nova veiculadas na REES indicavam que uma maior preocupação com a formação do ser humano deveria orientar os trabalhos pedagógicos, guiando-se pela ciência; a adaptação da sociedade diante das novas exigências do mercado de trabalho exigia que a educação fosse eficiente tanto no desenvolvimento intelectual e moral quanto na formação do “animal de primeira classe”,³⁹ ou seja, no desenvolvimento físico.

Conforme as prescrições na REES, a educação deveria se delinear pelos interesses infantis de forma que a aprendizagem fosse prazerosa à criança: “[...] A escola deverá, portanto, adaptar-se á criança e não esta á escola [...]” (Vieira, 1935a, p. 18). A criança possuiria liberdade para expressar seus interesses, espontaneamente, de maneira ativa. Lourenço Filho (apud Passos, 1935, p. 25) escreveu: “[...] o interesse cria a actividade [...]”. Jinarajadasa (1936, p. 5) remetendo a um princípio de Pestalozzi, pelo qual a teoria funcionaria aliada a prática, explicou: “[...] Tal princípio é que veio a originar a ideia dos Jardins da Infância com todas as suas actividades que baniram da mente infantil a noção de 'escola' como um local de tédio e castigo [...]”. Mallart, citado por Vitorino (1934, p. 30) descreveu o ideal de escola: “As salas da escola activa são lugares de trabalho pessoal e hão de ter character de ‘atelier’, de laboratorio, de bibliotheca, de museu, de onde os alumnos trabalhem, investiguem, leiam, collecionem”.

A recomendação era que o professor procurasse, constantemente, conhecimento, experiências, estando sempre a aprender, a investigar. O professor deveria ser o auxiliador e orientador do aprendizado, observando, compreendendo e encaminhando a criança de acordo com suas aptidões. “Todo professor é, antes de tudo, um psychologo, e como tal, cabe a este, descobrir a aptidão de cada e orientalo na disciplina em que se saliente” (Vitorino, 1934, p. 30). Para Passos (1935), o professor deveria ser um conhecedor de leis psicológicas e biológicas, sendo sábio

³⁹ Esse termo refere-se a uma frase de Spencer muito usada pelos autores dos artigos da *Revista de Educação*: “A primeira condição de êxito na vida e ser um animal de primeira classe” [...] (apud Fraga, 1934, p.44).

e afetuoso, orientador e guia, procurando sempre melhorar seus conhecimentos, observando e experimentando, opondo-se ao nervosismo, impaciência e opressão.

Jinarajadasa (1936), adepto ao “método intuitivo”, acreditava que os pensamentos do professor, bons ou maus, influenciavam no aprendizado da criança. O professor deveria conhecer o “Manual de Psychologia Infantil” e o “Manual de Psychologia do Professor”. E antes do início de sua carreira, quando estudante em uma Escola Normal, uma comissão de mães deveria examinar seu caráter para decidir se algum defeito, que poderia possuir, o impediria de se formar professor.

Nas palavras de Placidino Passos (chefe da Inspetoria Técnica) confere-se a defesa dos planos de aula (que é seguida de modelos de lições expostos pelo autor no mesmo artigo):

Disse e reafirmo: Nem:-um [sic] professor acompanhando, como deve, o sadio movimento de renovação educacional, ignorará que a pedagogia nos seus salutareos preceitos recomendado caderno de preparo de lições que nada mais é senão um plano pedagógico anteriormente organizado como orientação do trabalho educativo e o que não deixaram aconselhar os velhos compendios didaticos, cujas paginas respigam ensinamentos ainda inteiramente adaptaveis aos dias desta fase de transição e reforma, pois nem tudo dele foi completamente banido [...] (Passos, 1934, p. 28).

As prescrições a respeito da disciplina preconizavam que ela não deveria ser repressiva. A liberdade da criança e a sua necessidade de movimento deveriam ser respeitadas, utilizando-se um método atraente e ativo, contanto que não se confundisse com recreio (Vieira, 1935b). O professor, sendo afetuoso e compreensivo, ganharia respeito e confiança da criança. “[...] a base do proveito do ensino é a ordem ligada ao respeito mutuo entre discipulo e o professor, o amor ao estudo, e a bôa vontade de aprender e de ensinar” (Vieira, 1935b, p. 110). Passos (1935, p. 25) descreveu:

[...] A disciplina aqui é dynamicica, ao envez de estatica. As crianças se agitam, trabalham em grupos, sentam-se e levantam-se quando necessário, procuram o mestre ou se isolam, quando occupados em trabalhos individuaes [...] a classe attende ao mestre naturalmente, com deferencia e prazer.

A escola, segundo os preceitos difundidos pela REES, deveria funcionar como uma projeção da sociedade, uma representação desta, sendo o local onde as crianças se preparariam para a sociedade real. Passos (1935, p. 19) afirma o caráter da escola: “[...] o de comunidade ou de pequenina sociedade onde as criaturas

possam desenvolver as suas actividades naturais, ensaiando proveitosamente a vida que irão viver mais tarde no ambiente real [...]”. Além de projetar a sociedade, A educação era o meio de melhorá-la, levar a nação ao progresso e ao bem-estar geral e, ainda, suprir as necessidades do presente. O passado servia de aviso. A desorganização social devia-se ao descompromisso com a educação: “A confusão, na hora que passa, é oriunda, exclusivamente, da má orientação pedagógica de outros tempos”. (Ribeiro, 1934g, p. 3).

Essas passagens indicam que a Revista de Educação procurava prescrever o ensino integral – moral, intelectual e físico – com objetivo nos interesses infantis, de modo que os interesses criariam a atividade, que por sua vez, direcionariam a educação. A criança não seria passiva para que o professor apenas depositasse seus conhecimentos; seria ativa, movimentando, investigando, lendo, descobrindo, colecionando, de forma espontânea e prazerosa a ela: “Extingamos as escolas meramente livrescas, que martyrizam a memoria das creanças, ‘com cousas inuteis e estupidas, não relacionadas com a vida e com a propria realidade”” (Ribeiro, 1934i, p. 2).

A análise desses elementos da REES – capa, sumário, artigos, propagandas – revelou para que os professores deveriam ser moldados – desenvolvimento do Espírito Santo e da Nação Brasileira; como deveriam agir – fundamentados nas teorias prescritas pela revista, os métodos de ensino modernos que ela vulgarizava; por qual política deveriam seguir: a política de educação do governo. Para tanto, a REES, além de servir como um compêndio didático, inculcava pressupostos pedagógicos científicos apropriados de teorias da educação, A revista concentrou-se nos problemas locais, privilegiando textos de autores capixabas e difundindo uma identidade espírito-santense por meio de seus atributos gráficos. A Revista de Educação encarnava a política educacional de João Punaro Bley.

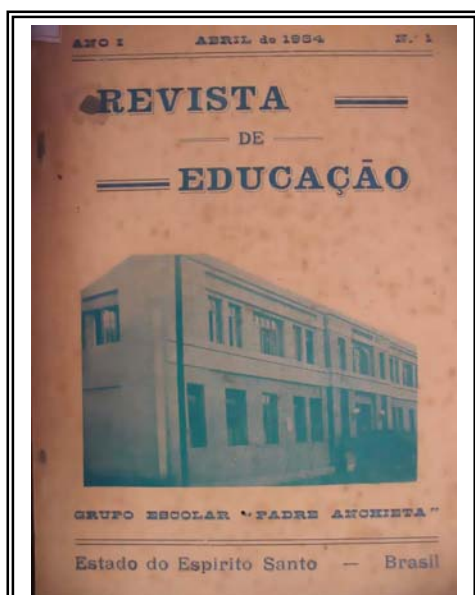


Figura 1 – capa 1
Revista de Educação n. 1, 1934

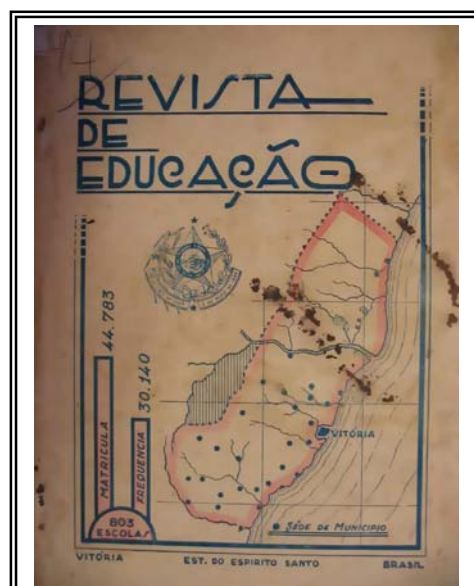


Figura 2 – capa 2
Revista de Educação n. 2, 1934

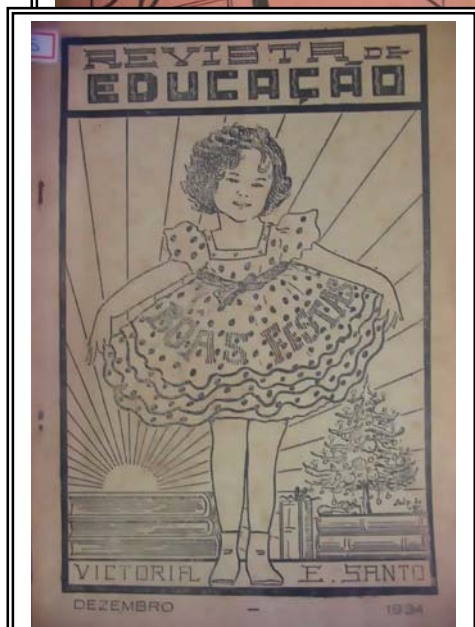


Figura 5 –capa 9
Revista de Educação n. 9, 1934

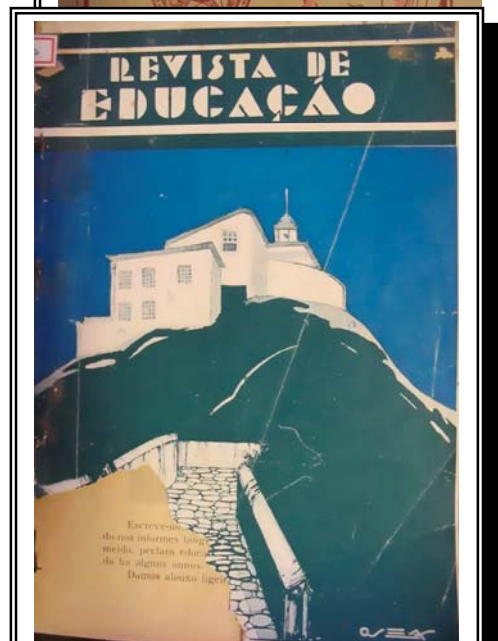


Figura 6 – capa 10-11
Revista de Educação n. 10-11,

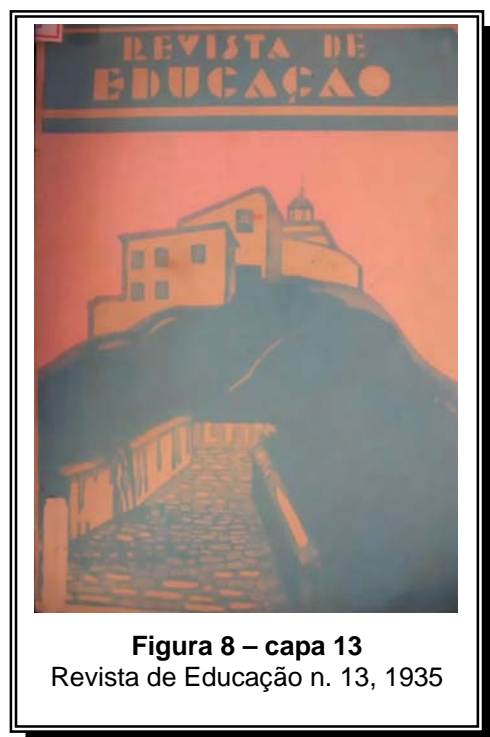




Figura 9 – capa 14
Revista de Educação n. 14, 1935

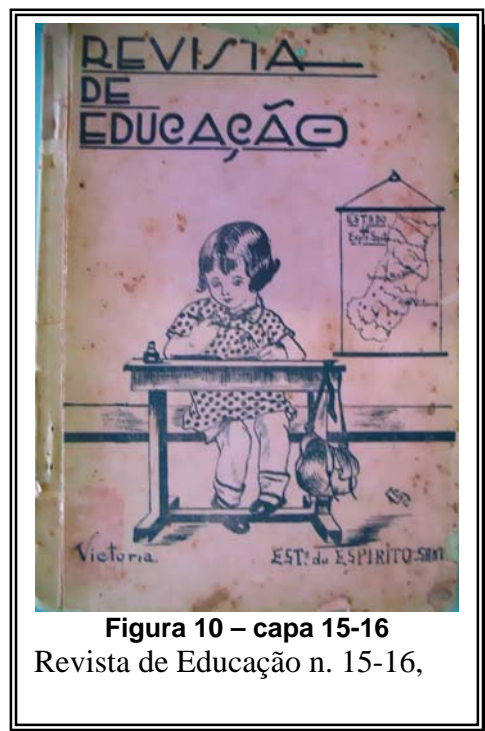


Figura 10 – capa 15-16
Revista de Educação n. 15-16,



Figura 11 – capa 17-18-19
Revista de Educação n. 17-18-

19 1935



Figura 12 – capa 22
Revista de Educação n. 22, 1936



Figura 13 – capa 23-24
Revista de Educação n. 23-24,
1936



Figura 14 – capa 25 a 28
Revista de Educação n. 25 a 28,
1936



Figura 15 – capa 29
Revista de Educação n. 29, 1937



Figura 16 – capa 30-31
Revista de Educação n. 31, 1937

SUMARIO:

BREVE RELATO DO PROBLEMA PEDAGOGICO NO E. SANTO:
Claudionor Ribeiro — Inspetor técnico do Ensino e chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

O PROBLEMA DA APRECIACAO DA INTELIGENCIA:
 Um Inquerito Fambo;
Alberto Pimentel Filho — Prof. catedrático de Psicologia e Pedagogia da Escola do Magisterio Primario de Lisboa.

COMO OS BONS PROFESSORES INSTEEM E EDUCAM:
Elpidio Pimentel — Catedrático do Ginasio do E. Santo.

COOPERATIVAS ESCOLARES:
Alfredo Lemos — Inspetor técnico do Ensino.

SEMIOFONIA MIMICA:
Domingos Ubaldo — Inspetor técnico do Ensino.

A PAZ PELA EDUCACAO:
Ciro Vieira da Cunha — Catedrático de Português da E. Normal "Pedro II".

INSTRUCCOES AO PROFESSORADO:
Placido Passos — Inspetor chefe do Corpo Técnico do Ensino.

SERVICO DE COOPERACAO E EXTENSÃO CULTURAL:
 Circulares, Cartas e Officios.

SECRETARIA DO INTERIORE — ACTOS OFFICIAIS:
 Resolução N. 326 — Regulamenta o Serviço de Educação Pelo Rádio e Cinema Escolares
 Decreto N. 4.316 — Equipara à Escola Normal "Pedro II" a Escola Normal mantida pelo município de Algre

DOS JORNALS E REVISTAS: •

Nova Vitoria do Escotismo. O Bandeirantismo no Estado do E. Santo. Grupo Escolar "Fogo Punaro Bieg". Cinema Educativo. Governo que Promete e Realiza. Atividades Radio-Ecolares no Uruguai. O Cooperativismo na Escola.

Figura 17 – Sumario 1
 Revista de Educação, n. 1, 1934

SUMMARIO

ADS PROFESSORES
Wladys Carrasco de Cerros — Secretario do Interior.

O PROBLEMA DA EDUCACAO
Claudionor Ribeiro — Inspetor técnico do Ensino e chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

O MAGISTERIO PRIMARIO
Flacido Passos — Assente técnico do Ensino.

MUSEUS ESCOLARES
José Queiroz — Director da Escola Normal Oficial de Cachoeira de Itapemirim.

PROGRAMMA DE ENSINO
Eduo Lette — Lente de Idioma Nacional da E. Normal Oficial de Cachoeira de Itapemirim.

RELATORIO GERAL DOS TRABALHOS DO VI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCACAO

EDUCACAO SEXUAL
José de Albuquerque — Presidente do Circulo Brasileiro de Educação Sexual.

A ASSISTENCIA DENTARIA A'S ESCOLAS
Francisco Gomes — Cirurgião Dentista em C. de Itapemirim.

PLANO DE AULA
Nina de Moraes Rattes — Professora da E. Normal Oficial de C. de Itapemirim.

PRINCIPAES CLASSIFICACOES DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO
 (Comunicação da Directoria Geral de Informaçõe, Estatística e Divisãoe do Ministerio de Educação e Saude Publica).

A SEGUNDA SEMANA RURALISTA
 (Comunicação da Directoria Geral de Informaçõe, Estatística e Divisãoe do Ministerio de Educação e Saude Publica).

COOPERACAO E EXTENSÃO CULTURAL
 A Moderna Legislaçoe e o Ensino no Estado do Espirito Santo — Educação Para-Artes — A. - - - - - da Nova Educação Phisica — Entre Dois Muns. - - - - - Campanha da Hygiene Dentaria Infantil — Novidades Educacionais — (Medeira e Albuquerque) — Educação Phisica e Educação Intellectual (Dr. Castello Branco).

BIBLIOGRAPHIA PEDAGOGICA

NOTAS E INFORMACOES

Figura 18 – Sumario 6
 Revista de Educação, n. 6, 1934

SUMMARIO

OS CLUBES Agricolas Escolares — *Claudionor Ribeiro*, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

AMOR à Primeira Vista — *Domingos Ubaldo*, director do Grupo Escolar "Alberto de Almeida", desta capital.

RUMOS Certos — *Flaviana G. da Motta*, professora do Grupo Escolar "D. Pedro II", de Curitiba.

PRINCIPIOS e Fins dos Clubes Agricolas Escolares — *A. J. de Sampaio*, de Secção de Botanica do Museu Nacional.

LIGEIRAS Apreciacões sobre a Educação Phisica da Mulher — *Adyr Miranda*, profesora de Educação Phisica.

COMO o Metodo Francês Satisfaz as Exigencias da Educação Phisica — *Orlandina Ribeiro*, professora de Educação Phisica.

MUSEUS Escolares — *José Queiroz*, director da Escola Normal "Muniz Freire" de Cachoeira de Itapemirim.

DISCURSO de Paranympia — *Waldemar Mendes*, lente da Escola Normal "Muniz Freire", de Cachoeira de Itapemirim.

CLUBES Agricolas Escolares

COOPERACAO e Extensão Cultural: O Ensino Publico no Espirito Santo, por *Paulo Eluabero* — O Jornal Escolar, por *Oscar Arthur Guimarães* — O Cinema Escolar, por *L. R. A.* — Problemas de Psychologia, por *Pierre Janet*.

BIBLIOGRAPHIA Pedagogica.

NOTAS e Informaçõe.

Figura 19 – Sumario 12
 Revista de Educação, n. 12, 1935

SUMMARIO

ETAPA Gloriosa — *Claudionor Ribeiro*, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

MUSEUS Escolares — *José Queiroz*, director da Escola Normal "Muniz Freire".

EU Quero Saber — *Newton Braga*, Lente da Escola Normal "Muniz Freire".

ESTA' Certo — *Domingos Ubaldo*, Director do Grupo Escolar "Alberto de Almeida".

IMPORTANCIA dos Exercícios Phisicos — *Stella Ferreira Mansur*, do Grupo Escolar "D. Pedro II", de Curitiba.

NOVOS Rumos — *Floriabello Neves*, director do Grupo Escolar "Quintiliano de Azevedo".

DUAS Palavras Sobre Introduçõe da Methodologia — *Enoe Bruni Vieira*, do Grupo Escolar "Marcondes de Souza".

OS JOGOS Na Educação Phisica — *Dallia Neves*, profesora de Educação Phisica.

ESTATISTICA Escolar do Espirito Santo.

COOPERACAO e Extensão Cultural: — A Sericicultura na Escola Primaria, por *José Gomes da Silveira*. — A Conservaçõe dos Monumentos de Arte e de Historia. — A Estatística Bibliothecaria no Brasil.

NOTAS e Informaçõe.

Figura 20 – Sumario 13
 Revista de Educação, n. 13, 1935

SUMMARIO

4º Centenario da Colonização do Espírito Santo — CLAUDIO-NOR RIBEIRO — Chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

Ensino Público — Cap. JOAO PUNARO BLEY — Governador do Estado.

Alguns dados sobre o Ensino no Século Passado — MARIO ARISTIDES FREIRE — Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Doctas Sine Libris — BARBOSA LIMA — Secretário do Tribunal Eleitoral.

Museus Escolares — JOSE QUEIROZ — Director da Escola Normal "Moniz Freire", de Cachoeiro de Itapemirim.

A Orthographia Simplificada — ELISEU LOFEGO — Cathedratice da Escola Normal "Moniz Freire", de Cachoeiro de Itapemirim.

O Ensino da Mathematica — LUIZ DERENZI — Cathedratice da Escola Normal "Moniz Freire", de Cachoeiro de Itapemirim.

Dramatização — OSWALDO MARCHIORE — Director do Grupo Escolar "Bernardino Monteiro", de Cachoeiro de Itapemirim.

A Educação Phisica no Gymnasio do Espirito Santo — ALOYR QUEIROZ DE ARAUJO.

Aldias Escolares — DOMINGOS UBALDO — Director do Grupo Escolar "Alberto de Almeida", da Capital.

A Educação Funcional e a Moral nas Escolas — Instituições Pedagogicas — JUIZ DE PAZ LEAO CASTELLO — Cathedratice da Escola Normal "Pedro II", desta. Capital.

Colonização — WALDEMAR MENDES — Cathedratice da Escola Normal "Moniz Freire".

Traz as Escolas das Falas de Aulas — NEWTON BRAGA — Cathedratice da Escola Normal "Moniz Freire".

Plano do Ensino da Geographia e da Historia — PLACIDINO PASSOS — Assistente Technico do Ensino.

A Conquista do Novo Methodo de Ensino — NEWTON RAMOS — Cathedratice da Escola Normal "Moniz Freire".

Exames — ORMANDO DE MORAES — Professor normalista.

Sempre o Mesmo Thema — NILO NEVES — Cathedratice da Escola Normal "Moniz Freire".

Cooperação e Extensão Cultural — Psychologia — FERNANDO DE ABBRU.

Bibliographia Pedagogica — A Semana Verbal — Vida Collegial — Notas e Informaçoes.

Figura 21 – Sumario 14
Revista de Educação, n. 14, 1935

SUMMARIO

CONGRESSOS DE EDUCAÇÃO — Claudionor Ribeiro, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

DISCURSO — João Bastos, director do Departamento do Ensino publico.

EM FROTA DO ENSINO — Arnulpho Mattos, presidente do Instituto H. e Geographico do Espírito Santo.

EDUCAÇÃO PELO INTERESSE — Placidino Passos, assistente tecnico do Ensino.

ESTATISTICA ESCOLAR — Dursel Araujo, chefe da Secção de Estatistica.

ESCRITURAÇÃO ESCOLAR E ESTATISTICA — Dursel Araujo, chefe da Secção de Estatistica.

EDUCAÇÃO SANITARIA — Dr. Arthur Meyrelles, inspector medico escolar.

A CREAÇÃO DOS BANCOS ESCOLARES NOS ESTABELECIMENTOS DE EDUCAÇÃO — Alfredo Lemos, inspector tecnico do Ensino.

O PROFESSOR E A PROPHYLAXIA DA LEFRA — Dr. José Augusto Soares, da Inspectoria da Lepra e Doenças Venéreas.

DENOMINAÇÕES E CONSTRUÇÕES ESCOLARES — Domingos Ubaldo, Director do G. Escolar "Alberto de Almeida".

O QUE FALTOU DIZER NO CONGRESSO PEDAGOGICO — João Ribes de Castro, inspector tecnico do Ensino.

O ENSINO DA GEOGRAPHIA — Maria Leonilda Pereira dos Santos, do Curso de Adaptação anexo à Escola Normal "Pedro II".

LEBRIA APRELIÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO PIVELDA DA CRIANÇA — Manoel Carneiro de Azeiteiro, professor de Educação Phisica.

O ENSINO DAS SCIENCIAS PHYSICAS — Custódia G. de Souza, do Curso de Adaptação anexo à Escola Normal "Pedro II".

O DESENHO APPLICADO A'S DIVERSAS DISCIPLINAS — Alzira Feij. Rosa, do Curso de Adaptação Anexo à Escola Normal "Pedro II".

O ENSINO DA GEOGRAPHIA — Rita Torres, do Grupo Escolar "Deselecano d'Oliveira".

COMO EDUCAR — Eneide Brazzi Vieira, do G. Escolar "Marcondes de Souza".

QUALIDADES DO PROFESSOR — Carmen W. Rodriguez, do G. Escolar "Professor Lellia".

OS PRIMEIROS ENSAIOS DA FORMACAO MORAL E INTELLECTUAL — M. de Lourdes Pinheiro, do G. Escolar "Professor Lellia".

EVOLUÇÃO DA MUSICA — Maria F. de Paula Monteiro, do G. Escolar "Marcondes de Souza".

PLANO DE AULAS — pelos professores Placidino Passos, Oswaldo Marchiori, Rita Monteiro Torres, Custódia G. de Souza, Alzira Feij. Rosa, Maria Leonilda Pereira dos Santos, Niza Marquês Miranda, Honorilda Pinheiro Vieira, Eneide Brazzi Vieira.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL — Mensagem da Associação Espírito-Santense dos Noveos — 1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagogico — Resoluções de Aulas — Padrões, conferências e publicações organizadas para o 1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagogico.

BIBLIOGRAPHIA PEDAGOGICA.

NOTAS E INFORMAÇÕES — O Congresso de Diversas Relações de Organizações. — Actas do 1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagogico.

Figura 22 – Sumario 17
Revista de Educação, n. 17-18-19,
1935

SUMMARIO

COLONIAS DE FERIAS — Claudionor Ribeiro, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

O PROFESSOR E A CRIANÇA — C. Huettedjette, (Magister in Artibus) pela Universidade de Cambridge antigo Vice-Presidente da Sociedade Theosophica — 1927-28.

COMENIUS — Maria Leonilda Pereira dos Santos, do Curso de Adaptação Anexo à Escola Normal "Pedro II", desta. Capital.

EXAMES DE ADMISSÃO — Daudelli Baptista Lente da Escola Normal "Moniz Freire", de Cachoeiro de Itapemirim.

A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO — Irene Mattos de Azevedo, do Grupo Escolar "Vasco Coutinho", de Villa Velha.

UMA AULA DE GEOGRAPHIA — Niza Marquês de Miranda, professora do Grupo Escolar "Marcondes de Souza", de Miquilim.

VELHO COQUEIRO — Barreto Filho.

MALHADO — De Aurélio Pinheiro.

CLUBE AGRICOLA ESCOLAR — Departamento de Educação.

CINE-RADIO ESCOLAR — For Claudionor Ribeiro, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL — Actividades da Secção de Cooperação Intellectual da União Pan-Americana — 1933-34.

SOCIEDADE DOS AMIGOS DE ALBERTO TORRES — Relatório apresentado pelo sr. Raul de Paula, Secretario Geral da S. A. A. T.

BIBLIOGRAPHIA PEDAGOGICA — For Claudionor Ribeiro, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

NOTAS E INFORMAÇÕES —

Figura 23 – Sumario 22
Revista de Educação, n. 22, 1936

— SUMMARIO —

3.ª Exposição de Imprensa Escolar — Da redacção.

O Dia Pan-Americano — *Claudionor Ribeiro*, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

Historia Que Se Repete — *Arnulpho Mattos*, Secretário da Educação e Saúde Pública.

A Onda Torrens Numa Visão Retrospectiva — *Raul de Paula*, secretário Geral da S. A. A. T.

A Acção da S. A. A. T. no Movimento Educacional Brasileiro — *Christiano Fraga*, director do Departamento de Saúde Pública.

Os Clubes Agrícolas Escolares — *Placidino Passos*, chefe da Inspectoria do Ensino Primario.

Retardar E' Viver — *Archimimo Mattos*, da Sociedade dos Amigos do Alberto Torres, desta Capital.

A Alimentação Como Foco de Saude — *Americo Monjardin*, do Rotary Clube desta Capital.

Em marcha para a Civiltização Rural — *Francisca Rodrigues*, capitula estadual em São Paulo.

Plano Para o Ensino das Ciências Naturais — *Rosa Kolody*, do Grupo Escolar "Pedro II", de Curitiba — Paraná.

Valor do Clube Agrícola — *Abel Fagundes*, assistente tecnico do Ensino em Minas Gerais.

Planos de Aula — *Célia Amélia de Rezende*, do Grupo João Paulo, de S. João d'El Rey, Minas Gerais.

O Dia das Americas — *Rosalina de Almeida da Silva*, directora literaria do Grupo Escolar "Alberto de Almeida", desta Capital.

Clor-Radio Escolar — Da redacção.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL: — 1.ª Exposição de Imprensa Escolar, Bibliotecas Circulantes, por Luiz José Barros. A Inauguração do Grupo Escolar de Paul.

Sociedade dos Amigos do Alberto Torres — Reorganização do Nucleo de Vigor, Campanha dos Museus Escolares.

Bibliographia Pedagogica.

Notas e Informaçoes. — O Ensino da 1.ª Exposição de Imprensa Escolar, Bibliotecas Circulantes.

Figura 24 – Sumario 23
Revista de Educação, n. 23-24, 1936

— SUMMARIO —

CONGRESSO DE EDUCACAO RURAL — *Claudionor Ribeiro*, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

BIENIO DE PARALYMPICO — *Arnulpho Mattos*, Secretário da Educação e Saúde Pública.

O MEXICO E A SUA EDUCACAO RURAL — *Rafael Ramirez*, antigo chefe do Departamento de Educação Rural do Ministerio da Agricultura do Mexico.

AS COLONIAS DE FERIAS E O SERVICO MEDICO ESCOLAR NO ESPIRITO SANTO — *Mario Sousa Ribeiro*, chefe do Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitaria Escolar.

PELA EDUCACAO — *João Barão*, deputado estadual.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA — *M. A. Teixeira de Freitas*, director de Estatística do Ministerio da Educação.

SALVADORA — *P. Elyas Azeredo*, do Gymnasio do Estado de Taboão, em São Paulo.

LIGEIROS COMMENTARIOS SOBRE A HYGIENE E A EDUCACAO PHYSICA NO BRASIL — *Joelia Nogueira*, profa. de Educação Física.

EDUCACAO RURAL — AVICULTURA — *Norma Saraiva de Mattos Cruz*, directora do Grupo Escolar de Butantan, em S. Paulo.

EDUCACAO RURAL — CAMPANHA CONTRA A SAUDA — *Alexis Martins* e *Mario Assis*, do Instituto Biologico da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

CINE-RADIO ESCOLAR — O cinematographo, o radio e o teatro como factores educacionais — *Sylvia Menezes de Sousa Santos*, leita de Escola Normal "Pedro II".

SECCAO LITTERARIA — O Valle de Chastan, *Raul de Paula* — Aracaju — *Maria José Albuquerque* — Desterro — de *Maria Orosa de Mattos*.

ESCOTISMO — Suggestões para a reorganização do Escotismo Escolar — *Eduardo de Andrade e Silva*, delegado do Governo do Estado do Espirito Santo junto à Federação Espiritu-Sanctiana de Escoteiros.

SOCIEDADE DOS AMIGOS DE ALBERTO TORRES — Aos clubes agrícolas escolares — *Cláudio das Janelas Floridas*.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL — Caixa Escolar "Alcides Rêy" — Os Problemas do Ensino no Espirito Santo — *Comunicações da Associação Brasileira de Educação*.

BIBLIOGRAPHIA PEDAGOGICA

PERLUSTRAMO REVISTAS

NOTAS E INFORMAÇÕES — Estatística do Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitaria Escolar.

Figura 25 – Sumario 25
Revista de Educação, n. 25 a 28, 1936

— SUMMARIO —

BIBLIOTHECAS CIRCULANTES — *Claudionor Ribeiro*, Chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

ENSINO TECHNICO SECUNDARIO NO DISTRICTO FEDERAL — *Ulysses Ramalheite*, inspector do Ensino Secundario.

ALIMENTAÇÃO SADIÁ — *Mario Pinheiro*, medico e professor.

ESCOTISMO — Aos Paes do Novo Escoteiro, de *Baden Powell*.

QUINZENA FEMININA — *Alvares Feu Rosa*, do Curso de Admissão anexo á Escola Normal «Pedro II».

UMA AULA DE OPPORTUNIDADE — *J. Pinto Bandeira*.

A ESCOLA, O MESTRE, SEU METHODO DE ENSINO — *Eloah Gonçalves*, do Grupo Escolar «Professor Loureiros».

SECCAO LITERARIA — Oração á Bandeira, de *Olavo Bilac*; Mãe, de *Luiz Pizarini*; Soneto, de *Raul de Leone*.

BIBLIOGRAPHIA PEDAGOGICA.

NOTAS E INFORMAÇÕES — Os Bachareis de 1936, da Faculdade de Direito do Espirito Santo.

Figura 26 – Sumario 29
Revista de Educação, n. 29, 1937

Obras Indispensáveis a Paes e Mestres
 BIBLIOTECA DE EDUCACAO
 ORGANIZADA PELO DR. LOURENÇO FILHO

Volumes publicados:

I	HENRI FERRON — Psychologia Experimental, trad. e notas de Lourenço Filho, 2ª ed.	25000
II	ED. CLAPAREDE — A Escola e a Psychologia Experimental, trad. e notas de Lourenço Filho, 2ª edição	40000
III	A. DE SAMPARO DORIA — Educação Moral e Educação Econômica	40000
IV	HENRIQUE GREENE — Temperamento e Character sob o ponto de vista educativo	25000
V	EMILE DURKHEIM — Educação e Sociologia, trad. e notas de Lourenço Filho, com estudo preliminar da obra pedagógica de Durkheim, da autoria de Paul Faconnet, 2ª ed.	45000
VI	OCTAVIO DOMINGUES — A Hereditariedade em face da Educação	25000
VII	A. FERMINO DE PROENÇA — Como se ensina Geographia, 2ª ed.	40000
VIII	CORINTHO DA FONSECA — A Escola Activa e os Trabalhos Manuaes	25000
IX	AD. FERRIÈRE — A Lei Biogenética e a Escola Activa, trad. de Normy Siqueira	40000
X	ALFRED BINET e TH. SIMON — Testes para a medida do desenvolvimento da Intelligencia, trad. e notas de Lourenço Filho, 2ª ed.	40000
XI	LOURENÇO FILHO — Introdução ao Estudo da Escola Nova, 2ª ed. (192 milímetros)	20000
XII	JOHN DEWEY — Vida e Educação, trad. e estudo preliminar sobre a pedagogia de Dewey, da autoria de Assis Toledo	20000
XIII	ANDRÉ CRESSON — Situação actual dos Problemas Philosophicos, trad. e notas de João Cruz Costa	40000
XIV	JOSÉATAS GERRANO e PH. VENANCIO FILHO — Química e Educação	20000
XV	ANITA DE MOURA — Os Centros de Interesse na Escola	40000
XVI	ESTEVÃO PINTO — A Escola e a formação da Mentalidade Popular do Brasil	20000
XVII	FERMINO COSTA — Como ensinar Linguagem	40000
XVIII	W. H. KILPATRICK — Educação para uma Civildade em Madureza, trad. e notas de Normy Siqueira	20000
XIX	ESTEVÃO PINTO — O Problema da Educação dos Bons Defeitos	20000
XX	LOURENÇO FILHO — Ponto para a instituição da maturidade secundária e aprendizagem da leitura e escrita	40000
XXI	M. A. TEIXEIRA DE FREITAS — O Ensino Primario do Brasil	40000
XXII	LOURENÇO LUTERJAGA — A ESCOLA UNICA, trad. e notas de J. H. Damascio Penna	40000
XXIII	ARISTO ESPINHEIRA — Roteiro e Educação	40000

EDITORA — CIA. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
 RIO DE JANEIRO — Rua Gonçalves Dias
 SÃO PAULO — Rua Libero Badur, 13-15 B

Figura 27 – anúncio 1
 REES n. 6, capa, 1935

Comprar nas "Casas Pernambucanas" é quasi uma obrigação de todo Brasileiro que almeja o desenvolvimento e a pujança da Industria Nacional.

Casas Pernambucanas
 Villa Rubim

Vestindo-se com tecidos marca "Olho"

DENOTAÇÃO DE REQUINTADO GOSTO
 DEFENDER SEU PROPRIO DINHEIRO
 TER SEMPRE VESTUARIO NOVO
 ECONOMISAR
 Augmentar O Progresso Do BRASIL

Feira de Amostras da Cidade de Victoria
 Inauguração a 22 de Dezembro proximo

GRUPO ESCOLAR "GOMES CARDIM" e TERRENOS ADJACENTES
DIVERSÕES - Produtos Nacionais e Estrangeiros
 50% de desconto nas passagens
 VENDAÇÕES: Edificio do BANCO INGLEZ - VICTORIA

Figura 28 – anúncio 2
 REES n. 7-8, quarta-capa, 1934

VIDA CAPICHABA
 REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Conta 13 annos de magnifico successo na vida mental do Espirito Santo.

As suas collaborações são primorosas, firmadas por brillantes intellectuaes do Estado e do Paiz.

Anunciar na «Vida Capichaba» é ter a certeza de tornar conhecido, com eficiencia, qualquer producto.

As suas officinas estão aptas para executar, com esmero, qualquer trabalho graphico.

PREÇOS REDUZIDOS E PONTUALIDADE

Avenida Capichaba, 28 — Caixa Postal, 131
 VICTORIA — ESPIRITO SANTO

Figura 29 – anúncio 3
 REES n. 10, quarta-capa, 1935

Nova Orientação da Geographia Moderna na Escola Activa Brasileira

É um trabalho em que o prof. Claudionor Ribeiro, Inspector Técnico do Ensino, apresenta uma nova feição da Geographia, dentro dos modernos processos de ensino.

Nesse opusculo, escripto com clareza e simplicidade, o Autor faz uma exposição do que é a escola activa, desenvolvendo, em seguida, os seguintes themas: A Geographia na Escola Activa, O Ensino Geographico Actual, A Geographia e a Escola Antiga, A Geographia e as suas Relações com as outras Sciencias, O Ensino da Cartographia, Conclusões.

PREÇO: 35000

Pedidos á Editora CIA. MELHORAMENTOS DE S. PAULO, rua Libero Badur, 30,30-D.-S. Paulo, ou directamente ao Autor.

Figura 30 – anúncio 4
 REES n. 13, p. 30, 1935

NOSSA EDIÇÃO ESPECIAL

No próximo número, em homenagem ao 4º Centenário da Colonização do Espírito Santo, a "REVISTA de EDUCAÇÃO" circulará em primorosa edição.

Pedagogistas de maior fôrma e trabalhos importantes e de interesse geral.

Serão 80 páginas que reflectirão admiravelmente o avanço pedagógico do Espírito Santo.

Figura 31 – anúncio 5
REES n. 13, quarta-capa, 1937

NÃO SE ESQUEÇA DE QUE O ÊXITO DO SEU COLLEGIO DEPENDE, EM PARTE, DOS LIVROS QUE ELLE ADOPTAR

Ao aproximar-se o inicio das aulas de cada anno lectivo, remeça um dos grandes problemas com que têm de se avir os directores e professores das nossas escolas:

A ESCOLHA DOS LIVROS DIDACTICOS

Livros não faltam, mas não basta que existam. Necessario é que preencham os requisitos de uma boa obra didactica.

Segundo os mais abalizados pedagogos, um compendio para ser considerado BOM deve preencher, pelo menos, os seguintes requisitos:

- a) Clareza na exposição;
- b) Correção de linguagem;
- c) Didacticidade, ou methodo pedagogico no desenvolvimento dos assumptos.

Além disso ainda ha a atender a completa concordancia com o exigido pelos programas officinaes; a eôr do papel, o tamanho dos tipos, a distancia entre as linhas, a perfeição das illustrações e, acima de tudo, a competencia profissional dos autores.

Os livros de nossa edição, para curso primario, attendem perfeitamente a esses requisitos, e, por isso mesmo, de ha muito, já estão consagrados pela preferéncia da grande maioria da intelligéncia do País.

NÃO ESCOLHA OS SEUS LIVROS SEM EXAMINAR OS DA

Companhia Editora Nacional

RUA DOS GUERMOES, 118 — CAIXA POSTAL 2734 — S. PAULO

Figura 32 – anúncio 6
REES n. 25-26-27-28, quarta-capa, 1936

SATISFAÇÃO NO TRABALHO

significa
Prosperidade



O homem que trabalha satisfeito, em boas condições phisicas, prospera rapidamente. E lucram os industries para os quaes elle trabalha. Torna-se muito mais eficiente e cuidadoso.

Bôa illuminação quer dizer, economia e eficiencia. Ella pode ser conseguida com os novos conjunctos Renovaite, elegantes e tecnicamente fabricados, o que permite a sua installação em qualquer pendente, sem exigir a menor despesa.

Telephone hoje meente para os nossos escriptorios, e veja uma demonstração gratis.

O novo sistema para medir e medir a luz

COMPANHIA CENTRAL BRASILEIRA DE FORÇA ELECTRICA
TELEPHONE - 664

Figura 33 – anúncio 7
REES n. 30, p. 47, 1937

LIVROS PRIMARIOS

Não adopte na sua escola um livro qualquer. Entre os livros escolha os melhores. Entre os melhores os que dêem, assim, os precellos pedagogicos e hygienicos, quanto ao tamanho dos tipos, a qualidade do papel, a correção da linguagem, a simplicidade, a clareza, a natureza dos assumptos expostos. Neste caso, prefira os seguintes, optimos auxiliares do professor primario, approvados e aconselhados pela Secretaria de Educação e Saude Publica do Estado do Espírito Santo:

1.º ANNO — CARTILHAS

O Anjo da Infancia — Nelly Brand de Carvalho	35000
Meu Livro — Theodoro de Moraes	35000
Los Brincando — Thales de Andrade	35000

1.º ANNO — LEITURA

Sei Ler — Intermediaria — Theodoro de Moraes	35000
Novas Leituras 1.º — M. Oliveira e R. Dorval	35000

2.º ANNO — LEITURA

O Pequeno Escrivão — M. Moura Santos	35500
Infancia — Henrique Rizzetti	35500
Vida na Rocca — Thales de Andrade	35000
Expedito — Thales de Andrade	35000
Meu Livro 2.º — Theodoro de Moraes	35000
Sei Ler 1.º — Theodoro de Moraes	35000
Minha Patria 2.º — J. Pinto e Silva	35000
Novas Leituras 2.º — M. Oliveira e R. Dorval	35000
Nova Geographia 2.º — J. Pinto e Silva	35000

3.º ANNO — LEITURA

O Pequeno Escrivão — M. Moura Santos	35500
Expedito — Thales de Andrade	35500
Infancia — Thales de Andrade	35500
Sei Ler 2.º — Theodoro de Moraes	35500
Minha Patria 3.º — J. Pinto e Silva	35500
Novas Leituras 3.º — M. Oliveira e R. Dorval	35500
Nova Geographia 3.º — J. Pinto e Silva	35000

4.º ANNO — LEITURA

O Pequeno Escrivão — M. Moura Santos	45000
Infancia — Thales de Andrade	45000
Sei Ler 3.º — Theodoro de Moraes	45000

EDICÖES DA
Companhia Editora Nacional
RUA DOS GUERMOES, 118 — SÃO PAULO

Figura 34 – anúncio 8

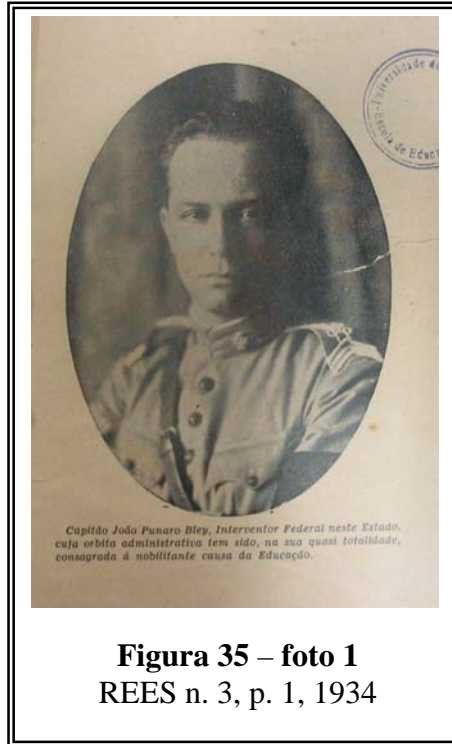


Figura 35 – foto 1
REES n. 3, p. 1, 1934



Figura 36 – foto 2
REES n. 3, p. 3, 1934

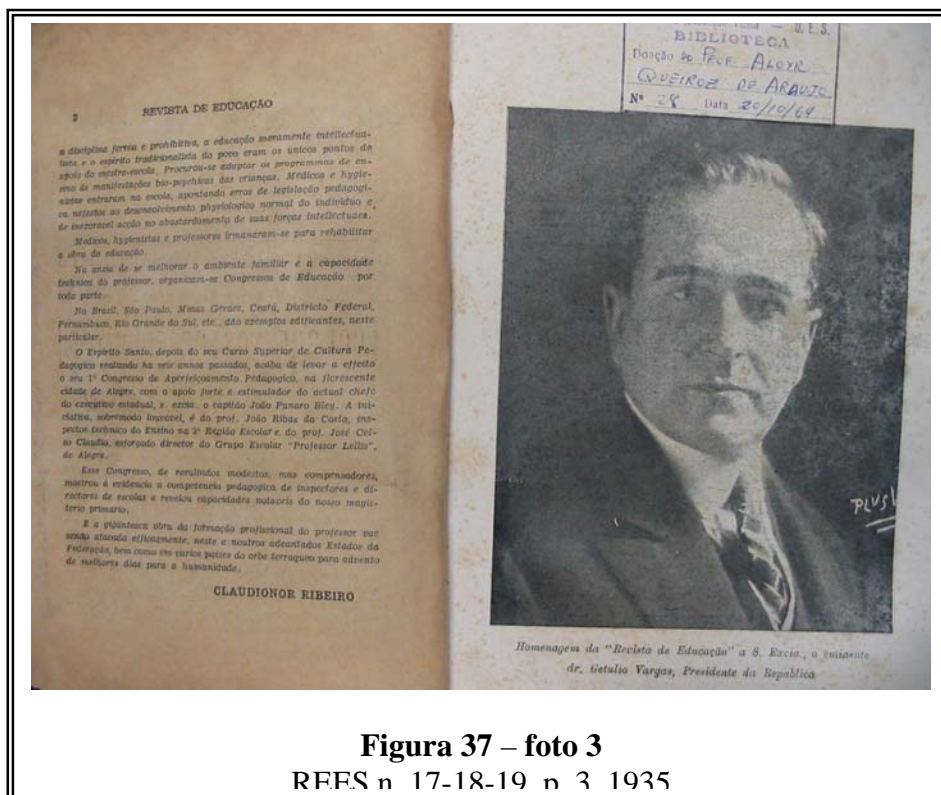


Figura 37 – foto 3
REES n 17-18-19 n 3 1935



Figura 38 – foto 4
REES n. 17-18-19, p. 4-5, 1935



Figura 39 – foto 5
REES n. 17-18-19, p. 6-7, 1935



Figura 40 – foto 6
REES n. 17-18-19, p. 8-9, 1935

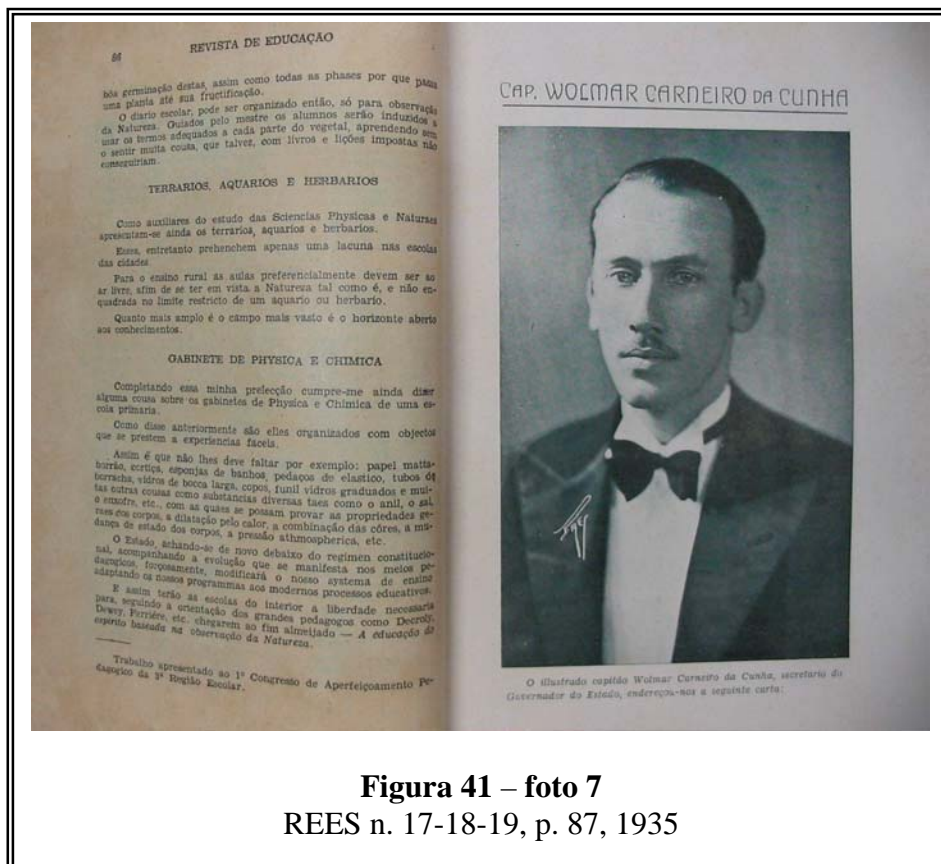


Figura 41 – foto 7
REES n. 17-18-19, p. 87, 1935

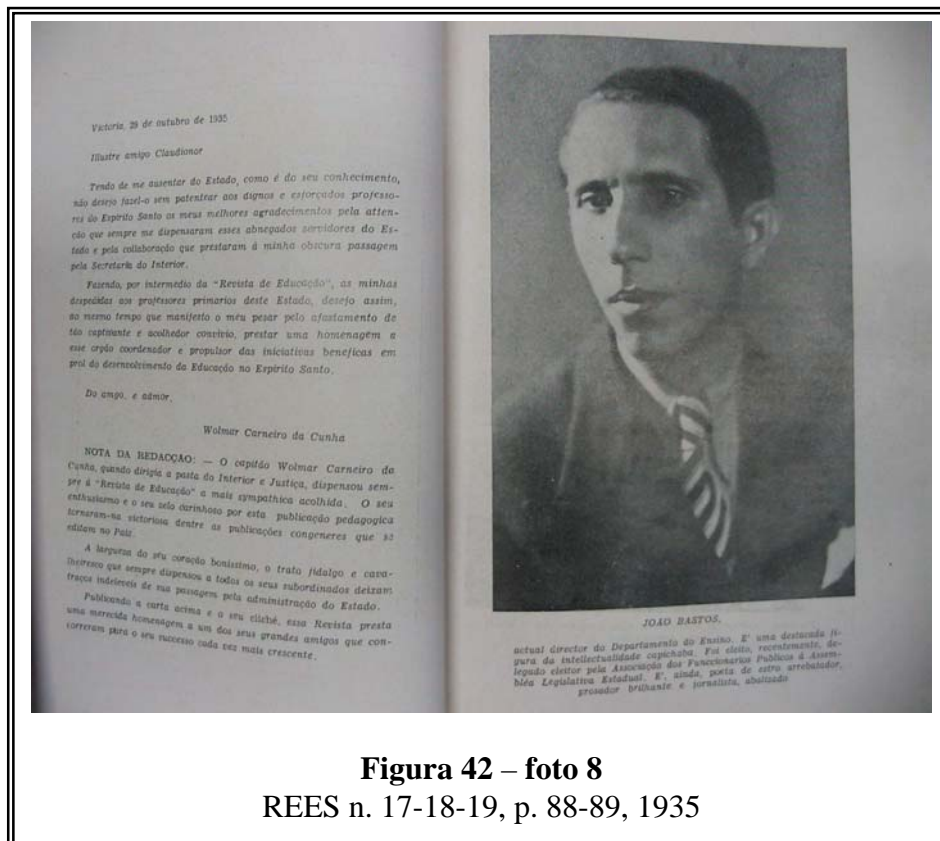


Figura 42 – foto 8

REES n. 17-18-19, p. 88-89, 1935



Figura 43 – foto 9

REES n. 17-18-19, p. 90-91, 1935



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa objetivou compreender a utilização da Revista de Educação como uma estratégia editorial de intervenção cultural inserida em uma política de reforma cultural e educacional durante o governo de João Punaro Bley no Espírito Santo. Deste modo, procurou analisar a REES como uma estratégia de imposição de saberes e conformação de práticas culturais pelos reformadores que assumiram o poder.

A princípio foi feito um levantamento das condições históricas que favoreceram a criação do projeto da revista e instauraram as políticas que lhe deram suporte.

Constatou-se que o sistema educacional no Espírito Santo, no final do século XIX e início do século XX, passou por várias reformas que procuravam melhorar o aparelhamento escolar, as instâncias normativas e fiscalizadoras do processo educacional, os métodos de ensino, a formação e vencimentos dos professores, as concepções de linguagem escolar. Essas reformas seguiam o movimento nacional de políticas públicas para a educação e ganharam força com a ideologia escolanovista que acreditava na reforma da sociedade pela reforma da escola.

Em meio a esse movimento, duas forças políticas revezavam-se no poder espírito-santense: agrofundários e mercantis-exportadores. Associavam-se e dissociavam-se em partidos, articulando-se e rearticulando-se em volta de seus interesses. A Revolução de 1930 incitou o embate entre essas forças, o que resultou em mais rearticulações. Punaro Bley, que não do Espírito Santo, assumiu como Interventor Federal durante o Governo Provisório.

Além do movimento nacional da educação, Bley, como militar, assumiu a política do Exército de controlar o sistema educacional e a imprensa, de modo a difundir uma mentalidade do ideal nacional.

O Serviço de Cooperação e Extensão Cultural foi criado para promover mais condições de formação cultural entre os professores. Esse Serviço foi responsável pelas publicações impressas que difundiam as discussões teórico-pedagógicas: A Revista de Educação e outras publicações relativas, além da seção de recortes de jornais e revistas sobre assuntos de cultura geral, mais as Bibliotecas Circulantes e

a Biblioteca Irradiante. O SCEC também tinha a função de suprir, de maneira econômica, um curso superior para professores.

A investigação que toma o impresso como objeto cultural, de acordo com o que Chartier (1990) afirmou, não pode acontecer sem considerar o suporte que o dá a ler. O conceito de estratégia formulado por Michel de Certeau encaminha para que se considerem os dispositivos de imposição de saberes e normatização de práticas relacionados com lugares de poder.

Deste modo, a revista foi analisada em sua materialidade com o propósito de compreender os sentidos produzidos pelos dispositivos textuais e gráficos. Associado ao conceito de estratégia, procurou-se compreender na materialidade do impresso a forma como os editores procuravam atingir seus leitores, as representações veiculadas no impresso e a utilização da Revista de Educação como veículo de propaganda da política reformista na Gestão Bley no Espírito Santo. Algumas conclusões puderam ser levantadas.

Três períodos foram definidos: *crescimento*, *turbulência* e *decadência*. O primeiro antecedeu as eleições de 1935, o segundo iniciou-se logo depois, quando ocorreram reorganizações nas pastas do Governo Central e, conseqüentemente no governo local, e o terceiro aconteceu no ano de 1937, quando então começou a ditadura do Estado Novo.

Os editores da REES tinham vínculo político direto com o governo. A hierarquia dos produtores da revista acompanhava a hierarquia da Secretaria de Educação e Saúde Pública. Isso indicou que as prescrições pedagógicas integravam a política reformista da educação na gestão Bley. As mudanças nas secretarias e departamentos públicos, juntamente com as mudanças na organização do Governo Central afetavam diretamente a produção da revista.

O estudo dos dispositivos tipográficos da REES mostrou um projeto modesto. Os desenhos que ilustravam as capas, por exemplo, não tinham qualidade técnica, nem qualidade de impressão. As fotos eram monocromáticas, as ilustrações simples. O papel em que a revista era impressa era de baixa qualidade. Os editores da revista não eram profissionais na área de jornalismo, eram professores e inspetores técnicos. O único que tinha alguma noção nessa área era Claudionor Ribeiro, que havia feito um curso intensivo de jornalismo do Rio de Janeiro.

As capas associavam: Espírito Santo – escola - educação – ciência. Passava-se a idéia de preocupação com a educação no Espírito Santo, de uma revista

pedagógica tipicamente capixaba, de valorização dos ícones espírito-santenses, de cientificidade da educação e de educação como meio de progresso, segundo os ideais republicanos do período.

Dentre os temas veiculados na revista, a didatização possuiu um espaço maior, seguida das prescrições de práticas que enriqueceriam o currículo escolar. Juntamente com as leituras dos livros encontrados na Biblioteca Irradiante, o professorado espírito-santense era envolvido na reforma das práticas de ensino. A REES e os livros poderiam ser utilizados para consultas, receituários e pesquisas.

Entretanto, a propaganda positiva das ações do Governo Bley para a reforma da educação no Espírito Santo estava presente diretamente nos artigos sobre Política Educacional e, indiretamente, nos artigos sobre Práticas Auxiliares ao Ensino, Educação Física, Saúde e Educação Rural, que eram prioridades dessa reforma.

A seção *Cooperação e Extensão Cultural* concentrou-se mais na difusão de políticas para a educação. Em meio a essa difusão, mais propaganda dos feitos de João Puanro Bley à frente do governo.

Da mesma forma, os artigos de abertura, na maioria redigidos por Claudionor Ribeiro, iniciavam a leitura da revista inculcando no leitor que a reforma educacional do Governo Bley estava fazendo com que o Espírito Santo se destacasse tanto quanto São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Brasília, com relação à modernização do campo da educação. Assim, os demais artigos ao longo da revista, principalmente os que tinham como temas as Práticas Auxiliares ao Ensino – organizações instituídas pela reforma da educação – poderiam ser lidos com a certeza de que traziam o que era de mais atual e legítimo no debate educacional. Puanro Bley foi constituído como o agente principal do movimento de renovação educacional no Espírito Santo

A observação da periodicidade da REES também abriu margem para supor que a eleição para governador em 1935 influenciou melhorias no projeto Revista de Educação. O fato de que após as eleições, com o poder garantido, o projeto passou por uma fase de turbulência, e mais o fato de que em 1937, com o poder mantido por meio da Ditadura, o projeto desapareceu, leva a crer que o interesse de se publicar o impresso foi perdido por não se priorizar mais a afirmação das políticas educacionais de Bley. Isso somado aos problemas das restrições orçamentárias pelo qual passava ao Espírito Santo.

Um conjunto de fatores pode ter resultado no fim do projeto Revista de Educação. Além dos interesses políticos e da falta de recursos financeiros, há outro fator: o desinteresse dos professores pela revista. A circular n. 3 expedida aos professores pelo Capitão Wolmar Carneiro da Cunha, em setembro de 1934, reclamava da indiferença com que a revista vinha sendo tratada pelos professores. Não há mais indícios na revista se essa indiferença continuou ou não. Percebe-se que os editores sempre procuravam passar para os leitores que a REES era um importante periódico que circulava pelo Brasil e pelo exterior, o que indica uma necessidade de se mostrar indispensável para ganhar o público leitor.

Mais um outro fato que pode ter contribuído para o término da produção da Revista de Educação foi a saída de Claudionor Ribeiro do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural, por volta de 1936 ou 1937. O professor era o redator chefe da REES e se mostrava empenhado no projeto: buscava inserir a revista numa rede de intercâmbio cultural entre a América, pedia colaboração dos outros estados brasileiros e da Europa, incumbia os representantes em várias localidades pelo país a angariarem assinaturas da REES, redigia os artigos de abertura, apoiava a política educacional de Bley, enfim, era a personagem que mais parecia se destacar no projeto Revista de Educação.

A pesquisa não terminaria por aqui. Ao longo de sua produção, algumas lacunas foram abertas. Uma delas seria o que efetivamente causou o fim do projeto Revista de Educação. Os dados reunidos apresentaram apenas possibilidades. Outra investigação que seria interessante é sobre quais seriam as publicações trocadas entre o Serviço de Cooperação e Extensão Cultural e a União Pan-Americana, quais eram seus temas, o que buscavam inculcar entre os professores das Américas. Apesar das lacunas, foi possível caracterizar e demonstrar como a Revista de Educação foi utilizada em uma dupla estratégia: *útil*, como veículo de prescrição de práticas pedagógicas; *agradável*, como meio de difusão e de unificação dos feitos de João Punaro Bley, colocando-o no posto de autor de políticas e ações.

6 REFERÊNCIAS

BARRETO, Sônia Maria da Costa. **Políticas educacionais no Estado do Espírito Santo de 1900 a 1930: um olhar histórico**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

BARZOTTO, Valdir Heitor. 1998. **Leituras de revistas periódicas: forma, texto e discurso – um estudo sobre a revista Realidade (1966-1967)**. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BICCAS, Maurilane de Souza. 2001. **O impresso como estratégia de formação de professores(as) e de conformação do campo pedagógico em Minas Gerais: o caso da revista de ensino (1925-1940)**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de São Paulo.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. 1998. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: Congresso Luso-Brasileiro de Educação, 2, 1998, São Paulo. **Anais...** São Paulo, p. 31-40.

_____. 2001. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (orgs.). **Brasil 500 anos: tópicos em história da educação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, pp. 137-167.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita de. 2000. Reforma escolar, pedagogia da escola nova e usos do impresso. **Contemporaneidade e Educação**, Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada, São Paulo, ano. V, n. 7, p. 71-92, [s. m.].

_____. 2005. **A constituição da “forma escolar” no Brasil: produção, circulação e apropriação de modelos pedagógicos**. Texto disponível na Internet: <http://www.pucsp.br/pos/ehps/>, em 7 jun. 2005.

CERTEAU, Michel de. 2004. **A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis (RJ): Vozes.

CHARTIER, Roger. 1990. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel.

_____. 1991. O Mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, n. 11, vol. 5, jan.-abr. p. 173-191.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

_____. 2001. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Gondin e Antônio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED Editora.

COUTINHO, José Maria de. 1993. **Uma história da educação no Espírito Santo**. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, Secretaria de Produção e Divisão Cultural UFES.

DERENZI, Luiz Serafim. 1995. **Biografia de uma ilha**. 2 ed. Vitória: PMV & Secretaria Municipal de Turismo.

GABRIEL, Yara Cristina. 2003. **Prescrições cívico-morais e a formação do cidadão: um estudo sobre a introdução do escotismo nas escolas públicas de São Paulo (1917-1922)**. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

HORTA, José Silvério Baía. 1994. **O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

LAUFF, Rafaelle Flaiman. 2005. **Educação Física, Educação Sanitária e Escotismo na Revista de Educação (1934-1937)**. Monografia de conclusão do curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo.

LOURENÇO FILHO, Manoel B. 1929. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. 2004. Educação e civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 7, p. 43-73, jan.-jun.

NOVAES, Izabel Cristina. 2001. **República, Escola e cidadania: um estudo sobre três reformas educacionais no Espírito Santo (1882 – 1908)**. Tese de Doutorado, Programa de Pós – Graduação em História e Filosofia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OLIVEIRA, José Teixeira de. 1975. **História do Estado do Espírito Santo**. 2 ed. Vitória.

QUEIRÓZ DO VALLE, Eurípedes. 1971. **O Estado do Espírito Santo e os Espírito-Santenses**. 3 ed. Vitória.

SCHNEIDER, Omar. 2003. **A Revista Educação Physica (1932-1945) estratégias editoriais e prescrições educacionais**. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História Política, Sociedade, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SCHWARTZMAN Simon; BOMENY, Maria Helena Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. 2000. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Editora Paz e Terra.

SILVA, Marta Zorzal e. 1995. **Espírito Santo: Estado, Interesses e Poder**. Vitória: FCAA/SPDC.

SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel. 2004. **História da Educação no Espírito Santo: catálogo de fontes**. Vitória: EDUFES.

SOUZA, Rosa Fátima de. 2000. A militarização da Infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Caderno CEDES**, São Paulo, n. 52, p. 105-121.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. 2001. **Coleção atualidades pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

REVISTA DE EDUCAÇÃO

ASPECTOS Mexicanos. 1937. A casa do povo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 1-5, jun.-jul.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Educação. 1936a. Comunicados da Associação Brasileira de Educação: Plano de reforma do Ministério da Educação. **Revista de Educação**, Vitória, n. 25-26-27-28, p. 107-109, set-out-nov-dez..

_____. 1936b. Comunicados da Associação Brasileira de Educação: Revistas de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, n. 22, p. 49, mar.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. 1935. Biblioteca Irradiante. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 59-60, mar.

BLEY, João Punaro. 1935. Ensino público. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 5-10, maio.

BOLETIM de Informações e Estatísticas da Fazenda. 1934. A moderna legislação sobre o ensino no Estado do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 33-40, set.

ELEUTHERIO, Paulo. 1935. O ensino público no Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 45-48, mar.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Vitória e o movimento Bandeirante. 1934. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 36-37, maio.

CUNHA, Wolmar Carneiro da. 1934. Aos professores. Foi expedida a 3 de setembro corrente a seguinte circular 4 a todos os professores deste Estado. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 1, set.

DIÁRIO da Manhã. 1934. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 51-52, out.-nov.

FRAGA, Christiano. 1934a. Alberto Torres e os problemas de saúde pública. **Revista de Educação**, Vitória, n. 2, p. 19, maio.

FRAGA, Christiano. 1934b. Educação física. **Revista de Educação**, Vitória, n. 3, p. 43-45, jun.

JINARAJADASA, C. 1936. O professor e a criança. **Revista de Educação**, Vitória, n. 22, p. 4-13, mar.

MARCHIORI, Oswaldo. 1935. A escola nova e os metodos activos. **Revista de Educação**, Vitória, n. 10-11, p. 10-13, jan.-fev.

MEIRELES, Arthur. 1934. O serviço médico escolar em face da educação e da saúde. **Revista de Educação**, Vitória, n. 2, p. 2-7., maio.

NOTAS & Informações. 1934. Dr. Fernando Duarte Rabelo. Cap. Wolmar Carneiro da Cunha. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 57, maio.

NOTAS & Informações. 1935a. Capitão Wolmar Carneiro da Cunha. Dr. Manoel Clodoaldo Linhares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 92, maio.

NOTAS & Informações. 1935b. Sumário do próximo número da Revista de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 200, ago.-set.-out.

NOTAS & Informações. 1935c. Como é recebida a Revista de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 55-57, jan.-fev.

NOTAS & Informações. 1935d. A nossa capa. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 59, jan.-fev.

O JORNAL. 1934. A tarefa da nova Educação Physica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 43-44, set.

PAIXÃO, Nelson Martins. 1934. O livro e a imprensa a serviço da educação. **Revista de Educação**, Vitória, n. 3, p. 32-38, jun.

PASSOS, Placidino. 1934. Instruções ao professorado. **Revista de Educação**, Vitória, n. 1, p. 28-35, abr.

_____. 1935. Educação pelo interesse. **Revista de Educação**, Vitória, n. 17-18-19, p. 19-26, ago.-set.out.

REVISTA de Educação. 1934a. Grupo Escolar “Padre Anchieta”. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 1, abr.

_____. 1934b. Casas Pernambucanas. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, s.p., abr.

_____. 1935. Tabella de anuncios. **Revista de Educação**, Vitória, n. 10-11, p. 59, jan-fev.

_____. 1936. **Revista de Educação**, Vitória, n. 23-24, p. 69, jul.-ago.

_____. 1937. **Revista de Educação**, Vitória, n. 29, p. 33, maio.

RIBEIRO, Claudionor. 1934a. Breve relato do problema pedagógico no E. Santo. **Revista de Educação**, Vitória, n. 1, p. 3, abr.

_____. 1934b. Serviço de Cooperação e Extensão Cultural: Circular n. 1. **Revista de Educação**, Vitória, n. 1, pp. 36-37.

_____. 1934c. Serviço de Cooperação e Extensão Cultural: Circular n. 2. **Revista de Educação**, Vitória, n. 1, pp. 37-41.

_____. 1934d. Aos professores: circular n. 3, expedida a 20 de abril transáto aos professores do Estado. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 1, maio 1934.

_____. 1934e. A União Pan Americana e o S. C. E. C. **Revista de Educação**, Vitória, n. 2, pp. 38-39.

_____. 1934f. Radio e cinemas escolares. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 1-2, jun.

_____. 1934g. O problema da Educação. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 6, p. 2-3, set.

_____. 1934h. A educação e o porvir do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 7-8, p. 1-2, out.-nov.

_____. 1934i. Educação progressiva. **Revista de Educação**, Vitória, n. 9, p. 1, dez.

_____. 1934j. O avanço pedagógico do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 9, p. 35-40, dez.

_____. 1935a. Alberto de Almeida. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 10-11, p. 1-5, jan.-fev.

_____. 1935b. Os Clubes Agrícolas Escolares. **Revista de Educação**, Vitória, ano 2, n. 12, p. 1-2, mar.

_____. 1935c. Etapa gloriosa. **Revista de Educação**, Vitória, ano 2, n. 13, p. 1-2, abr.

_____. 1935d. 4º Centenario da colonização do Estado do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 2, n. 14, p. 1-2, maio.

_____. 1935e. Radio Club do Espirito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 2, n. 15, p. 1-2, jun.-jul.

_____. 1935f. Congressos de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, ano 2, n. 17-18-19, p. 1-2, ago.-set.-out.

_____. 1936a. Colônias de Férias. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 1-3, mar.

_____. 1936b. Congresso de Educação Rural. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 1-2, set.-out.-nov.-dez.

VIEIRA, Enoe Bruzzi. 1935a. Duas palavras sobre introdução da methodologia. **Revista de Educação**, Vitória, n. 13, p. 17-18, abr.

_____. 1935b. Como educar. **Revista de Educação**, Vitória, n. 17-18-19, p. 107-111, ago.-set.-out.

VITORINO, José. 1934. A escola moderna e a política. **Revista de Educação**, Vitória, n. 9, p. 29-31, dez.

SECÇÃO Cooperação e Extensão Cultural do Diário da Manhã. 1934. Grupo Escolar “João Punaro Bley”. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 54-55, abr.

SECÇÃO de Propaganda do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural. 1934a. Nova vitória do escotismo – o governo do Estado do Espírito Santo oficializa o movimento das bandeirantes. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, p. 50-53, n. 1, abr.

SECÇÃO de Propaganda do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural. 1934b. O “Bandeirantismo” no Estado do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 53-54, abr.

3.^a EXPOSIÇÃO de Imprensa Escolar. 1936. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 1-2, jul.-ago.

RELATÓRIOS DE GOVERNO

ESPÍRITO SANTO (Estado). Presidente [1924-1928: Avidos]. **Mensagem final apresentada ao Congresso Legislativo do Espírito Santo a 15 de junho de 1928**. [Vitória: s.n., 1928].

_____. Interventor Federal [1937-1943: Bley]. **Movimento Financeiro de 24 de outubro de 1930 a 30 de junho de 1931: relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo Provisório da República pelo Interventor Federal Capitão João Punaro Bley**. Vitória: Imprensa Oficial do Estado do Espírito Santo, 1937.

_____. Interventor Federal [1937-1943: Bley]. **Mensagem apresentada á Assembléia Legislativa do Espírito Santo, na 3^a Sessão Ordinária da 14^a Legislatura, em 1^o de julho de 1937**. Vitória: Imprensa Oficial do Estado do Espírito Santo, 1937.

OUTRAS FONTES PRIMÁRIAS

MATTOS, Archimimo Martins de. 1927. **Um século de ensino**. Vitória: Off. da Vida Capichaba.

MARTINS FILHO, Enéas. 1935. O escotismo como fator educativo. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 22, p. 40, maio.

PREFEITURA Municipal de Vitória. 1943. Departamento Municipal de Estatística – Seção de Propaganda e Turismo. **Catálogo Geral da 1ª Exposição do livro Capichaba**. Vitória: [s. n.].

REVISTA de Educação Física. 1933. A Educação Física no Espírito Santo. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 10-11, nov.

REVISTA de Educação Física. 1933. A Educação Física no Espírito Santo. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 10-11, nov.

APÊNDICE A

CATÁLOGO DA REVISTA DE EDUCAÇÃO (1934-1937)

Ano 1, n. 1, abr. 1934

REVISTA DE EDUCAÇÃO. Grupo Escolar “Padre Anchieta”. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 1, abr. 1934.

RIBEIRO, Claudionor. Breve relato do problema pedagógico no E. Santo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 3-5, abr. 1934.

PIMENTEL FILHO, Alberto. O problema da apreciação da inteligência: um inquérito famoso – especial para a Revista de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 6-14, abr. 1934.

PIMENTEL, Elpidio. Como os bons professores instruem e educam. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 15-18, abr. 1934.

LEMOS, Alfredo. Cooperativas escolares. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 19-20, abr. 1934.

UBALDO, Domingos. Semiofonia mímica. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 21-23, abr. 1934.

CUNHA, Ciro Vieira da. A paz pela educação. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 24-27, abr. 1934.

PASSOS, Placidino. Instruções ao professorado. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 28-35, abr. 1934.

SERVIÇO DE COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 36-41, abr. 1934.

SECRETARIA DO INTERIOR: ATOS OFICIAIS. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 42-49, abr. 1934.

DOS JORNAIS E REVISTAS. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 50-61, abr. 1934.

Ano 1, n. 2, maio 1934

RIBEIRO, Claudionor. Aos professores: circular n. 3, expedida a 20 de abril transáto aos professores do Estado. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 1, maio 1934.

MEIRELES, Arthur. O serviço medico escolar em face da educação e da saúde. Palestra lida no Dia da Saude, da Semana da Educação, na Escola Normal "Pedro II". **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 2-7, maio 1934.

PIMENTEL FILHO, Alberto. Didática da língua maternal. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 8-9, maio 1934.

FREITAS, Napoleão de. A educação fisica como fonte de moral. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 10-13, maio 1934.

FRAGA, Christiano. Alberto Torres e os problemas de saúde publica. Conferência dada no Nucleo Espírito-santense da "Sociedade dos amigos Alberto Torres" e na abertura da Semana da Educação. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 14-23, maio 1934.

MORAIS, Felisbina Pinheiro de. A ginastica respiratoria a base da educação fisica. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 24-28, maio 1934.

UNIÃO PAN-AMERICANA. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 29-33, maio 1934.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 34-55, maio 1934.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 57-60, maio 1934.

Ano 1, n. 3, jun. 1934

RIBEIRO, Claudionor. Radio e cinemas escolares. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 1-2, jun. 1934.

QUEIROZ, José. Museus escolares. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 3-4, jun. 1934.

LUZURIAGA, Lorenzo. Conceito de Escola Única. (Capítulo do primeiro livro de Lorenzo Luzuriaga, "A escola única. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 5-12, jun. 1934.

CARDOSO, Celina. A dansa e a ginastica rítmica na educação física feminina. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 13-17, jun. 1934.

OLIVEIRA, Luiz de. Mãe e filho. Poesias escolares. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 18, jun. 1934.

PASSOS, Placidino. Instruções ao professorado. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 19-22, jun. 1934.

RUSCHI, Alexandre. Higiene do atletismo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 23-27, jun. 1934.

PINHEIRO, Elida Gianordoli; MARTINS, Gilmir. Curso de educação sanitária escolar: quais são as principais exigências da escola moderna? **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 28-31, jun. 1934.

PAIXÃO, Nelson Martins. O livro e a imprensa a serviço da educação. Conferência lida no Grupo Escolar "Professor Lellis" na Semana da Educação. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 32-38, jun. 1934.

ACADEMIA TECNICA BRASILEIRA. A nova ciencia de "ver". **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, [s. p.], jun. 1934.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 39-55, jun. 1934.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 56-57, maio 1934.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 58-60, maio 1934.

Anno 1, n. 6, set. 1934

CUNHA, Wolmar Carneiro da. Aos professores. Foi expedida a 3 de setembro corrente a seguinte circular 4 a todos os professores deste Estado. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 1, set. 1934.

RIBEIRO, Claudionor. O problema da Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 2-3, set. 1934.

PASSOS, Placidino. O magistério Primário. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 4-6, set. 1934.

QUEIROZ, José. Museus escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 7-8, set. 1934.

LOFEGO, Eliseu. Programmas de ensino. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 9, set. 1934.

SOUZA, Moreira de. Relatório Geral dos trabalhos do VI Congresso Nacional de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 10-17, set. 1934.

ALBUQUERQUE, José de. Educação Sexual. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 19-20, set. 1934.

GOMES, Francisco. A assistência dentária a's escolas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 21-22, set. 1934.

RATTES, Nina de Moraes. Plano de Aula. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 23-24, set. 1934.

COMMUNICADO da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministerio da Educação e da Saude Publica. Principaes classificações dos estabelecimentos de ensino. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 25-28, set. 1934.

COMMUNICADO da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministerio da Educação e da Saude Publica. A segunda semana ruralista. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 29-31, set. 1934.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 33-51, set. 1934.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 52-54, set. 1934.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 55-57, set. 1934.

Anno 1, n. 7-8, out.-nov. 1934

RIBEIRO, Claudionor. A educação e o porvir do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 1-2, out.-nov. 1934.

VALLE, Euripedes Queiroz do. Um percursor anonymo da escola moderna. Especial para a "Revista de Educação". **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 3-4, out.-nov. 1934.

LOFÊGO, Eliseu. A orthographia constitucional. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 5-6, out.-nov. 1934.

QUEIROZ, José. Museus Escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 7-8, out.-nov. 1934.

SAMPAIO, Alberto. Contribuição da Escola Regional, para o melhoramento do habitat rural. O ensino e os subsídios technicos. Conferencia da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 9-26, out.-nov. 1934.

MADEIRA, Carlos. Educação Physica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 27-32, out.-nov. 1934.

ALBUQUERQUE, José. As questões sexuaes em face da política. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 33-34, out.-nov. 1934.

RIBEIRO, Mario Bossois. A inspecção medica e a educação sanitaria escolar do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 35-40, out.-nov. 1934.

COMMUNICADO da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministerio da Educação e da Saude Publica. As publicações do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 41-43, out.-nov. 1934.

COMMUNICADO da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministerio da Educação e da Saude Publica. O décimo aniversário da Associação Brasileira de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 44-46, out.-nov. 1934.

HERKENHOFF, Lucilia. Plano de aula para o 3º ano. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 47-48, out.-nov. 1934.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 51-68, out.-nov. 1934

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 69-72, out.-nov. 1934.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 73-76, out.-nov. 1934.

Anno 1, n. 9, dez. 1934

RIBEIRO, Claudionor. Educação Progressiva. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 1-2, dez. 1934.

LOFÊGO, Eliseu. Analyse logica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 3-4, dez. 1934.

QUEIROZ, JOSÉ. Museus escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 5-6, dez. 1934.

GUIMARÃES, Ernesto da Silva. O radio como fator educacional. These apresentada ao primeiro congresso Catholico de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 7-11, dez. 1934.

BRAGA, Newton. Conversa. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 12-13, dez. 1934.

DERENZI, Luiz. O ensino da mathematica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 14-15, dez. 1934.

NOGUEIRA, Maria Aparecida. A educação physica como factor de progresso. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 16-28, dez. 1934.

VITORINO, José. A escola moderna e a política. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 29-31, dez. 1934.

SANTOS NETTO, Ananias dos. Educação Physica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 32-33, dez. 1934.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 35-48, dez. 1934.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 49-52, dez. 1934.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 53-54, dez. 1934.

Anno 1, n. 10-11, jan.-fev. 1935

RIBEIRO, Claudionor. Alberto de Almeida. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 1-5, jan.-fev. 1935.

QUEIROZ, José. Museus Escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 6-9, jan.-fev. 1935.

MARCHIORI, Oswaldo. A escola nova e os methodos activos. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 10-13, jan.-fev. 1935.

UBALDO, Domingos. Glycinias. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 14-16, jan.-fev. 1935.

DERENZI, Luiz. O ensino da mathematica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 17-19, jan.-fev. 1935.

LOUREIRO, SYLVIA Carlos. Educação physica – seus effeitos physiologicos. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 20-28, jan.-fev. 1935.

CAMPOS, Humberto de. Hindenburg em Tannenbergr. Um capítulo do livro de Humberto de Campos: “Destinos...”. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 29-31, jan.-fev. 1935.

ASSIS, F. Eujenio de. O prazer do professor. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 32-37, jan.-fev. 1935.

AMERICANO, Lydia Franco. O methodo analytico de leitura. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 38-43, jan.-fev. 1935.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 44-49, jan.-fev. 1935.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 50-54, jan.-fev. 1935.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 55-59, jan.-fev. 1935.

Anno 2, n. 12, mar. 1935

RIBEIRO, Claudionor. Os Clubes Agrícolas Escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 1-2, mar. 1935.

UBALDO, Domingos. Amor á primeira vista. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 3-4, mar. 1935.

MOTTA, Flaviana G. Rumos certos. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 5-8, mar. 1935.

SAMPAIO, A. J. de. Principios e fins dos clubes agrícolas escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 9, mar. 1935.

MIRANDA, Adyr. Ligeiras apreciações sobre a educação physica da mulher. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 10-15, mar. 1935.

RIBEIRO, Orlandina. Como o Methodo Francês satisfaz a exigência da educação physica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 16-21, mar. 1935.

QUEIROZ, José. Museus escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 22-24, mar. 1935.

MENDES, Waldemar. Discurso de paranympo. Pronunciado na collação de grão da turma de 1934 da Escola Normal "Moniz Freire" de Cachoeiro de Itapemirim. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 29-37, mar. 1935.

CLUBES Agrícolas Escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 38-44, mar. 1935.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 45-57, mar. 1935.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 58-60, mar. 1935.

Anno 2, n. 13, abr. 1935

RIBEIRO, Claudionor. Etapa gloriosa. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 1-2, abr. 1935.

QUEIROZ, José. Museus escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 3-4, abr. 1935.

BRAGA, Newton. Eu quero saber. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 5-7, abr. 1935.

UBALDO, Domingos. Está certo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 8-11, abr. 1935.

MANSUR, Stella Ferreira. Importancia dos exercicios phisicos. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 12-14, abr. 1935.

NEVES, Florisbello. Novos rumos. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 15-16, abr. 1935.

VIEIRA, Enoe Bruzzi. Duas palavras sobre introdução da methodologia. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 17-18, abr. 1935.

NEVES, Dalila. Os jogos na educação phisica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 19-21, abr. 1935.

ESTATÍSTICA escolar do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 24-30, abr. 1935.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 31-41, abr. 1935.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 42-44, abr. 1935.

Anno 2, n. 14, maio 1935

RIBEIRO, Claudionor. 4º Centenario da colonização do Estado do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 1-2, maio 1935.

BLEY, João Punaro. Ensino publico. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 5-10, maio 1935.

FREIRE, Mario A. Alguns dados sobre o ensino no passado. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 11-12, maio 1935.

LIMA, Barbosa (Aristophanes). Doctus Sine Libro. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 13-15, maio 1935.

QUEIROZ, José. Museus escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 16-17, maio 1935.

LOFÊGO, Eliseu. A ortographia simplificada ainda está em vigor. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 18-19, maio 1935.

DERENZI, Luiz. O ensino da mathematica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 20-21, maio 1935.

MARCHIORI, Oswaldo. A dramatização. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 22-27, maio 1935.

ARAUJO, Aloyr Queiroz de. A educação physica no gymnasio do Esp. Santo. Relatório apresentado á Inspectoria de Educação Physica referente ao periodo lectivo de 1934. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 28-40, maio 1935.

UBALDO, Domingos. Aldeias escolares (da socialização pela escola). **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 45-50, maio 1935.

CASTELLO, Judith Leão. A educação funcional e a moral nas escolas. Instituições pedagogicas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 51-59, maio 1935.

MENDES, Waldemar. Colonização. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 60-61, maio 1935.

BRAGA, Newton. Tirar a escola das salas de aula. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 62-63, maio 1935.

PASSOS, Placidino. Plano de Ensino da geographia e da historia na escola rural. Parte final do trabalho apresentado ao 1º Congresso de Ensino Regional, realizado na Bahia, em novembro do anno p. passado. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 64-75, maio 1935.

RAMOS, Newton. A conquista do novo methodo de ensino. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 76-77, maio 1935.

MORAES, Ormando de. Exames. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 78-79, maio 1935.

NEVES, Nilo. Sempre o mesmo thema. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 80-81, maio 1935.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 82-89, maio 1935.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 90-91, maio 1935.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 92-93, maio 1935.

Anno 2, n. 15-16, jun.-jul 1935

RIBEIRO, Claudionor. Radio Club do Espirito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 1-2, jun.-jul. 1935.

VIDAL, José. Universidade Nacional de ensino técnico rural. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 2-16, jun.-jul. 1935.

ATHAYDE, Antonio. A semantica do vocabulo indigena capichaba. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 16-36, jun.-jul. 1935.

BRASILIENSIS, seu bahyensis beatificationis & Canonizationis venerabilis servi dei Joseph de Anchieta Sarcedotis Profeffi JESU. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, s.p., jun.-jul. 1935.

QUEIROZ, José. Museu Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 39-42, jun.-jul. 1935.

LOFÊGO, Eliseu. Língua Brasileira. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 43-44, jun.-jul. 1935.

MOCKEL, Jurandir Baggio. Educar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 45-47, jun.-jul. 1935.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. Como é recebida a Revista de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 48, jun.-jul. 1935.

BANDEIRA, João. Minha Terra. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 49, jun.-jul. 1935.

GREPPE, Alice. Porque devemos aplicar a Educação Physica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 50-64, jun.-jul. 1935.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 65-69, jun.-jul. 1935.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 70, jun.-jul. 1935.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 71-74, jun.-jul. 1935.

Anno 2, n. 17-18-19, ago.- set.- out. 1935

RIBEIRO, Claudionor. Congressos de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 1-2, ago.-set.-out. 1935.

BASTOS, João. Discurso. Pronunciado na instalação do 1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico da 3ª região escolar, com sede na cidade de Alegre. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 9-11, ago.-set.-out. 1935.

MATTOS, Arnulpho. Em prol do ensino. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 12-18, ago.-set.-out. 1935.

PASSOS, Placidino. Educação pelo interesse. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 19-26, ago.-set.-out. 1935.

ARAÚJO, Durval. Estatística escolar. Trabalho apresentado no 1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 27-31, ago.-set.-out. 1935.

ARAUJO, Durval. Escripuração escolar e estatística. (contribuição ao 1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico da 3ª região escolar com sede na cidade de Alegre). **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 32-40, ago.-set.-out. 1935.

MEIRELES, Arthur. A educação sanitaria e o futuro do Brasil. Trabalho apresentado no 1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico da 3 região escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 41-47, ago.-set.-out. 1935.

LEMOS, Alfredo. A criação dos bancos escolares nos nossos estabelecimentos de educação. Palestra proferida no Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico em Alegre. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 48-49, ago.-set.-out. 1935.

SOARES, José Augusto. O professor e a prophylaxia da lepra. Trabalho apresentado no 1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 50-52, ago.-set.-out. 1935.

UBALDO, Domingos. Denominações e construções de escolas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 53-59, ago.-set.-out. 1935.

COSTA, João Ribas da. O que faltou dizer no Congresso Pedagógico. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 60-64, ago.-set.-out. 1935.

SANTOS, Maria Leonidia Pereira dos. O ensino da geografia na escola primária. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 65-71, ago.-set.-out. 1935.

ANCHIETA, Manoel Carvalho de. Ligeira apreciação sobre a educação physica da criança. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 72-79, ago.-set.-out. 1935.

SOUZA, Custodia Gomes de. O ensino das sciencias physicas e naturaes na escola primaria. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 80-86, ago.-set.-out. 1935.

FEU ROSA, Alvara. O desenho applicado ás diversas disciplinas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 97-101, ago.-set.-out. 1935.

TORRES, Rita Monteiro. O ensino da geografia. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 102-106, ago.-set.-out. 1935.

VIEIRA, Enoe Bruzzi. Como educar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 107-112, ago.-set.-out. 1935.

RODRIGUES, Carmem Wanderley. Qualidades do professor. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 113-117, ago.-set.-out. 1935.

PINHEIRO, Maria de Lourdes. Os primeiros ensaios da formação moral e intellectual. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 118-125, ago.-set.-out. 1935.

SILVA, Maria F. de Paiva Monteiro. Evoluções da musica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 126-129, ago.-set.-out. 1935.

PASSOS, Placidino. Planos de aulas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 130-136, ago.-set.-out. 1935.

MARCHIORI, Oswaldo. Planos de aulas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 137-139, ago.-set.-out. 1935.

TORRES, Rita Monteiro. Planos de aulas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 140-141, ago.-set.-out. 1935.

SOUZA, Custodia Gomes de. Planos de aulas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 142-143, ago.-set.-out. 1935.

FEU ROSA, Alvara. Planos de aulas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 144-146, ago.-set.-out. 1935.

SANTOS, Maria Leonidia Pereira. Planos de aulas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 147-153, ago.-set.-out. 1935.

MIRANDA, Néa M. Planos de aulas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 154-155, ago.-set.-out. 1935.

MALTA, Honorilda Pimentel. Plano de aula. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 156-157, ago.-set.-out. 1935.

VIEIRA, Enoe Bruzzi. Planos de aulas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 158-160, ago.-set.-out. 1935.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 161-188, ago.-set.-out. 1935.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 189-190, ago.-set.-out. 1935.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 191-200, ago.-set.-out. 1935.

Anno 3, n. 22, mar. 1936

RIBEIRO, Claudionor. Colônias de Férias. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 1-3, mar. 1936.

JINARAJADASA, C. O professor e a creança. Conferencia pronunciada no Instituto de Educação, do Distrito Federal, a 10 de maio de 1934. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 4-13, mar. 1936.

SANTOS, Maria Leonidia Pereira. Comenius. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 15-16, mar. 1936.

BABTISTA, Deusdedit. Exames de admissão. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 17-18, mar. 1936.

AZEVEDO, Irene Mattos de. A finalidade da educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 21-22, mar. 1936.

MIRANDA N'ea Morgade de. Uma aula de geographia. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 23-24, mar. 1936.

BARRETO FILHO. Velho coqueiro. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 25, mar. 1936.

PINHEIRO, Aurelio. Malhado. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 26-28, mar. 1936.

CLUBE Agrícola Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 29-35, mar. 1936.

CINE-RADIO escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 36-37, mar. 1936.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 38-50, mar. 1936.

SOCIEDADE dos amigos de Alberto Torres. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 53-81, mar. 1936.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 82-84, mar. 1936.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 85, mar. 1936.

Anno 3, n. 23-24, jul.-ago. 1936

3.^a EXPOSIÇÃO de Imprensa Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 1-2, jul.-ago. 1936.

RIBEIRO, Claudionor. O dia Pan-Americano. Palestra proferida no Grupo Escolar "Gomes Cardim" a 14 de abril transacto, por ocasião da cerimônia inaugural da 3^a Exposição de Imprensa Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 5-8, jul.-ago. 1936.

MATTOS, Arnulpho. História que se repete. Palestra pronunciada na inauguração da 3^a Exposição de imprensa Escolar, nesta capital. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 9-12, jul.-ago. 1936.

PAULA, Raul de. A Obra Torreana n'uma visão retrospectiva. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 15-20, jul.-ago. 1936.

FRAGA, Christiano. A acção da S. A. A. T. no movimento educacional brasileiro. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 21-25, jul.-ago. 1936.

PASSOS, Placidino. Os clubs agricolas escolares. Palestra lida na vigência da 3ª Exposição de Imprensa Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 26-33, jul.-ago. 1936.

MATTOS, Archimimo. Recordar é viver. Palestra no encerramento da Semana de Educação e Imprensa Escolar realizada no Grupo Escolar "Gomes Cardim". **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 34-43, jul.-ago. 1936.

MONJARDIM, Americo. A alimentação como fonte de saúde. Palestra feita no "Rotary Club de Vitoria", na reunião-almoço de 9 de março no corrente anno, a convite especial do Club. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 44-51, jul.-ago. 1936.

RODRIGUES, Francisca. Em marcha para a civilização rural. Discurso pronunciado pela sra. Francisca Rodrigues, na Assembléia Legislativa de São Paulo, na sessão de 21 de agosto de 1935. Exposições do sr. dr. Luiz Piza Sobrinho, secretario da Agricultura do Estado, a proposito da instituição dos cargos de agronomos municipaes e dos Clubs do Trabalho. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 52-64, jul.-ago. 1936.

KOLODI, Rosa. Plano para o ensino das sciencias naturaes. Para as escolas primarias onde existe Clube Agrícola. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 67-69, jul.-ago. 1936.

FAGUNDES, Abel. Valor do Club Agricola. Collaboração dos Clubs Agricolas Escolares para a 3ª Exposição de Imprensa Infantil. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 70-74, jul.-ago. 1936.

RESENDE, Celina Amelia de. Plano de aula. Para ser desenvolvido em uma classe do 4º anno dos Grupos Escolares de Minas Gerais. Colaboração da Federação dos Clubs Agricolas Escolares para a 3ª Exposição de Imprensa Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 77-82, jul.-ago. 1936.

SILVA, Rosalina Almeida da. O dia das Américas. Discurso proferido a 14 de abril do corrente, na festa commemorativa do Dia Pan-Americano, em homenagem ao dr. Raul de Paula, diretor da S. A. A. T., em Victoria, na inauguração da 3ª Exposição de Imprensa Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 83-84, jul.-ago. 1936.

CINE-RADIO Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 85, jul.-ago. 1936.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 87-104, jul.-ago. 1936.

SOCIEDADE dos amigos de Alberto Torres. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 105-107, jul.-ago. 1936.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 108-109, jul.-ago. 1936.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 110-112, jul.-ago. 1936.

JORNAES PREMIADOS na 3ª Exposição de Imprensa Escolar. (Anexo). **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, s. p., jul.-ago. 1936.

Anno 3, n. 25-26-27-28, set.-out. -nov.-dez. 1936

RIBEIRO, Claudionor. Congresso de Educação Rural. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 1-2, set.-out.-nov.-dez. 1936.

MATTOS, Arnulpho. Discurso de paronympho. Pronunciado a 30 de novembro do anno vigente na festa de despedida dos alumnos da 5.ª série do Gymnasio do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 3-7, set.-out.-nov.-dez. 1936.

RAMIREZ, Rafael. O México e sua educação rural. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 8-12, set.-out.-nov.-dez. 1936.

RIBEIRO, Mario Bossois. As colonias de ferias e o serviço medico escolar no Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 13-19, set.-out.-nov.-dez. 1936.

BASTOS, João. Pela educação. Discurso proferido em o expediente da sessão 12/5/936 da Assembléa Legislativa. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 20-28, set.-out.-nov.-dez. 1936.

FREITAS, M. A. Teixeira de. Instituto Nacional de Estatística. Discurso pronunciado em maio transacto na inauguração do Instituto Nacional de Estatística. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 29-35, set.-out.-nov.-dez. 1936.

SYLVIO, Azevedo. Saudação. Proferida a 16 de setembro de 1936, quando visitou aquele importante educandario paulista o prof. Claudionor Ribeiro, nosso diretor-redator, que foi a São Paulo em visita de intercambio cultural, em convite da Bandeira Paulista de Alfabetisação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 36-37, set.-out.-nov.-dez. 1936.

NOGUEIRA, Jovita. Ligeiros comentarios sobre a higiene e a educação fisica no Brasil. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 38-44, set.-out.-nov.-dez. 1936.

CRUZ, Noemia Saraiva de Matos. Educação Rural. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 45-51, set.-out.-nov.-dez. 1936.

MARTINS, Alceu; AUTUORI, Mario. Educação Rural campanha contra as saúvas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 52-56, set.-out.-nov.-dez. 1936.

CINE-RADIO Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 57-63, set.-out.-nov.-dez. 1936.

SECÇÃO Litteraria. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 64-67, set.-out.-nov.-dez. 1936.

ESCOTISMO. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 68-70, set.-out.-nov.-dez. 1936.

SOCIEDADE dos amigos de Alberto Torres. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 71-74, set.-out.-nov.-dez. 1936.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 75-135, set.-out.-nov.-dez. 1936.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 136-137, set.-out.-nov.-dez. 1936.

PERLUSTRANDO Revistas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 138-140, set.-out.-nov.-dez. 1936.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 141-144, set.-out.-nov.-dez. 1936.

Anno 4, n. 29, maio. 1937

RIBEIRO, Claudionor. Bibliothecas circulantes. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, s.p., maio 1937.

RAMALHETE, Ulysses. O ensino thecnico secundario no Districto Federal. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, s.p., maio 1937.

PINHEIRO, Mario. Alimentação sadia em prol das cantinas escolares. Palestra feita a 14 de novembro de 1935 para o professorado do Grupo Escolar Flavio dos Santos em Bello Horizonte. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 5-33, maio 1937.

ESCOTISMO. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 34., maio 1937.

FEU ROSA, Alvara. Quinzena Feminina. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, s.p., maio 1937.

BANDEIRA, J. Pinto de. Uma aula de oportunidade. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, s.p., maio 1937.

GONÇALVES, Eloah. A escola, o mestre, seu methodo de ensino. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, s.p., maio 1937.

SECÇÃO Literária. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 51-54, maio 1937.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 55-59, maio 1937.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 60-61, maio 1937.

Anno 4, n. 30-31, jun.-jul. 1937

ASPECTOS Mexicanos. A casa do povo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 1-5, jun.-jul. 1937.

FREITAS, O. Rodrigues de. Congresso de Ensino Rural. A política de ruralização. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 6-8, jun.-jul. 1937.

MORAES, Ormando de. Carta aberta ao professor de curso de ferias. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 9-10, jun.-jul. 1937.

CASTELLO, Jacy Leão. Lição de cousas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 11-12, jun.-jul. 1937.

CINE-RADIO Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 13-16, jun.-jul. 1937.

ESCOTISMO. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 17-18, jun.-jul. 1937.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 19-41, jun.-jul. 1937.

NOVAES, Americo de. O Espírito Santo que eu vi (Serras do Brasil). Secção Literária. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 42-45, jun.-jul. 1937.

BITTENCOURT, Regina. Minha Filha, Secção Literaria. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 45-46, jun.-jul. 1937.

BIBLIOGRAFIA PEDAGOGICA. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 48-51, jun.-jul. 1937.

NOTAS & INFORMAÇÕES. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 52-61, jun.-jul. 1937.

APÊNDICE B

CATÁLOGO DAS SEÇÕES DA REVISTA DE EDUCAÇÃO (1934-1937)

Ano 1, n. 1, abr. 1934

RIBEIRO, Claudionor. Serviço de Cooperação e Extensão Cultural: circular n. 1. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 36, abr. 1934.

RIBEIRO, Claudionor. Serviço de Cooperação e Extensão Cultural: circular n. 2. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 37-40, abr. 1934.

SERVIÇO de Cooperação e Extensão Cultural. Uma carta que vale por um programa. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 40-41, abr. 1934.

SECRETARIA do Interior: Atos Oficiais. Resolução n. 326: regulamenta o Serviço de Educação pelo rádio e cinemas escolares. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 42-46, abr. 1934.

SECRETARIA do Interior: Atos Oficiais. Decreto n. 4. 316: equipara a Escola Normal “Pedro II” a Escola Normal mantida pelo município de Alegre. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 46-49, abr. 1934.

SECÇÃO de Propaganda do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural. Nova vitória do escotismo – o governo do Estado do Espírito Santo oficializa o movimento das bandeirantes. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, p. 50-53, n. 1, abr. 1934.

SECÇÃO de Propaganda do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural. O “Bandeirantismo” no Estado do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 53-54, abr. 1934.

SECÇÃO Cooperação e Extensão Cultural, do Diário da Manhã. Grupo Escolar “João Punaro Bley”. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 54-55, abr. 1934.

“CORREIO SUL” de Cachoeiro de Itapemirim, de 9-10-933. Cinema educativo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 55-56, abr. 1934.

“DIÁRIO DA MANHÃ”, de Vitória, DE 25-3-934. Governo que promete realiza. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 56-57, abr. 1934.

ESPINHEIRA, Ariosto. Atividades radio-escolares no Uruguai. Da Secção Educação e Ensino, do “Jornal do Brasil” – 27-3-934. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 57-58, abr. 1934.

TOMANIK, Octacilio. O cooperativismo na escola. Da “Revista do Professor” – São Paulo – março de 1934. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 1, p. 58-61, abr. 1934.

Ano 1, n. 2, maio 1934

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. O Cinema nas escolas do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 35-36, maio 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Vitória e o movimento Bandeirante. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 36-37, maio 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. A União Pan-Americana e o SCEC. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 38-39, maio 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. A fraternidade pela escola. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 39, maio 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Os trabalhos de fim de curso da Inspetoria de Educação Física. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 40-41, maio 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Imprensa Escolar: como organizar um jornal educativo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 41-42, maio 1934.

PENA, J. B. Damasco. Iniciação do estudo da medida da inteligência. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 42-50, maio 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Movimento estatístico do Estado do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 50-51, maio 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Sumula da estatística escolar do Estado em 1933. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 51-55, maio 1934.

NOTAS & Informações. Dr. Fernando Duarte Rabelo. Cap. Wolmar Carneiro da Cunha. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 57, maio 1934.

NOTAS & INFORMAÇÕES. Nosso aparecimento. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, p. 57-60, maio 1934.

Ano 1, n. 3, jun. 1934

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Educadoras Sanitárias. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 39-40, jun. 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. O radio e o ensino das linguas. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 41-43, jun. 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Educação Física. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 43-45, jun. 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Solucionando um difícil problema de odontologia. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 45-48, jun. 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Educação Física em Minas Gerais. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 48-49, jun. 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Estado e Educação. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 49-52, jun. 1934.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Clubes Agrícolas Escolares. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 52-55, jun. 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Alda Pereira da Fonseca – Ler e Aprender - J.R. de Oliveira e Cia. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 56, maio 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Esmeralda A. Lobo – História do Brasil - J.R. de Oliveira e Cia. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 56-57, maio 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Esmeralda A. Lobo – Mapas Mudos História do Brasil - J.R. de Oliveira e Cia. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 57, maio 1934.

NOTAS & Informações. Ainda o nosso aparecimento. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 58-59, maio 1934.

PASSOS, Palcidino. 2 de maio de 1934: circular. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 58-59-60, maio 1934.

NOTAS & Informações. A nossa capa. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 60, maio 1934.

NOTAS & Informações. Sumula da estatística escolar do Espírito Santo de 1933. **Revista de Educação**, Vitória, ano 1, n. 3, s.p., maio 1934.

Anno 1, n. 6, set. 1934

BOLETIM de Informações e Estatísticas da Fazenda. A moderna legislação sobre o ensino no Estado do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 33-40, set. 1934.

JORNAL do Brasil. Educação Pan-Americana. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 40-43, set. 1934.

O JORNAL. A tarefa da nova Educação Physica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 43-44, set. 1934.

JORNAL do Brasil. Entre dois mundos. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 44-46, set. 1934.

O PAIZ. Campanha de higiene dentária infantil. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 46-48, set. 1934.

MEDEIROS e Albuquerque. Novidades educacionais. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 48-49, set. 1934.

BRANCO, Castello. Educação Physica e educação intelectual. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 49-51, set. 1934.

SOUZA, J. Moreira de. Por uma escola melhor. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 52-53, set. 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Boletim da Região Escolar de Cachoeiro de Itapemirim (Espírito Santo). **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 54-55, set. 1934

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Amorara (Jornal do Escotismo – Victoria – Espírito Santo). **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 54, set. 1934

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Boletim de Estatística e Informações (Secretaria da Fazenda –Victoria – Espírito Santo). **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 54, set. 1934

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Publicações recebidas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 54, set. 1934

NOTAS & Informações. Eficiência didática. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 55, set. 1934.

NOTAS & Informações. O dia da Pátria. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 55, set. 1934.

NOTAS & Informações. O dia da árvore. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 56-57, set. 1934.

NOTAS & Informações. Biblioteca Irradiante. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 6, p. 57, set. 1934.

Anno 1, n. 7-8, out.-nov. 1934

DIÁRIO da Manhã. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 51-52, out.-nov. 1934.

COUTO, Ribeiro. A promoção por media e a escola do meu tempo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 52-55, out.-nov. 1934.

WRIGHT, Pearl M.; BOEH, Louis G. A avicultura na escola primária. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 56-63, out.-nov. 1934.

GUIDO, Amalia. Cultura Physica feminina - A educação do insticto do rythmo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 63-66, out.-nov. 1934.

EYER, Frederico. Como e quando se escovar os dentes. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 66-68, out.-nov. 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. M. A. Teixeira de Freitas – O ensino primário no Brasil – Comp. Melhoramentos de São Paulo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 69-70, out.-nov. 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. O Collegial – Grupo Escolar “José Cupertino”, de Afonso Cláudio, nesse Estado. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 70, out.-nov. 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Vida Acadêmica – Victoria – E. E. Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 70, out.-nov. 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Publicações recebidas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 70, out.-nov. 1934.

NOTAS & Informações. Grupo Escolar Bodart Junior. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 73-74, out.-nov. 1934.

NOTAS & Informações. Demonstração de Educação Physica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 74-75, out.-nov. 1934.

NOTAS & Informações. Exposição de trabalhos manuaes. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 75, out.-nov. 1934.

NOTAS & Informações. Primeiro Congresso Brasileiro de Ensino Regional. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 75, out.-nov. 1934.

NOTAS & Informações. Exposição de Jornaes escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 75, out.-nov. 1934.

NOTAS & Informações. União Pan-Americana. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 76, out.-nov. 1934.

NOTAS & Informações. Biblioteca Irradiante. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 76, out.-nov. 1934.

NOTAS & Informações. Tabella de annuncios. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 7-8, p. 76, out.-nov. 1934.

Anno 1, n. 9, dez. 1934

RIBEIRO, Claudionor. O avanço pedagógico do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 35-40, dez. 1934.

ESTADO de Minas. Bibliothecas infantis na Itália. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 40-41, dez. 1934.

LEMOS, Floriano de. Mortalidade Infantil. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 41-44, dez. 1934.

PENALVA, Gastão. Sua magestade a criança. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 44-48, dez. 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Archivos do Instituto de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 49-50, dez. 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. ALPHA – Asvio Deus Christo e Caridade. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 50, dez. 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. A Voz do Estudante – Órgão do Centro Estudantil Capichaba. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 51, dez. 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. O pequeno agricultor. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 51-52, dez. 1934.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Publicações recebidas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 52, dez. 1934.

NOTAS & Informações. O Ceará e a abolição da escravidão. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 53, dez. 1934.

NOTAS & Informações. Carlos Gomes. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 53, dez. 1934.

NOTAS & Informações. O Monte Everest. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 53, dez. 1934.

NOTAS & Informações. O Bibliotheca Irradiante. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 9, p. 53-54, dez. 1934.

Anno 1, n. 10-11, jan.-fev. 1935

DINIZ FILHO, Carlos. A instrução no estado do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 44-45, jan.-fev. 1935.

DIÁRIO da Manhã. Segunda exposição de imprensa escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 45-47, jan.-fev. 1935.

CORREIO Mineiro. Exercício physico: sua acção therapeutica e prophylatica. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 47-49, jan.-fev. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. José Américo de Almeida – O Boqueirão – Livraria José Olympio Editora. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 50-51, jan.-fev. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Á sombra das tamareiras (2ª edição). **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 51-52, jan.-fev. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Memórias (7ª edição). **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 52-53, jan.-fev. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Cruzada Nacional de Educação – dezembro – n. 1 – Rio. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 53-54, jan.-fev. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Publicações recebidas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 53, jan.-fev. 1935.

NOTAS & Informações. Como é recebida a Revista de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 55-57, jan.-fev. 1935.

NOTAS & Informações. Bibliotheca Irradiante. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 57-59, jan.-fev. 1935.

NOTAS & Informações. A nossa capa. **Revista de Educação**, Vitória, anno 1, n. 10-11, p. 59, jan.-fev. 1935.

Anno 2, n. 12, mar. 1935

ELEUTHERIO, Paulo. O ensino público no Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 45-48, mar. 1935.

GUIMARÃES, Oscar Arthur. O Jornal Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 48-50, mar. 1935.

ESTADO de São Paulo. Cinema Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 50-53, mar. 1935.

JANET, Pierre. Problemas de Psychologia. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 53-57, mar. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Opinião Valiosa. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 58-59, mar. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Biblioteca Irradiante. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 12, p. 59-60, mar. 1935.

Anno 2, n. 13, abr. 1935

SILVEIRA, José Gomes da. A sericicultura na escola primaria. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 31-35, abr. 1935.

COMMUNICADO da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública. A conservação dos monumentos de arte e história. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 35-37, abr. 1935.

COMMUNICADO da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública. A estatística bibliotecária no Brasil. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 37-40, abr. 1935.

NOTAS & Informações. Expressões gentis. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 42-43, abr. 1935.

NOTAS & Informações. Discurso de Paranymptho. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 13, p. 43-44, abr. 1935.

Anno 2, n. 14, maio 1935

ABREU, Fernando de. Psychologia. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 82-89, maio 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. C. Oliveira – Semana Verbal. Jacintho Ribeiro dos Santos – Editor. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 90-91, maio 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Vida Colegial – órgão dos alunos do Grupo Escolar Professor Lellis. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 90-91, maio 1935.

NOTAS & Informações. Capitão Wolmar Carneiro da Cunha. Dr. Manoel Clodoaldo Linhares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 92, maio 1935.

NOTAS & Informações. Duas palavras sobre introdução a metodologia. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 14, p. 92-93, maio 1935.

Anno 2, n. 15-16, jun.-jul 1935

ABREU, Fernando de. Objectos da psychologia. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 65-69, jun.-jul. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Folha Escolar – Affonso Cláudio - E. E. Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 70, jun.-jul. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. O Estudante – Cachoeiro de Itapemirim - E. E. Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 70, jun.-jul. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Publicações recebidas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 70, jun.-jul. 1935.

NOTAS & Informações. Primeiro Congresso de aperfeiçoamento pedagógico do professorado da 3ª região escolar do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 15, p. 71-74, jun.-jul. 1935.

Anno 2, n. 17-18-19, ago.- set.- out. 1935

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Mensagem da Academia Espírito Santense dos novos. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 161-163, ago.-set.-out. 1935.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Primeiro Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 164-178, ago.-set.-out. 1935.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Resenhas de aulas padrão. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 181-188, ago.-set.-out. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Chanaan. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 189, ago.-set.-out. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Brasil telegraphico. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 189, ago.-set.-out. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Gazeta dos municípios. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 190, ago.-set.-out. 1935.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Publicações recebidas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 190, ago.-set.-out. 1935.

NOTAS & Informações. O congresso se diverte. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 191-195, ago.-set.-out. 1935.

NOTAS & Informações. Relação dos congressistas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 195-196, ago.-set.-out. 1935.

NOTAS & Informações. Actas do Primeiro Congresso Pedagógico de Aperfeiçoamento Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 196-199, ago.-set.-out. 1935.

NOTAS & Informações. Sumário do próximo número da Revista de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 2, n. 17-18-19, p. 200, ago.-set.-out. 1935.

Anno 3, n. 22, mar. 1936

CINE-RADIO escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 36-37, mar. 1936.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Atividades da secção de Cooperação intelectual da união Pan-Americana 1933-1934. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 38-41, mar. 1936.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Comunicados da Associação Brasileira de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 41-50, mar. 1936.

SOCIEDADE dos Amigos de Alberto Torres. Federação Brasileira dos Clubs Agrícolas Escolares. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 53-81, mar. 1936.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. O cego – Alberto de Assis - Escola de Aprendizes de Artífices. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 82, mar. 1936.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Educação rural – Noemia Saraiva de Mattos Cruz – Edições Rio Branco – J. R. de Oliveira e Cia. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 82-83 mar. 1936.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Escola rural – W. W. Coelho e Souza – Edições Rio Branco – J. R. de Oliveira e Cia. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 83-84 mar. 1936.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Na roça – Cartilha rural para alfabetização rápida – Renato Sêneca Fleury. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 83-84 mar. 1936.

NOTAS & Informações. O governo premiará o melhor jornal escolar do estado. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 22, p. 85, mar. 1936.

Anno 3, n. 23-24, jul.-ago. 1936

CINE-RADIO Escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 85, jul.-ago. 1936.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. A 3ª exposição de imprensa escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 87-97, jul.-ago. 1936.

BARBOSA, Luiz José. Bibliothecas circulantes. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 97-98, jul.-ago. 1936.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. A inauguração do Grupo Escolar de Paul. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 98-102, jul.-ago. 1936.

SOCIEDADE dos Amigos de Alberto Torres. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 105-107, jul.-ago. 1936.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Dicionario de Pedagogia Labor – Editorial Labor S.A. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 108-109, jul.-ago. 1936.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Noções de Sociologia – Madre Francisca Pectors – Companhia Melhoramentos de São Paulo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 109, jul.-ago. 1936.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Vou Ler – Brant Horta – J. R. de Oliveira & Cia. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 109, jul.-ago. 1936.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Na roça – Cartilha rural para alfabetização rápida – Renato Sêneca Fleury. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 109, jul.-ago. 1936.

NOTAS & INFORMAÇÕES. O êxito da 3ª exposição de imprensa escolar. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 110-111, jul.-ago. 1936.

NOTAS & INFORMAÇÕES. Bibliothecas circulantes. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, p. 110-111, jul.-ago. 1936.

JORNAES PREMIADOS na 3ª Exposição de Imprensa Escolar. (Anexo). **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 23-24, s. p., jul.-ago. 1936.

Anno 3, n. 25-26-27-28, set.-out. -nov.-dez. 1936

SANTOS, Sylvia Meirelles da Silva. O cinematographo, o radio e o theatro como factores educacionais. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 57-63, set.-out.-nov.-dez. 1936.

PAULA, Raul de. O Vale do Chanaan. Secção Litteraria. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 64-65, set.-out.-nov.-dez. 1936.

ALBUQUERQUE, Maria José. Ararigboia. Secção Litteraria. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 66, set.-out.-nov.-dez. 1936.

MATTOS, Maria Ortiz de. Dezembro. Secção Litteraria. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 66-67, set.-out.-nov.-dez. 1936.

FEDERAÇÃO Espírito Santense de Escoteiros. Escotismo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 68-70, set.-out.-nov.-dez. 1936.

SOCIEDADE dos amigos de Alberto Torres. Aos Clubs Agricolas Estadoaes. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 71-74, set.-out.-nov.-dez. 1936.

DIÁRIO da Manhã. Caixa Escolar "Alzira Bley". **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 75-80, set.-out.-nov.-dez. 1936.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Os problemas do ensino no Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 80-83, set.-out.-nov.-dez. 1936.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Comunicados da Associação Brasileira de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 83-135, set.-out.-nov.-dez. 1936.

BIBLIOGRAFIA Pedagogica. O pequeno escolar – Maximo de Moura Santos – Comp. Editora Nacional. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 136, set.-out.-nov.-dez. 1936.

BIBLIOGRAFIA Pedagogica. Physica 4ª série – pelo prof. Oscar Bergstrom Lourenço. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 136, set.-out.-nov.-dez. 1936.

MATTOS, Maria Ortiz de. Perlustrando Revistas. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 138-140, set.-out.-nov.-dez. 1936.

NOTAS & Informações. **Revista de Educação**, Vitória, anno 3, n. 25-26-27-28, p. 141-144, set.-out.-nov.-dez. 1936.

Anno 4, n. 29, maio. 1937

ESCOTISMO aos paes do novo escoteiro. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 34., maio 1937.

BILAC, Olavo. Oração a bandeira. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 51-53, maio 1937.

PISLARINI, Luiz. Mãe. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 53, maio 1937.

LEONE, Raul de. Soneto. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 54, maio 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. A educação e seus problemas – Fernando de Azevedo – Companhia Editora Nacional. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 55, maio 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Psicologia da infância – Sylvio Rabello – Companhia Editora Nacional. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 55-56, maio 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Botânica e agricultura no Brasil no século XVI – F. C. Hoenne (D.H. Phil pela Universidade de Goettingen) – Companhia Editora Nacional. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 56, maio 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Arqueologia Geral – Anyone Costa (Do Museu Histórico Nacional) – Companhia Editora Nacional. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 56-57, maio 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Aspectos da cultura norte-americana – Gilberto Freire, Afrânio Peixoto e outros – Companhia Editora Nacional. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 57-58, maio 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Viagem as nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás – Augusto Saint-Hilarie – Companhia Editora Nacional. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 58, maio 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. da O visconde de Simimbú – Craveiro Costa – Companhia Editora Nacional. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 59, maio 1937.

NOTAS & Informações. Os bachareis de 1936 da Faculdade de Direito do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 29, p. 60-61, maio 1937.

Anno 4, n. 30-31, jun.-jul. 1937

ESCOTISMO. Os escoteiros “Fernão Dias Paes Leme” de Bello Horizonte. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 17-18, jun.-jul. 1937.

COOPERAÇÃO e Extensão Cultural. Comunicados da Associação Brasileira de Educação. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 19-41, jun.-jul. 1937.

NOVAES, Americo de. O Espírito Santo que eu vi (Serras do Brasil). **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 42-45, jun.-jul. 1937.

BITTENCOURT, Regina. Minha Filha. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 45-46, jun.-jul. 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Santa Catarina – Osvaldo R. Cabral. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 48, jun.-jul. 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. O Brasil visto pelos ingleses – C. de Melo Leitão. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 48-49, jun.-jul. 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Problemas fundamentais do município – Orlando M. de Carvalho. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 49-50, jun.-jul. 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Goteipe e seu tempo – Wanderley Pinho – primeira fase 1815-1867. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 50, jun.-jul. 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. Á margem do Amazonas – Aurélio Pinheiro. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 50, jun.-jul. 1937.

BIBLIOGRAFIA Pedagógica. A instrução e o Império – 2º vol. – Primitivo Moacyr. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 51, jun.-jul. 1937.

NOTAS & Informações. Distribuição de sementes pela sociedade “Luiz Pereira Barreto”. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 52-55, jun.-jul. 1937.

NOTAS & Informações. Ecos do “Mez Feminino” há pouco realizado em Viçosa. **Revista de Educação**, Vitória, anno 4, n. 30-31, p. 55-61, jun.-jul. 1937.

APÊNDICE C

DADOS SOBRE OS AUTORES EM CADA EDIÇÃO DA REES

Ano 1, n. 1, abr. 1934

- Claudionor Ribeiro - Inspetor Técnico do Ensino e Chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural;
- Alberto Pimentel Filho - Professor Catedrático de Psicologia e Pedagogia da Escola do Magistério Primário de Lisboa;
- Elpidio Pimentel - Professor Catedrático do Ginásio do Espírito Santo;
- Alfredo Lemos - Inspetor Técnico do Ensino;
- Domingos Ubaldo - Inspetor Técnico do Ensino em comissão;
- Ciro Vieira da Cunha - Catedrático de Português da Escola Normal; “Pedro II” e Redator-chefe do Diário da Manhã;
- Placidino Passos - Chefe da Inspeção Técnica;
- P. Rossello - Directeur-adjoint;
- Ariosto Espinheira – Professor;
- Octacílio Tomanick - do Departamento de Assistência ao Cooperativismo do Estado.

Ano 1, n. 2, maio 1934

- Claudionor Ribeiro - Inspetor Técnico do Ensino e Chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural;
- Arthur Meireles - Inspetor Médico Escolar;
- Alberto Pimentel Filho - Professor Catedrático de Psicologia e Pedagogia da Escola do Magistério Primário de Lisboa;
- Napoleão de Freitas – Professor de Cultura Física;
- Christiano Fraga – Diretor do Departamento de Saúde Pública;
- Felisbina Pinheiro de Moraes – Professora de Cultura Física.

Ano 1, n. 3, jun. 1934

- Claudionor Ribeiro - Inspetor Técnico do Ensino e Chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural;

- José Queiroz – Diretor da Escola Normal Oficial, de C. de Itapemirim;
- Lorenzo Luzuriaga – Diretor da “Revista Pedagogia”, de Madri;
- Celina Cardoso – Professora de Cultura Física;
- Luiz de Oliveira – da Academia Mineira de Letras;
- Placidino Passos – Assistente Técnico do Ensino;
- Alexandre Ruschi – Professor de Cultura física;
- Elida Gianordoli Pinheiro – Professora;
- Gilmir Martins – Professora;
- Nelson Martins Paixão – Advogado em Alegre;
- Academia Técnica Brasileira.

Anno 1, n. 6, set. 1934

- Wolmar Carneiro da Cunha – Secretário do Interior;
- Claudionor Ribeiro;
- Placidino Passos;
- José Queiroz;
- Eliseu Lofego – Lente de Idioma Nacional da Escola Normal Oficial, de Cachoeiro de Itapemirim;
- Moreira de Souza – Director Geral da Instrução Pública do Ceará;
- Dr. José de Albuquerque – Presidente do Círculo Brasileiro de Educação Sexual;
- Francisco Gomes – Cirurgião-dentista, em C. de Itapemirim;
- Nina de Moraes Rattes – Professoranda da Escola Normal Oficial, de C. de Itapemirim.

Anno 1, n. 7-8, out.-nov. 1934

- Claudionor Ribeiro;
- Euripedes Queiroz do Valle – Juiz e Professor de Direito;
- Eliseu Lofêgo;
- José Queiroz;
- Alberto Sampaio – da Seção de Botânica do Museu Nacional;
- Carlos Madeira;
- José Albuquerque – Serviço Especial do Círculo Brasileiro de Educação Sexual;

- Mario Bossois Ribeiro – Chefe do Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitária Escolar;
- Luciclia Herkenhoff – Professoranda da Escola Normal Oficial, de Cachoeiro de Itapemirim.

Anno 1, n. 9, dez. 1934

- Claudionor Ribeiro;
- Eliseu Lofêgo;
- José Queiroz;
- Ernesto da Silva Guimarães – Juiz de Direito da 1ª Vara da Comarca de Vitória – E. Santo;
- Newton Braga – Lente da 1ª cadeira de Idioma Nacional da Escola Normal de “Muniz Freire”, de Cachoeiro de Itapemirim;
- Luiz Derenzi – Lente da Escola Normal de “Muniz Freire”, de Cachoeiro de Itapemirim;
- Maria Aparecida Nogueira – Professora de Educação Física.
- José Vitorino – Lente de História da Civilização da Escola Normal, de Muqui.
- Ananias dos Santos Netto – Inspetor Técnico de Ensino;

Anno 1, n. 10-11, jan.-fev. 1935

- Claudionor Ribeiro;
- José Queiroz – Diretor da Escola Normal “Moniz Freire”, de Cachoeiro de Itapemirim;
- Oswaldo Marchiori – Diretor do Grupo Escolar “Bernardino”, de Cachoeiro de Itapemirim;
- Domingos Ubaldo – Diretor do Grupo Escolar “Alberto de Almeida”, de Vitória;
- Luiz Derenzi – Lente da Escola Normal “Moniz Freire”, de C. de Itapemirim;
- Sylvia Carlos Loureiro – Professora de Educação Física.
- Humberto de Campos;
- F. Eujenio de Assis – Chefe dos Escoteiros “Gururús”, de Alfredo Chaves;

- Lydia Franco Americano – Professora do Grupo Escolar “Vasco Coutinho”, de Vila Velha.

Anno 2, n. 12, mar. 1935

- Claudionor Ribeiro;
- Domingos Ubaldo;
- Flaviana G. Motta – Professora do Grupo Escolar “D. Pedro II”, de Curitiba.
- J. de Sampaio – da Seção de Botânica do Museu Nacional,
- Adyr Miranda – Professora de Educação Física;
- Orlandina Ribeiro – Professora de Educação Física
- José Queiroz;
- Waldemar Mendes – Lente da Escola Normal “Moniz Freire”, de C. de Itapemirim.

Anno 2, n. 13, abr. 1935

- Claudionor Ribeiro;
- José Queiroz;
- Newton Braga – Lente de Idioma da Escola Normal “Moniz Freire”, de Cachoeiro de Itapemirim;
- Domingos Ubaldo;
- Stella Ferreira Mansur – do Grupo Escolar “D. Pedro II”, de Curitiba;
- Florisbello Neves – Diretor do Grupo Escolar “Quintiliano de Azevedo”, de Cachoeiro de Itapemirim;
- Enoe Bruzzi Vieira – do Grupo Escolar “Marcondes de Souza” de Muqui;
- Dalila Neves – professora de Educação Física.

Anno 2, n. 14, maio 1935

- Claudionor Ribeiro;
- Cap. João Punaro Bley – Governador do Estado do Espírito Santo;
- Mario A. Freire – Membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo e Sub-diretor de Estatística da Prefeitura Municipal do Distrito Federal;
- Barbosa Lima (Aristophanes) – Secretário do Tribunal Eleitoral;

- José Queiroz;
- Eliseu Lofêgo – Lente da Escola Normal “Muniz Freire”, de C. de Itapemirim;
- Luiz Derenzi – Catedrático da Escola Normal “Muniz Freire” de C. de Itapemirim;
- Oswaldo Marchiori - diretor do Grupo Escolar “Bernadino Monteiro” de C. de Itapemirim;
- Aloyr Queiroz de Araújo – Instrutor Geral de Educação Física.
- Domingos Ubaldo – Diretor do Grupo Escolar “Alberto de Almeida”, de Vitória;
- Judith Leão Castello – Catedrática da Escola Normal “Pedro II”, de Vitória;
- Waldemar Mendes – Catedrático de História da Escola Normal Oficial, de C. de Itapemirim;
- Newton Braga – Lente de Idioma Nacional da Escola Norma “Muniz Freire”, de C. de Itapemirim;
- Placidino Passos – Assistente Técnico de Ensino
- Newton Ramos – Lente de Historia Natural da Escola Normal de “Muniz Freire”, de C. de Itapemirim;
- Ormando de Moraes – Professor Normalista;
- Nilo Neves – Lente de Francês da Escola Normal de “Muniz Freire”, de C. de Itapemirim.

Anno 2, n. 15-16, jun.-jul 1935

- Claudionor Ribeiro;
- José Vidal – naturalista;
- Antonio Athayde – Presidente do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo;
- José Queiroz – Inspetor Técnico do Ensino em comissão.
- Eliseu Lofêgo – Lente de Idioma Nacional na Escola Normal Moniz Freire, em C. de Itapemirim;
- Jurandir Baggio Mockel – do Grupo Escolar D. Pedro II, em Curitiba;
- João Bandeira – da Escola Modelo “Jerônimo Monteiro”, de Vitória;
- Alice Greppe – Professora de Educação Física.

Anno 2, n. 17-18-19, ago.- set.- out. 1935

- Claudionor Ribeiro;
- João Bastos – Diretor do Departamento de Ensino Público;
- Arnulpho Mattos – Presidente do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo, Diretor e Catedrático aposentado da Escola Normal “Pedro II”, membro da Comissão Especial do Estado, Presidente da Liga Esp. Sant. Contra a Tuberculose e Advogado;
- Placidino Passos – Assistente Técnico de Ensino;
- Durval Araújo – Chefe da Seção de Estatística;
- Durval Araújo – Chefe da Seção de Estatística;
- Arthur Meireles – Médico Escolar;
- Alfredo Lemos – Inspetor Técnico de Ensino;
- José Augusto Soares – Médico da Inspetoria de Lepra e Doenças Venéreas do Estado do Espírito Santo;
- Domingos Ubaldo – Diretor do Grupo Escolar “Alberto de Almeida”, de Vitória;
- João Ribas da Costa – Inspetor do Ensino, diretor do 1º Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico da 3ª Região Escolar;
- Maria Leonidia Pereira dos Santos – do Curso de Adaptação à Escola Normal Pedro II, de Vitória;
- Manoel Carvalho de Anchieta – Professor de Educação Física;
- Custódia Gomes de Souza – do Curso de Adaptação à Escola Normal Pedro II;
- Alvara Feu Rosa - do Curso de Adaptação à Escola Normal Pedro II;
- Rita Monteiro Torres – Professora do Grupo Escolar “Deocleciano Oliveira”, de Siqueira Campos;
- Enoe Vieira Bruzzi – do Grupo Escolar “Marcondes de Souza”, de Muqui;
- Carmem Wanderley Rodrigues – do Grupo Escolar “Professor Lellis”, de Alegre;
- Maria de Lourdes Pinheiro - do Grupo Escolar “Professor Lellis”, da cidade de Alegre
- Maria F. de Paiva Monteiro da Silva – do Grupo Escolar “Marcondes de Souza”, de Muqui;

- Placidino Passos – Assistente Técnico de Ensino
- Oswaldo Marchiori – Diretor do Grupo Escolar “Bernadino Monteiro” de Cachoeiro de Itapemirim;
- Rita Monteiro Torres – do Grupo Escolar “Deocleciano d’Oliveira”, de Siqueira Campos;
- Custodia Gomes de Souza – do Curso de Adaptação anexo à Escola Normal “Pedro II”;
- Alvara Feu Rosa - do Curso de Adaptação anexo à Escola Normal “Pedro II”;
- Maria Leonidia Pereira - do Curso de Adaptação anexo à Escola Normal “Pedro II”;
- Néa M. Miranda – do Grupo Escolar “Marcondes de Souza”, de Muqui;
- Honorilda Pimentel Malta - do Grupo Escolar “Professor Lellis”, da cidade de Alegre;
- Enoe Vieira Bruzzi – do Grupo Escolar “Marcondes de Souza”, de Muqui.

Anno 3, n. 22, mar. 1936

- Claudionor Ribeiro;
- Jinarajadasa – *Magister in Atribus* pela *Universidade de Cambridge* e antigo Vice-Presidente da *Sociedade Theosophica* (1927-1928);
- Maria Leonidia Pereira - do Curso de Adaptação anexo à Escola Normal “Pedro II”;
- Deusdedit Babtista – Lente da Escola Normal “Muniz Freire” de Cachoeiro de Itapemirim;
- Irene Mattos de Azevedo – do Grupo Escolar “Vasco Coutinho”, de Vila Velha;
- Néa Morgade de Miranda – do Grupo Escolar “Marcondes de Souza”, de Muqui;
- Barreto Filho;
- Aurelio Pinheiro.

Anno 3, n. 23-24, jul.-ago. 1936

- Claudionor Ribeiro;

- Arnulpho Mattos – ex-Diretor do Departamento de Educação e atual Secretário da Educação e Saúde Pública;
- Raul de Paula – Secretário Geral da S. A. A. T;
- Christiano Fraga – Diretor do Departamento de Saúde Pública;
- Placidino Passos – Chefe da Inspeção do Ensino Primário;
- Archimimo Mattos – da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, de Vitória;
- Dr. Américo Monjardim;
- Francisca Rodrigues – Deputada Estadual de São Paulo;
- Rosa Kolodi – Professora do Grupo Escolar Pedro II, em Curitiba – Paraná;
- Abel Fagundes – Professor Assistente Técnico de Ensino em Minas Gerais;
- Celina Amelia de Resende – do Grupo João Santos de São João d’El Rei, Minas Gerais;
- Rosalina Almeida da Silva – Diretora Interina do Grupo Escolar “Alberto de Almeida” de Vitória.

Anno 3, n. 25-26-27-28, set.-out. -nov.-dez. 1936

- Claudionor Ribeiro;
- Arnulpho Mattos – Secretário da Educação e da Saúde Pública;
- Rafael Ramirez – antigo Chefe do Departamento de Educação Rural do Ministério da Agricultura do México;
- Dr. Mario Bossois Ribeiro – Chefe do Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitária Escolar;
- João Bastos – Deputado Estadual
- M. A. Teixeira de Freitas – Diretor de estatística do Ministério da Educação;
- Sylvio Azevedo – Professor do Ginásio do Estado de Tatuí, São Paulo;
- Jovita Nogueira – Professora de Educação Física;
- Noemia Saraiva de Matos Cruz – Diretora do Grupo Escolar Butantã, no Estado de São Paulo;
- Alceu Martins & Mario Autuori – do Instituto Biológico da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo;

- Sylvia Meirelles da Silva Santos – Lente da Escola Normal “Pedro II”;
- Raul de Paula;
- Maria José Albuquerque;
- Maria Ortiz de Mattos;
- Eduardo de Andrade e Silva – Delegado do Governo do Estado do Espírito Santo junto à Federação Espírito-Santense de Escoteiros;

Anno 4, n. 29, maio. 1937

- Claudionor Ribeiro;
- Ulysses Ramalhete – Inspetor do Ensino Secundário;
- Mario Pinheiro – Médico e Professor;
- Alvara Feu Rosa – Curso de Admissão anexo à Escola Normal “Pedro II”;
- J. Pinto de Bandeira;
- Eloah Gonçalves – do Grupo Escolar “Professor Loureiro”.

Anno 4, n. 30-31, jun.-jul. 1937

- O. Rodrigues de Freitas – da A. P. I.;
- Ormando de Moraes – Professor Normalista;
- Jacy Leão Castello – Professora Normalista;
- J. Gouvêa;
- Americo de Novaes;
- Regina Bittencourt.

APÊNDICE D

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA DOS ARTIGOS DE ABERTURA E ARTIGOS DE FUNDO VEICULADOS NA REVISTA DE EDUCAÇÃO (1934-1937)

Título	Tema
Grupo Escolar "Padre Anchieta"	ESC
Breve relato do problema pedagógico no E. Santo	PE
O problema da apreciação da inteligência: um inquérito famoso	PSI
Como os bons professores instruem e educam	DID
Cooperativas escolares	PAE
Semiofonia mímica	LIN
A paz pela educação	PE
Instruções ao professorado	DID
Circular n. 3: Aos professores	SCEC
O serviço medico escolar em face da educação e da saúde	S
Didática da língua maternal	DID
A educação física como fonte de moral	EF
Alberto Torres e os problemas de saúde publica	S
A ginastica respiratoria a base da educação física	EF
União Pan-Americana	SCEC
Radio e cinemas escolares	PAE
Museus escolares	PAE
Conceito de Escola Única	PDG
A dança e a ginastica rítmica na educação física feminina	EF
Mãe e Filho (Poesias escolares)	VAR
Instruções ao professorado	DID
Higiene do atletismo	EF
Curso de educação sanitária escolar	S
O livro e a imprensa a serviço da educação	MD
A nova ciencia de "ver"	S
Aos professores: circular n. 4	SCEC
O problema da Educação	PE
O magistério Primário	DID
Museus escolares	PAE
Programmas de ensino	PE
Relatorio Geral dos trabalhos do VI Congresso Nacional de Educação	PE
Educação Sexual	S
A assistencia dentária a's escolas	S
Plano de Aula	DID
Principaes classificações dos estabelecimentos de ensino	EST
A segunda semana ruralista	ER
A educação e o porvir do Espírito Santo	PE
Um percursor anonymo da escola moderna	DID
A orthographia constitucional	LIN
Museus Escolares	PAE
Contribuição da Escola Regional, para o melhoramento do habitat rural. O ensino e os subsídios technicos	ER
Educação Physica	EF
As questões sexuaes em face da política	PE
A inspecção medica e a educação sanitaria escolar do Espírito Santo	S
As publicações do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual	MD

Legenda:

DID: Didática
 EF: Educação Física
 ER: Educação Rural
 ESC: Escolas
 EST: Estatística Escolar
 HIS: História
 LIN: Lingüística
 MD: Material didático
 PAE: práticas auxiliares ao ensino
 PDG: Pedagogia
 PSI: Psicologia
 PE: Política educacional
 S: Saúde
 SCEC: Serviço de Cooperação e Extensão cultural
 VAR: Variedades (biografias, poesias, contos, discursos)

Título	Tema
O décimo aniversário da Associação Brasileira de Educação	PE
Plano de aula para o 3º ano	DID
Educação Progressiva	PE
Analyse logica	DID
Museus escolares	PAE
O radio como fator educacional	PAE
Conversa	DID
O ensino da mathematica	DID
A educação physica como factor de progresso	EF
A escola moderna e a política	PE
Educação Physica	EF
Alberto de Almeida	VAR
Museus Escolares	PAE
A escola nova e os methodos activos	PDG
Glycinias	VAR
O ensino da mathematica	DID
Educação physica – seus efeitos physiologicos	EF
Um capítulo do livro de Humberto de Campos: “Destinos...”	VAR
O prazer do professor	DID
O methodo analytico de leitura	DID
Os Clubes Agrícolas Escolares	ER
Amor á primeira vista	DID
Rumos certos	PDG
Principios e fins dos clubes agrícolas escolares	ER
Ligeiras apreciações sobre a educação physica da mulher	EF
Como o Methodo Francês satisfaz a exigência da educação physica	EF
Museus escolares	DID
Discurso de paronympho. Pronunciado na collação de grão da turma de 1934 da Escola Normal “Moniz Freire” de Cachoeiro de Itapemirim	VAR
Clubes Agrícolas Escolares	ER
Etapa gloriosa	SCEC
Museus escolares	DID
Está certo	DID
Importancia dos exercicios physicos	EF
Novos rumos	PE
Duas palavras sobre introduccção da methodologia	DID
Os jogos na educação physica	EF
Estatística escolar do Espírito Santo	EST
4º Centenario da colonização do Estado do Espírito Santo	HIS
Ensino publico	PE
Alguns dados sobre o ensino no passado	HIS
Doctus Sine Libro	PDG
Museus escolares	DID
A orthographia simplificada ainda está em vigor	LIN
O ensino da mathematica	DID
A dramatização	DID
A educação physica no gymnasio do Esp. Santo	EF
Aldeias escolares (da socialização pela escola)	PE
A educação funcional e a moral nas escolas	PDG
Colonização	HIS
Tirar a escola das salas de aula	DID
Plano de Ensino da geographia e da historia na escola rural	DID
A conquista do novo methodo de ensino	PDG

Título	Tema
Exames	DID
Sempre o mesmo thema	PE
Radio Club do Espirito Santo	PAE
Universidade Nacional de ensino técnico rural	ER
A semantica do vocabulo indigena capichaba	LIN
BRASILIENSIS, seu bahyensis beatificationis & Canonizationis venerabilis servi dei Joseph de Anchieta Sarcedotis Profefi JESU	VAR
Museu Escolar	DID
Língua Brasileira	LIN
Educar	PDG
Como é recebida a Revista de Educação	SCEC
Minha Terra	VAR
Porque devemos aplicar a Educação Physica	EF
Congressos de Educação	PE
Discurso	VAR
Em prol do ensino	VAR
Educação pelo interesse	PDG
Estatística escolar	EST
Esripturação escolar e estatística	EST
A educação sanitaria e o futuro do Brasil	S
A criação dos bancos escolares nos nossos estabelecimentos de educação	PAE
O professor e a prophylaxia da lepra	S
Denominações e construções de escolas	ESC
O que faltou dizer no Congresso Pedagógico	ESC
O ensino da geografia na escola primária	DID
Ligeira apreciação sobre a educação physica da criança	EF
O ensino das sciencias physicas e naturaes na escola primaria	DID
O desenho applicado ás diversas disciplinas	DID
O ensino da geografia	DID
Como educar	PDG
Qualidades do professor	DID
Os primeiros ensaios da formação moral e intellectual	PDG
Evoluções da musica	HIS
Planos de aulas	DID
Planos de aulas	DID
Planos de aulas	DID
Planos de aulas	DID
Planos de aulas	DID
Planos de aulas	DID
Planos de aulas	DID
Plano de aula	DID
Planos de aulas	DID
Colônias de Férias	PAE
O professor e a creança	PDG
Comenius	VAR
Exames de admissão	DID
A finalidade da educação	PE
Uma aula de geographia	DID
Velho coqueiro	VAR
Malhado	VAR
Clube Agrícola Escolar	ER
3.ª Exposição de Imprensa Escolar	PAE
O dia Pan-Americano	VAR
História que se repete	PE

Título	Tema
A Obra Torreana n'uma visão retrospectiva	ER
A acção da S. A. A. T. no movimento educacional brasileiro	PE
Os clubs agricolas escolares	ER
Recordar é viver	VAR
A alimentação como fonte de saúde	S
Em marcha para a civilização rural	ER
Plano para o ensino das sciencias naturaes	DID
Valor do Club Agricola	ER
Plano de aula	DID
O dia das Américas	VAR
Congresso de Educação Rural	ER
Discurso de paranympo	VAR
O México e sua educação rural	ER
As colonias de ferias e o serviço medico escolar no Espírito Santo	S
Pela educação	PE
Instituto Nacional de Estatística	EST
Saudação	VAR
Ligeiros comentarios sobre a higiene e a educação fisica no Brasil	EF
Educação Rural	ER
Educação Rural campanha contra as saúvas	ER
Bibliothecas circulantes	SCEC
Alimentação sadia em prol das cantinas escolares	S
Escotismo aos paes do novo escoteiro	PAE
A escola, o mestre, seu methodo de ensino	DID
A casa do povo	ER
Congresso de Ensino Rural	ER
Carta aberta ao professor de curso de ferias	PE
Lição de cousas	DID

APÊNDICE E

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA DOS TEXTOS DA SEÇÃO COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL (1934-1937)

	Legenda:		Tema
circular n. 1	DID: Didática		SCEC
circular n. 2	EF: Educação Física		SCEC
Uma carta qu	ER: Educação Rural		SCEC
O Cinema na	ESC: Escolas		PAE
Vitória e o me	EST: Estatística Escolar		PAE
A União Pan-	HIS: História		SCEC
A fraternidade	LIN: Lingüística		VAR
Os trabalhos	MD: Material didático	a de Educação	EF
Física	PAE: práticas auxiliares		
Imprensa Esc	ao ensino	nal educativo	MD
Iniciação do e	PDG: Pedagogia	ncia	PSI
Movimento es	PSI: Psicologia	ito Santo	EST
Sumula da es	PE: Política educacional	em 1933	EST
Educadoras S	S: Saúde		S
O radio e o er	SCEC: Serviço de		PAE
Educação Fís	Cooperação e Extensão		EF
Solucionando	cultural	ntologia	S
Educação Fís	VAR: variedades		EF
Estado e Edu	(personalidades,		PE
Clubes Agríc	poesias, contos,		ER
A moderna le	discursos)	Estado do Espírito	PE
Santo			
Educação Pa			PE
A tarefa da n			EF
Entre dois m			PE
Campanha de			S
Novidades ed			VAR
Educação Ph			EF
Diário da Mar			SCEC
A promoção p		o tempo	DID
A avicultura n			ER
Cultura Phys		o insticto do	EF
rythmo			
Como e quan			S
O avanço pec			PE
Bibliothecas i			PAE
Mortalidade l			S
Sua magestade a criança			PE
A instrucção no estado do Espírito Santo			PE
Segunda exposição de imprensa escolar			MD
Exercício physico: sua acção therapeutica e prophylatica			S
O ensino público no Espírito Santo			PE
O Jornal Escolar			MD
Cinema Escolar			PAE
Problemas de Psychologia			PSI
A sericicultura na escola primaria			ER
A conservação dos monumentos de arte e história			MD
A estatística bibliotecária no Brasil			EST
Psychologia			PSI

Título	Tema
Objectos da psychologia	PSI
Mensagem da Academia Espírito Santense dos novos	PE
Primeiro Congresso de Aperfeiçoamento Pedagógico	VAR
Resenhas de aulas padrão	DID
Atividades da secção de Cooperação intelectual da união Pan-Americana 1933-1934	SCEC
Comunicados da Associação Brasileira de Educação	PE
A 3ª exposição de imprensa escolar	VAR
Bibliothecas circulantes	SCEC
A inauguração do Grupo Escolar de Paul	ESC
Caixa Escolar "Alzira Bley"	PE
Os problemas do ensino no Espírito Santo	PE
Comunicados da Associação Brasileira de Educação	PE
Comunicados da Associação Brasileira de Educação	PE

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)